

**O PROJECTO PARA A FORTALEZA  
DA ILHA DE MOÇAMBIQUE ATRIBUÍDO A  
MIGUEL DE ARRUDA**

Dissertação do Mestrado Integrado de Arquitectura

Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia

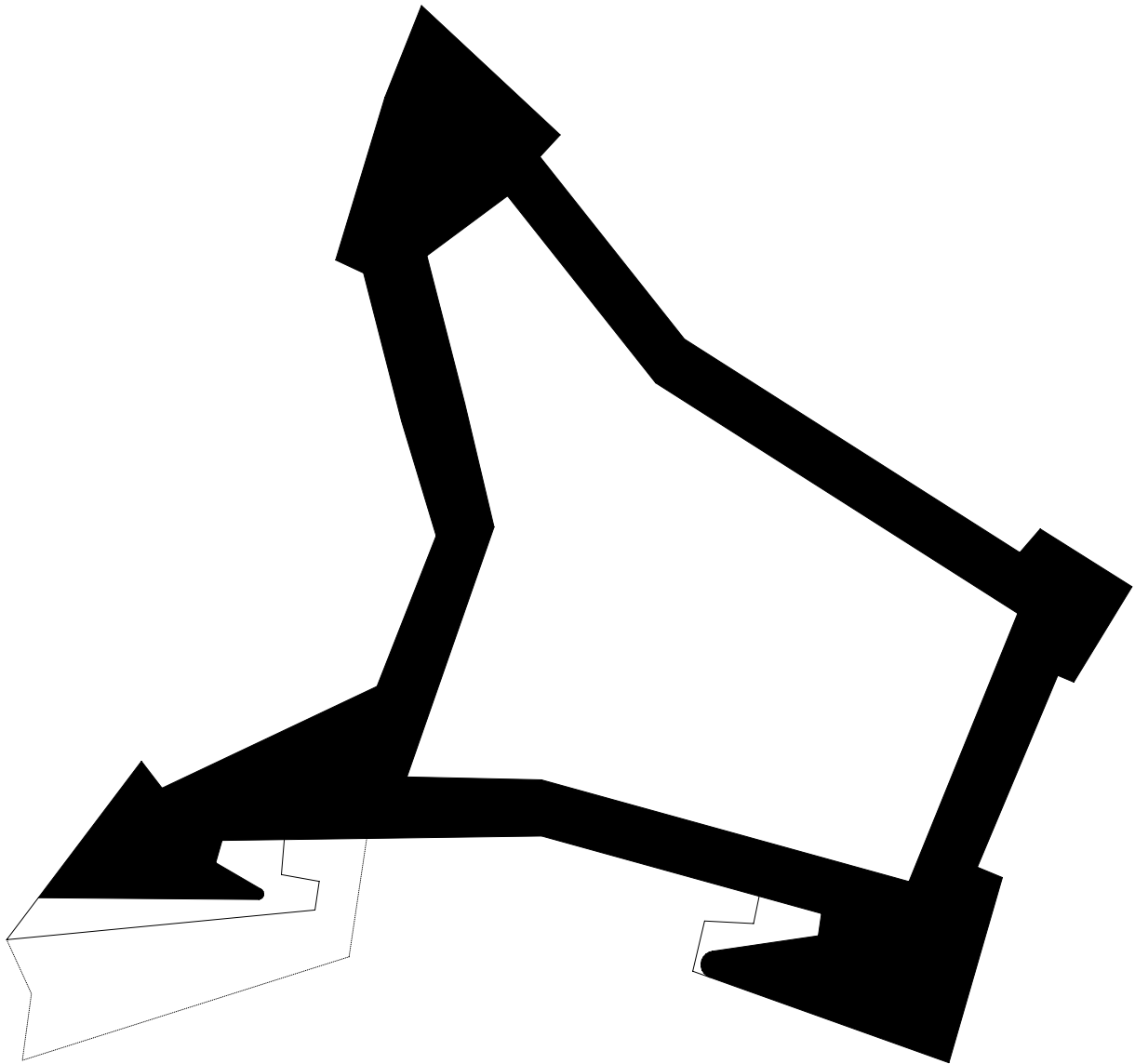
Universidade de Coimbra

NUNO SIMÃO GONÇALVES

PROFESSOR DOUTOR ARQUITECTO RUI LOBO (orientador)

Junho de 2011

Volume 1



# **O PROJECTO PARA A FORTALEZA DA ILHA DE MOÇAMBIQUE ATRIBUÍDO A MIGUEL DE ARRUDA**

minha Esposa e ao meu Filho

Aos meus Pais

Aos meus Sogros

Aos meus Tios

Ao meu Orientador, Professor Doutor Arquitecto Rui Lobo

Ao Gabinete de Jos Forjaz Arquitectos, em especial ao Arquitecto Victor Tomas, pela gentil disponibiliza o de pe as desenhadas da Fortaleza de S o Sebastiao.

Ilha de Moambique

## ÍNDICE

1   INTRODUÇÃO .....	6
2   RESUMO.....	8
3   A ARQUITECTURA MILITAR NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557).....	9
4   O MESTRE MIGUEL DE ARRUDA (1500-1563).....	19
5   O PROCESSO CONSTRUTIVO DA FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO .....	34
6   CONCLUSÃO.....	62
7   CRONOLOGIA .....	67
8   BIBLIOGRAFIA .....	70

*Esta ilha pequena, que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, e de Sofala:  
E por ser necessária, procuramos,  
Como próprios da terra, de habita-la:  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chama-se a pequena ilha - Moçambique.*

CAMÕES, Luís de - *Os Lusíadas*. Lisboa: Oficina de António Gonçalves, 1572.

*A fortaleza mergulha no mar  
os cansados flancos  
e sonha com impossíveis  
naves moiras.*

KNOPFLI, Rui - *A ilha de Próspero*. Lisboa: Edições 70, 1989.

*Não é a pedra.  
O que me fascina  
é o que a pedra diz.*

COUTO, Mia - *Idades, Cidades, Divindades*. Maputo: Ndjira, 2008.

## 1 | INTRODUÇÃO

A escolha deste tema foi desencadeada por uma aula de Historia da Arquitectura Portuguesa, leccionada pelo Professor Doutor Arquitecto Alexandre Alves Costa, no Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

O assunto tratado nessa aula incidia sobre a obra de Miguel de Arruda, e chamou-me particularmente à atenção a referência à Fortaleza de São Sebastião, na Ilha de Moçambique. Logo pensei, ser este um bom caso de estudo para a minha Dissertação de Mestrado.

Moçambique foi a terra que me viu nascer, e onde vivi momentos inesquecíveis. Especialmente, sempre me fascinou a Ilha de Moçambique pelo seu legado patrimonial. Deste legado, a referida fortificação sempre me fascinara, pela sua imponência, elegância, e história implícita em cada pedra de coral que constitui o seu todo.

Ao começar a investigar sobre o monumento e seu presumível autor, Miguel de Arruda, fui-me apercebendo que a informação sobre ambos era escassa, dispersa e, por vezes, contraditória, necessitando de um estudo específico com recolha sistematizada de dados na vertente da arquitectura militar, tendo-se definido assim o fio condutor para este trabalho.

Percorri então uma cativante “*viagem*” de mais de um ano, reunindo e confrontando informações, com descobertas surpreendentes que, directa e indirectamente, contribuíram para um conhecimento mais profundo dos dois protagonistas desta Dissertação: Miguel de Arruda e a fortaleza de São Sebastião.

As parcas fontes coevas que se debruçaram sobre esta temática são dissonantes, o que gerou curiosidade e intenção de tentar conferir se efectivamente foi utilizado o

“*debuxo*” de 1546, da autoria de Miguel de Arruda, para a construção da referida fortaleza.

Nesse sentido compilei uma vasta e dispersa iconografia e cartografia de vários autores e épocas sobre a Ilha de Moçambique e respectivo património edificado, para desta forma poder comparar desenhos, cruzando-os com a informação escrita recolhida, tentando deste modo contribuir para a clarificação histórica deste monumento.

## 2 | RESUMO

A história da defesa da Ilha de Moçambique, devido à época em que se insere, resume a mudança de paradigma verificada na arquitectura militar do século XVI na Europa, em geral, e Portugal, em particular.

Neste contexto, Miguel de Arruda acompanhou essas mudanças desde o início da sua formação prática com o seu pai Francisco e tio Diogo na Praça de Azamor<sup>1</sup> (fig.176-177: p.189-190), com o Engenheiro italiano Benedetto di Ravenna nas praças de Mazagão (fig.123-131: p.136-144) e Ceuta<sup>2</sup> (fig.146-149: p.159-162), voltando a esta última na companhia de D. João de Castro<sup>3</sup>.

Já em 1545, este último sugeria a D. João III que se construísse uma nova fortificação na Ilha de Moçambique<sup>4</sup>, substituindo a medieval Torre de S. Gabriel (fig.1-4: p.7-10), com os seus torreões vulneráveis à mais recente pirobalística.

Por estas sugestões e rumores de eminentes ataques árabes a tão débil praça, o Monarca prontamente ordena a Miguel de Arruda, que em 1548 viria a ser o “*Mestre dos Muros e das Fortalezas do seu Reino*”<sup>5</sup>, a execução do “*debuxo*” para a nova fortificação<sup>6</sup>, projectada segundo a mais recente traça abaluartada, conforme testemunha a planta (fig.10: p.16) datada de 1610, que consta no álbum “*Plantas de Praças das Conquistas de Portugal*”<sup>7</sup>, do cosmógrafo Manuel Godinho Heredia (Eredia) que representa a fortaleza em configuração próxima da actual.

---

<sup>1</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura do.... 1991. p.376

<sup>2</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico.... 1988. Vol.1, p.67-68

<sup>3</sup> Ibidem. p.69

<sup>4</sup> Conforme carta de D. João de Castro a D. João III “*escrita em Moçambique, entre 1 e 8 de Agosto de 1545*”. O original desta carta encontra-se, ainda que incompleta, na Torre do Tombo – Notícia dos Ms. Da Costa de S. Lourenço, Vol. V. Fls. 103r. A 106v. Vem transcrita em os Ms. 1734, 2161 e 2943 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Foi publicada em: O Investigador Português em Inglaterra. Vol.16. Londres: 1816. P.397 a 406. Aqui transcrita por: COSTA, A. F. - Para a História da.... 1940. p.13-21

<sup>5</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico.... 1988. Vol.1, p.72-73

<sup>6</sup> Ibidem, p.71

<sup>7</sup> “*Feytas por ordem de Ruy Lourenço de Távora, Vizorey da Índia. Por Manoel Godinho de Eredia, Cosmographo, em 610*”. Álbum, com 20 ilustrações de plantas, “*que pertenceu á biblioteca dos condes de Redondo e se encontra na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, tendo acompanhado a corte portuguesa na sua deslocação para o Brasil nos inícios do século XIX*”. CARITA, R. - Estudo.... 1999. p.18



### 3 | A ARQUITECTURA MILITAR NO REINADO DE D. JOÃO III (1521-1557)

Na Europa, a introdução da pólvora na tecnologia bélica pesada do século XV veio desencadear uma mudança de paradigma na arquitectura militar da época.

Apesar de alguma resistência à inovação dos sistemas defensivos, até então dominados por torres quadrangulares (fig.159a: p.172) e, posteriormente, por torreões cilíndricos (fig.159b: p.172), que protegiam as muralhas das cidades medievais, a ineficácia destes perante a força destruidora da nova artilharia tornou inevitável o recurso a novas formas arquitectónicas de defesa, que fossem geométrica e construtivamente menos vulneráveis às destruidoras trajectórias dos projecteis (fig.159c e d: p.172).

Neste período a Itália encontra-se no auge do Renascimento, sendo os novos desafios militares uma fonte de inovação e inspiração para os protagonistas deste movimento.

A teorização da guerra<sup>8</sup> impulsiona o desenvolvimento da arquitectura militar, sendo preponderante a contribuição da publicação de tratados, tanto em reedições de autores clássicos, como o “*De Architectura*” (Roma, 1486)<sup>9</sup> de Vitruvius, o “*De re militari*” (Utrecht, 1473)<sup>10</sup> de Vegécio ou o “*Almagesto*” de Ptolomeu (Veneza, 1515)<sup>11</sup>, como na edição de novos, como o “*De re aedificatoria*” (Florença, 1485-1486)<sup>12</sup> de Leon Battista Alberti, o “*Trattati di architettura, Ingegneria e Arte Militare*” (Florença, 1486)<sup>13</sup> de Francesco di Giorgio Martini ou o “*Quattro Primi Libri di Architettura*” (Veneza, 1554)<sup>14</sup> de Pietro Cataneo, entre muitos outros, que com a preciosa ajuda de Gutenberg e a

---

<sup>8</sup> “Na Itália do século XV a guerra tornara-se uma arte. Os mercenários profissionais, os condottieri, reflectem sobre problemas tácticos e reforçam os seus argumentos com citações tiradas dos clássicos gregos e latinos, criando o moderno estudo teórico da guerra. E assim que Gonçalo de Córdova, o Grão-Capitão, revoluciona a estratégia do seu tempo ao reorganizar os batalhões da infantaria suíça e alemã, os lansquenets, segundo as regras da legião romana. Ao mesmo tempo, artistas ilustres recebem encomendas para engenhos, fortificações e até planos militares, sendo aclamados como heróis quando ocorria vitória (caso de Miguel Ângelo no cerco de 1527 em Florença)”. MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.143

<sup>9</sup> “pelo filólogo Giovanni Sulpicio da Veroli, em latim e sem ilustrações”. Ibidem. p.41

<sup>10</sup> Ibidem. p.63

<sup>11</sup> Ibidem. p.225

<sup>12</sup> CONCEIÇÃO, M. - Da Cidade e.... 2008. p.32

<sup>13</sup> Ibidem. p.49

<sup>14</sup> Ibidem. p.342

sua invenção da tipografia, nos meados do século XV<sup>15</sup>, foram impressos e divulgados por toda a Europa, impulsionando a proliferação destes conhecimentos.

Esta avidez generalizada por uma solução arquitectónica eficaz de defesa e ataque, adaptada à emergente tecnologia bélica, conflui para um sistema de fortificação abaluartada (fig.159c e d: p.172), que viria a assumir-se como a mais autêntica e original criação do Renascimento<sup>16</sup>.

Assim, a Fortaleza passou a ser uma ferramenta cobiçada pelas grandes potências europeias no início do século XVI, desmultiplicando-se estas em esforços para a conquistarem.

Depois de uma fase de transição, nos finais do século XV e início do XVI (fig.159b: p.172), onde os perímetros fortificados evoluíram da medieval torre quadrada (fig.159a: p.172) para torreões redondos mais baixos e grossos (fig.172-175: p.185-188) que os antecessores, começaram a surgir, no segundo quarto do século XVI, as novas fortalezas abaluartadas (fig.159c e d: p.172), construídas segundo as mais recentes premissas e teorias tratadísticas para fazer frente à belígera vanguarda.

Outra das características que as distingue, além da sua inovadora geometria, é a introdução de novos materiais construtivos, que até então eram, maioritariamente, pedra e cal. O tijolo (fig.155: p.166) passa a ser uma opção mais eficaz na absorção do impacto dos projecteis<sup>17</sup>.

Como exemplos destas novas fortificações, entre muitos outros, destaca-se a Fortaleza de Basso (fig.136: p.149), construída em Florença segundo o projecto de António da Sangallo il Giovane<sup>18</sup>, e a modernização do traçado exterior da Fortaleza de San

---

<sup>15</sup> PEDRO, M. – Gutenberg.... 1945.

<sup>16</sup> MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.144

<sup>17</sup> BURY, J. - Francisco de Hollanda.... 1979, vol. XIV.

<sup>18</sup> GIOVANNONI, G. - António da Sangallo il Giovane.... 1959.

Sebastian (fig.150-152: p.163-165), por Benedetto de Ravenna<sup>19</sup>, ambas em 1534<sup>20</sup>. Estes modelos pioneiros vão influenciar a arquitectura militar nos séculos vindouros, sendo os seus segredos construtivos muito cobiçados pelas grandes potencias da altura.

Este factor vai gerar um complexo sistema de informação e formação técnica que se fazia predominantemente por duas vias.

Uma passava por enviar estudiosos a Itália com o intuito de aprenderem com os eminentes mestres locais que estavam na vanguarda desta arte multidisciplinar; outra via era contratar engenheiros, arquitectos, e mestres de obra italianos para virem partilhar os seus conhecimentos em projectos concretos, onde os congéneres locais aprendessem esse ofício<sup>21</sup>.

Apesar destes dois métodos terem sido descritos por Daniele Bárbaro nos meados de quinhentos<sup>22</sup>, já D. João III os tinha posto em prática anos antes quando, em 1538 enviou numa viagem de estudo a Itália o artista e escritor Francisco de Holanda (1517-1584)<sup>23</sup>, com o intuito de recolher informações escritas e desenhadas das principais fortalezas<sup>24</sup>, e quando solicitou os serviços do perito Benedetto de Ravenna para as fortalezas norte africanas.

No caso de Francisco de Holanda, conviveu durante três anos com importantes protagonistas do Renascimento como Miguel Ângelo e António da Sangallo il Giovane<sup>25</sup>, tendo desenhado e tirado notas que viriam a ser muito úteis para a construção castrense nacional (fig.152-154: p.165-167) pelo que, aquando do seu regresso em 1541, D. João III fez questão de que a sua opinião (fig.153-154: p.166-

---

<sup>19</sup> BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.131.

<sup>20</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.141.

<sup>21</sup> MOREIRA, R. - Fortalezas do Renascimento....1994. p.127-129

<sup>22</sup> "This argument was expounded in the so-called 'essay on secrecy' which he interpolated into the critical edition of Vitruvius in Italian translation that was eventually published in 1556". BURY, J. - The Italian.... 2000. p.79.

<sup>23</sup> BURY, J. - Francisco de Hollanda.... 1979,

<sup>24</sup> Ibidem. p.79.

<sup>25</sup> Ibidem. p.80.

167), acerca do projecto da Fortaleza de Mazagão (fig.123-131: p.136-144), fosse incluída<sup>26</sup> na dos restantes peritos que contribuíram para esta obra de referencia do Renascimento<sup>27</sup>.

Entre esses conselheiros figuravam Miguel de Arruda, Diogo de Torralva, João de Castilho e um Engenheiro Militar, que D. João III solicitara ao seu cunhado Carlos V, chamado Benedetto de Ravenna, conhecido do Infante D. Luís, irmão do monarca português, das campanhas militares do Imperador em Tunes, seis anos antes, onde também participaram futuros “*grandes difusores do novo sistema de fortificação como D. João de Castro, Lourenço Pires de Távora, João Gomes da Silva e D. Pedro de Mascarenhas*”<sup>28</sup>.

As consultorias de engenharia militar prestadas por Benedetto de Ravenna ao Reino de Portugal foram cruciais para o ensino prático da fortificação abaluartada aos engenheiros, arquitectos, mestres de obra e militares lusos<sup>29</sup>.

A fusão dos dois métodos de assimilação destes conhecimentos emergentes em Itália, referida por Bárbaro, tinha tido sucesso em Portugal, com o imprescindível apoio, visão e sabedoria do irmão do monarca, o Infante D. Luís.

A mestria experienciada de forma prática por Benedetto de Ravenna aplicada na maqueta à escala real que foi Mazagão, aliada à teoria apreendida e divulgada por Francisco de Holanda e às incompletas<sup>30</sup> traduções para português, solicitadas por D. João III<sup>31</sup>, dos mais importantes tratados da altura (como o de Vitruvio, iniciada por Pedro Nunes<sup>32</sup>, Alberti, encomendada a André de Resende<sup>33</sup>, Dürer, por Isidoro de

---

<sup>26</sup> Existe um pequeno esboço de Francisco de Holanda que poderá ter servido de base para a fortaleza de Mazagão. (Fig. 153-154: p.166-167).

<sup>27</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.147.

<sup>28</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura Militar do.... 1981. p.293

<sup>29</sup> MOREIRA, R. - Fortalezas do Renascimento....1994. p.129

<sup>30</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.424

<sup>31</sup> Ibidem. p.424

<sup>32</sup> Ibidem. p.424

<sup>33</sup> Ibidem. p.424

Almeida<sup>34</sup>, entre outros<sup>35</sup>), geraram um sistema de ensino da Arquitectura sem precedentes, criando “*uma nova imagem pública do arquitecto*”<sup>36</sup>, com novas metodologias de trabalho, de que resultaram muitos prodígios desta Arte que influenciaram as gerações vindouras.

O início da construção desta Fortaleza, em 1541, com todo o processo que lhe é inerente, marca um momento de charneira na história Portuguesa, não só nos avanços tecnológicos e estéticos daí resultantes para a Arquitectura em geral, e militar em particular, como também numa rápida “*metamorfose do mestre-pedreiro medieval no arquitecto moderno*”<sup>37</sup>, como “*artista-demiurgo*”<sup>38</sup>, autor de um “*objecto arquitectural entendido como um todo, concebido sistematicamente em vista de um local, de uma função, de uma ideia*”<sup>39</sup> desenhada, modelada<sup>40</sup>, discutida com promotores, colaboradores multi-disciplinares e alterada, se necessário, até se chegar à solução pretendida.

Esta conjuntura marcou uma nova era na expansão portuguesa, reforçando o domínio das praças que já possuía e as que se vieram a possuir nas décadas subsequentes. Rapidamente D. João III ordena a reestruturação da rede de fortalezas existentes, prescindindo de algumas, em particular no norte de África<sup>41</sup>, como as de Azamor (fig.176-177: p.189-190) e Safim<sup>42</sup> (fig.178-180: p.191-193) e, mais tarde, Alcácer

---

<sup>34</sup> Ibidem. p.424

<sup>35</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura Militar do.... 1981. p.294

<sup>36</sup> Ibidem. p.294

<sup>37</sup> Ibidem. p.282

<sup>38</sup> Ibidem. p.291

<sup>39</sup> Ibidem. p.291

<sup>40</sup> A execução de maquetas á escala para estudo do projecto aparece referida por ANDRADA (1613), onde D. João III manda Miguel de Arruda fazer uma maqueta do monte do Seinal com a respectiva proposta de fortaleza, para entender as suas intenções projectuais: “*E porque também se lhe oferecião outras duvidas do Seinal apontadas por Miguel de Arruda, que se não podião averiguar perfeitamente sem mais larga informação, lhe mandou que **fizesse hum modelo** do monte, e da obra que estava feita nelle, e da que se ordenava fazer, com todas as suas medidas, e duvidas muyto bem declaradas, e se viesse com elle ao reyno,...*”. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto.... 1613. p.46

<sup>41</sup> “*No anno de 1542 largarão-se as Praças de Azamor, e Çafim, e depois as de Alcácer, e Arzilla, ficando reduzidas as nossas possessões em Barberia (costa ocidental do norte de África) a Ceuta, Tanger, e Mazagão. O motivo foi a economia das despezas, que custava a sua manutenção, por haverem crescido excessivamente as da Ásia, e ser forçoso fazer outras muitas no Brasil, cuja colonização principiou, e continuou neste Reinado (D. João III) com louvável actividade*”. QUINTELLA, I. C. - Annaes da marinha portugueza. Tomo 1.... 1840. p.372

<sup>42</sup> Conforme o conselho de Miguel de Arruda e Benedetto de Ravenna. VITERBO, S.; MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.8-14

Ceguer<sup>43</sup> (fig.185: p.198) e Arzila (fig.181-182: p.194-195), criando n ovas, como a da Ilha de Moçambique, e fortalecendo outras, como a de Diu (fig.143-145: p.156-158), ambas em 1546, segundo os mais recentes princípios do sistema abaluartado “à italiana”<sup>44</sup>.

Para fazer frente a tamanha demanda de técnicos capazes de executar este complexo e ambicioso sistema de defesa à escala global, criou-se “*uma verdadeira escola nacional de arquitectura militar e urbanismo*”<sup>45</sup>, sendo Miguel de Arruda uma figura nuclear, assumindo-se como mentor e coordenador do que poderá ter sido um dos primeiros ateliers de arquitectura<sup>46</sup>, com uma vasta equipa multidisciplinar de colaboradores de onde emanaram “*debuxos*”, por via dos seus discípulos, para todo o Reino nos quatro continentes.

Esta hegemonia da arquitectura militar ultramarina na centúria de quinhentos, alicerçada na sua congénere italiana e projectada com mestria pelos protagonistas supra referidos, deu um contributo fundamental na consolidação da estratégia expansionista traçada desde D. Manuel<sup>47</sup>, que assentava numa armada poderosa apoiada em terra por praças fortes, estrategicamente implantadas, de preferência em ilhas próximas da terra firme<sup>48</sup>, “*que permitissem não só dominar o mar e, concomitantemente, as redes comerciais do Oriente para o Ocidente, mas também canalizar o comercio do interior para as linhas comerciais portuguesas, transformando-os em entrepostos comerciais marítimos de grandes zonas geográficas*”<sup>49</sup>.

Aos Portugueses, tal como aos “*Fenícios e Gregos da Antiguidade, interessava-lhes mais tecer uma vasta rede de colónias urbanas, espalhadas ao longo da costa, do que conquistar impérios territoriais*”<sup>50</sup>, método conveniente para um pequeno País de “*baixa*

---

<sup>43</sup> Conforme o conselho de Miguel de Arruda e Diogo Telles. SOUSA, L. - Annaes de.... p.430

<sup>44</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura do.... 1991. p.154

<sup>45</sup> MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.155

<sup>46</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.118

<sup>47</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.159

<sup>48</sup> ROSSA, W. - Cidades.... 1997. p.24

<sup>49</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.159

<sup>50</sup> MARQUES, O. - Historia de.... 1978. p.341-342; ROSSA, W. - Cidades.... 1997. p.31

*densidade demográfica*<sup>51</sup>, com um aparelho de Estado que, mercê de grandes esforços, só então se modernizava e fortalecia”<sup>52</sup>.

O roteiro expansionista, esboçado por D. Manuel, tinha então chegado a um amadurecimento técnico no reinado de seu filho, D. João III, o que permitiu uma maior solidez no domínio dos territórios ultramarinos, assumindo-se a fortaleza como principal protagonista deste xadrez político, preponderante na consolidação do binómio Descobrimentos-Colonização, tendo a primeira uma vertente mais técnico-científica e a segunda um maior “*espírito de cruzada/missionação e exploração dos potenciais económicos*”<sup>53</sup>.

Decorrida uma primeira fase de maior pendor descobridor, que depressa transforma um pequeno e periférico território como Portugal continental numa nação soberana à escala global nunca antes sonhada, que obriga D. João III a estimular o “*tónus muscular*” do seu império ultramarino, compensando desta forma a míngua demográfica<sup>54</sup>, insuficiente para tamanha demanda, passando assim a uma colonização mais abrangente.

A Fortaleza “*espinha dorsal*” desta nova estratégia, além da evidente função castrense, é caracterizada pelos seus atributos religioso, assistencial e comercial<sup>55</sup>.

Militarmente funcionava como “*um núcleo de defesa e ataque*”<sup>56</sup> por vezes com acções de autentica “*guerrilha*” onde a fortificação era utilizada como “*chamariz*” passando-se

---

<sup>51</sup> “A população, a principio paralyzada, e depois sempre diminuida, [...] no periodo de maior esplendor no reinado de D. Manuel, ella nunca excedeu 1.800:000 ou 2.000:000 de almas, no de D. João III, actuando tantas causas contrarias, o decrescimento não só havia de ser forçosamente grande, mas rapido. É o que prova o recenseamento ou «numeramento» determinado por D. João III [...] uma especie de inquerito acerca [...] do numero de seus habitantes, e em 17 de julho de 1527 expediram uma circular, datada de Coimbra, aos corregedores, incumbindo-os de commetterem as averiguações necessarias a seus escrivães, e de communicarem os resultados a Henrique da Mota, escrivão da camara de el-rei, encarregado de os colligir e ordenar. [...] A totalidade da população arrolada desde 1527 até 1532 não passava de certo de 278:468 fogos e de 1.226:000 almas. Suppondo que os religiosos de ambos os sexos n'esse tempo muito numerosos fossem 70:000, e que a milicia andasse por 30:000, assim mesmo ainda não recensearíamos mais de 1.326:540...” SILVA, L. A. R. - *Memoria sobre a...* 1868. p.54-55

<sup>52</sup> ROSSA, W. – *Cidades...* 1997. p.15

<sup>53</sup> ROSSA, W. – *Cidades...* 1997. p.13

<sup>54</sup> ROSSA, W. – *Cidades...* 1997. p.23

<sup>55</sup> BRANDÃO, A. P. - *O Oriente...* 1989. p.160

então ao “ataque por terra e por mar [...] reunindo numa só operação militar todas as táticas e dimensões da guerra”<sup>57</sup>.

São inúmeros os exemplos da época onde se assistiu a estes “teatros” de guerra, como foi o caso dos cercos (fig.8-9, 11: p.14-15, 17), em 1607 e 1608<sup>58</sup>, que os Holandeses impuseram à ainda inacabada Fortaleza de São Sebastião na Ilha de Moçambique onde, em ambas as goradas iniciativas, tiveram de retirar com pesadas baixas nas suas hostes.

Em termos religiosos, a fortaleza era de onde irradiava a fé cristã que foi, durante séculos, “a pedra basilar de sublimação do império”<sup>59</sup>, como foi o caso da expedição ao Reino de Monomotapa, actual Zimbabué, ordenada por D. Sebastião em 1569, a Francisco Barreto, sob a influência do Padre Jesuíta Francisco de Monclaros, descrita pelo Frei Manoel dos Santos, na sua obra “*Historia Sebastica*” (Lisboa, 1735), onde se pode ler outro excerto que ilustra esta vertente religiosa das Fortalezas, que diz “... da Corte de Tonga veyo a Moçambique (Ilha) o seu Príncipe, e ouvindo na Fortaleza aos Portuguezes sobre os Mystérios da nossa Fé, e a bondade da Ley Divina contra os absurdos do Alcorão, o tocou Deos com tanta eficácia, que pediu o bautismo; [...] e satisfeito, persuadiu ao pay (Rei dos Tongas) mandasse pedir a Moçambique (ilha) Missionários; [...] pedindo ao Vice-Rey Dom Constantino de Bragança lhe (os) enviasse, [...] que pregassem aquelles bárbaros o Santo Evangelho; o que o Vice-Rey logo fez...”<sup>60</sup>.

A vertente assistencial das praças fortificadas era fulcral para a fluidez e manutenção das rotas navais, não só das tripulações, facultando-lhes cuidados médicos, água potável e mantimentos, mas também dando assistência às próprias embarcações. Podemos encontrar alguns testemunhos deste facto que referem a importância da

---

<sup>56</sup> “Depois de repellirem o primeiro recontro dos bárbaros, passaram os portuguezes da defensiva à offensiva”. BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.6-7

<sup>57</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.160

<sup>58</sup> SOUTO, A. A. M. - Hystorya dos cercos.... 1963.

<sup>59</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.160

<sup>60</sup> SANTOS, Manuel dos - Historia Sebastica. Vol.II. Cap.III.... 1735. p.135



assistência medica do Hospital da Ilha de Moçambique na carta, de Março de 1562, da Rainha D. Catarina para o Vice-Rei da Índia, em que diz “*Porque cumpre muito a meu serviço ser o espirital (hospital) de Moçambique muyto bem provido de todo o que for necessário pera a cura e remédio dos doentes que a elle vão ter, assy da gente que reside na dita fortaleza, como de que inverte das náos que deste Reino vão a essas partes, e doutras que a Moçambique vão, vos encomendo muito e mando que façaes prover o dito espirital assy de mezinhas, drogas de botiqua, como de quaesquer outras cousas [...] pera a cura dos doentes que estiverem no dito espirital...*”<sup>61</sup>, assim como outros registos que fazem referencia ao reabastecimento e reparação das naus como este que diz “*...chegou a Moçambique [...] onde se deteve em quanto se proveo de agua e repairou de huma verga que quebrou á sua nao.*”<sup>62</sup>.

Comercialmente a feitoria era o embrião da fortaleza, podendo mais tarde a primeira multiplicar-se para fora do perímetro amuralhado, mas sempre na “sombra” da protectora castrense, “*que tudo vigiava e protegia*”<sup>63</sup>, sendo aí que se armazenavam as mercadorias a transaccionar, outras em transito de e para o Reino, assim como as provisões para os expatriados que ali viviam, fossem eles militares ou civis.

Essa vertente comercial proporcionava avultados volumes de negocio, dependendo da importância das Praças e das riquezas dos territórios confinantes, tornando por vezes a sua gestão complexa e por vezes danosa, devido à escassez de quadros qualificados e à corrupção.

Dos inúmeros relatos da época que podem ilustrar esta valência, o seguinte fragmento duma carta da Rainha D. Catarina, redigida em 1562, dá um pequeno vislumbre dessa realidade, onde se pode ler “*...aja para sy a vintena parte do marfim que se resgatar na feitoria da dita fortaleza (Sofala) e na de Moçambique...*”<sup>64</sup>, e ainda esta outra crónica de Diogo do Couto, passada em 1559, onde se lê “*...lançaren (a carga) della*

---

<sup>61</sup> RIVARA, J. H. C. - Archivo Portuguez Oriental. Fascículo 5. Parte 2.... 1865. p.501

<sup>62</sup> BARROS, J. - Da Ásia. Década III. Parte 2ª. Livro IX. Cap.I.... 1777. p.347

<sup>63</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.162

<sup>64</sup> RIVARA, J. H. C. - Archivo Portuguez Oriental. Fascículo 5. Parte 2.... 1865. p.500

*(embarcação) ao mar muita fazenda de partes, pimenta de ElRey, e dous mil quintaes de páo preto (madeira de pau preto), com que vinha assas carregada de Moçambique...”*<sup>65</sup>.

Com este exíguo esboço da política expansionista no reinado de D. João III (1521-1557)<sup>66</sup>, particularmente na vertente da arquitectura militar, percebe-se a importância que o monarca atribuía às fortalezas, seus planeadores e executores, por quem tinha muito apreço, usando um critério nacional na selecção dos mesmos, salvo casos pontuais como os das consultorias de Benedetto de Ravenna e de António Ferramolino, no norte de África<sup>67</sup>, ambas na quarta década de quinhentos, e sempre com a presença de Miguel de Arruda, sobre o qual nos debruçaremos no capítulo seguinte.

Só com o vazio deixado por este último, aquando a sua morte em 1563<sup>68</sup>, e com a perda de soberania para a Casa de Habsburgo, é que se começa a recorrer mais aos congéneres italianos, como foi o caso de Giovanni Battista Cairate, enviado para o Oriente, em 1583, com o cargo de arquitecto-mor e superintendente das fortificações da Índia<sup>69</sup>.

---

<sup>65</sup> COUTO, D. - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. Livro VIII. Capítulo XII.... 1783. p.264

<sup>66</sup> MELLO, J. L. C. - Compendio da.... 1853. p.87

<sup>67</sup> MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.155

<sup>68</sup> Ibidem. p.155

<sup>69</sup> MOREIRA, R. - Os primeiros Engenheiros-mores.... 1988, p.530.

#### 4 | O MESTRE MIGUEL DE ARRUDA (1500-1563)<sup>70</sup>

Proeminente Mestre de renome da primeira metade de quinhentos, Miguel de Arruda foi o mais operoso descendente da linhagem dos Arruda, dos quais se destacaram o seu irmão Pedro, o seu pai Francisco e seus tios Dionísio e Diogo, “*todos eles activos [...] em torno do ambiente cortesão*”<sup>71</sup> da época, algo preponderante para o seu “*mister*”, já que na altura a assimilação de conhecimentos das artes edificatórias era feita essencialmente por três vias<sup>72</sup>.

Um desses percursos era a formação de bolsistas, com aptidão para o ofício, em conceituados países estrangeiros, como Itália, França, entre outros, financiados por mecenato, geralmente do Rei, salientando-se o caso de Francisco de Holanda que, conforme o próprio afirma, em 1538, com apenas 20 anos, foi enviado por D. João III à Itália para “*fazer desenhos de fortalezas*”<sup>73</sup>.

O “*vinculo à guerra*”<sup>74</sup> era outra das formas de aprendizagem das técnicas castrenses. Um dos inúmeros exemplos, foi D. João de Castro, quarto Vice Rei da Índia<sup>75</sup>, que depois da prematura formação matemática com Pedro Nunes<sup>76</sup>, na companhia do Infante D. Luís<sup>77</sup>, conviveu com a arte militar desde tenra idade, tendo participado em consultorias técnicas, algumas de parceria com Miguel de Arruda, nas Fortalezas do Norte de África, na avaliação negativa da torre de S. Gabriel na Ilha de Moçambique, traçando aí as directrizes para a futura implantação da nova fortaleza, cujo “*debuxo*” foi feito por aquele<sup>78</sup> e, na sua obra maior, a reestruturação da Fortaleza de Diu (fig. 143-145: p.156-158), com a ajuda de Francisco Pires<sup>79</sup>, cuja traça em muito se assemelha à

---

<sup>70</sup> MOREIRA, R. - Os primeiros Engenheiros-mores.... 1988, p.528

<sup>71</sup> LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.67

<sup>72</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.162

<sup>73</sup> BURY, J. - Francisco de Holanda.... 1979. p.164; HOLANDA, F. - Da Fábrica que.... 1984.

<sup>74</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.164

<sup>75</sup> ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835.

<sup>76</sup> Ibidem. p.2

<sup>77</sup> Irmão de D. João III. Ibidem. p.2

<sup>78</sup> LOPES, C. S. - Miguel de Arruda e.... 1938. p.6

<sup>79</sup> Ibidem. P.8; CORREIA, G. - Lendas da Índia. Tomo 4.... 1866. p.531; VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.2, p. 299.

da fortaleza de Ceuta<sup>80</sup> (fig.146-149: p.159-162).

A via mais comum era a assimilação deste “*ofício no atelier do pai ou de um amigo*”<sup>81</sup>, conforme aconteceu com Miguel de Arruda, que com apenas 15 anos já era aprendiz no estaleiro do pai e tio em Azamor<sup>82</sup> (fig.176-177: p.189-190) e Mazagão<sup>83</sup> (fig.123-131: p.136-144), onde se familiarizou com a construção de fortificações de que o seu progenitor, exímio nesse “*mister*”, era muito conceituado e inovador, sendo um dos protagonistas de um estilo de transição entre a torre medieval e o moderno baluarte, patenteado na sua obra maior, a Torre de Belém<sup>84</sup>, onde conjugou com mestria esses dois momentos da arquitectura militar do início de quinhentos.

O seu não menos conceituado tio Diogo foi igualmente um mestre de primeira linha da corte de D. Manuel<sup>85</sup> que, em Abril de 1510, achou “*por beem que Dieguo darrura*” fosse “*mestre da [...] obra do coro*” de um “*convento*”<sup>86</sup>, concedendo-lhe em 1521 o cargo, mais tarde ocupado por seu irmão Francisco, de “*mestre de todas as nosas obras, que mandamos fazer em todo Alemtejo*” com a obrigação de “*seruir, prouer e verlas*” e também de “*emleger, debuxar e ordenar quasquer cousas que mandarmos fazer de novo*”<sup>87</sup> sendo-lhe acumulado o cargo de medidor de “*todas nosas obras que se fizerem em todos nossos reinos e senhorios*”<sup>88</sup>.

Em 1529<sup>89</sup>, Diogo foi enviado pelo monarca a inspeccionar as suas possessões norte africanas, na companhia do valoroso militar Duarte Coelho que “*amdou muyto tempo em Italia e em outras partes, omde vio fortalezas e comcertos dellas e assy muros dallgumas cidades e villas, em tall ordenamça qual conveem pera toda seguridade e outras cousas semelhantes de gramde comcerto e segurança e tem experiencia e*

<sup>80</sup> PINTO, M. S. - Dom João de.... 1912. p.100

<sup>81</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.163-164

<sup>82</sup> Referenciado como Miguel Fernandes de Arruda. MOREIRA, R. - A Arquitectura do.... 1991. p.376; LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.68; RODRIGUES, L. A. - De Miranda a Bragança.... 2001. p.138

<sup>83</sup> CARITA, R. - Arquitectura abaluartada.... 2004. p.143

<sup>84</sup> RODRIGUES, L. A. - De Miranda a Bragança.... 2001. p.138

<sup>85</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.42

<sup>86</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.47

<sup>87</sup> Ibidem. p.51

<sup>88</sup> Ibidem. p.51

<sup>89</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.42

*conhecimento destas cousas e da maneira em que se podem melhor segurar e fazer*<sup>90</sup>.

É neste privilegiado contexto familiar e cultural<sup>91</sup> que Miguel cresce e assimila grande parte do seu conhecimento. Mas só quando já tinha mais de trinta anos é que aquele “*insigne*”<sup>92</sup> descendente dos Arruda surge referenciado numa carta de D. João III, onde este faz “*saber a quantos esta minha carta virem que confiando eu de Miguel Daruda, pedreiro, que nysto syrvara bem, com todo o cuidado e deligemcia que a meu serviço cumpre, o dou ora daqy em diante por mestre das obras do mosteiro da Batalha*”<sup>93</sup>, substituindo no cargo João de Castilho<sup>94</sup>, por renúncia deste.

Na mesma década participa, sob a direcção de seu pai<sup>95</sup>, no Aqueduto da Água de Prata, em Évora, alicerçado num preexistente Aqueduto romano, o qual resultou numa das obras de referencia do primeiro Renascimento em Portugal<sup>96</sup>, contribuindo Miguel de Arruda com uma intervenção “*já plenamente classicista*” na Arca de Agua da Rua Nova, “*com seus pares de colunas toscanas nos ângulos, [...] à semelhança de um monumento funerário romano da Sicília, o túmulo de Temo em Agrigento*”<sup>97</sup>.

Ainda em Évora, onde viveu<sup>98</sup>, destaca-se a sua participação, no final da década de trinta, no Convento da Graça, em parceria com Nicolau Chanterene<sup>99</sup>, numa obra de traço clássico<sup>100</sup> “*de carácter experimental, começado como Panteão de D. João III, a*

<sup>90</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.215

<sup>91</sup> “*...a aprendizagem deste mestre de obras dos muros e fortalezas não se poderá ter limitado à herança paterna do mestre de obras (também militares) Francisco de Arruda (act. 1510-1547) e apenas pode ser explicado por outras vias. Uma das quais essencial e óbvia, a via da cultura do próprio encomendador e dos círculos cortesãos que o envolvem, espécie de imans na divulgação da cultura renascentista nas suas várias vertentes. Convém recordar que a corte, e a corte régia sobretudo, é o principal ponto de encontro das novidades políticas e das agendas diplomáticas, atraindo constantemente elementos em contactos com o exterior, com notícias do Velho e do Novo Mundo*”. CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.119

<sup>92</sup> “*Lourenço António Mexia Galvão, na sua Vida do famoso heroe Luís de Loureiro, tratando do forte do Seinal, allude frequentemente a Miguel de Arruda, que classifica de insigne em architectura militar*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.72; SANTOS, R. - Miguel de Arruda e.... 1949. p.3

<sup>93</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.66

<sup>94</sup> Ibidem. p.66

<sup>95</sup> MOREIRA, R. - Arquitectura: Renascimento e.... 1995. Vol. 2. p.346; CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.129; RODRIGUES, L. A. - De Miranda a Bragança.... 2001. p.140

<sup>96</sup> Ibidem

<sup>97</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura do.... 1991. Vol.1. p.362

<sup>98</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.70-71

<sup>99</sup> MOREIRA, R. - Arquitectura: Renascimento e.... 1995. Vol. 2. p.356

<sup>100</sup> Ibidem. p.357

*colaboração dos dois artistas explica algumas incongruências de desenho; mas o uso sistemático da ordem jónica, [...] e a admirável fachada, já pronta em 1540, com os Quatro Gigantes nos cantos num exercício de scenographia vitruviana sem paralelo entre nós, tal como os relevos da capela-mor (1537)”<sup>101</sup>. Apesar deste convívio com a arquitectura clássica, Arruda mantinha-se fiel às suas raízes, tentando, sempre que possível, nacionalizar os cânones clássicos em consonância com a “*política artística joanina*”<sup>102</sup>, moderadamente aberta às influências estrangeiras.*

Em 1541, é requisitado pelo monarca como mestre de obra da nova fortaleza de Mazagão<sup>103</sup> (fig.123-131: p.136-144), facto que reflecte a crescente importância de Arruda na gestão do património militar do Reino, sendo-lhe confiada a execução do que viria a ser a fortaleza mais importante e vanguardista, até então, construída por Portugal. Esta nomeação foi entretanto alterada por ordem real, pelo sucesso de última hora na contratação do perito em arquitectura militar, Benedetto de Ravenna (c.1485-1556)<sup>104</sup>, solicitado, através do Cardeal de Toledo, por D. João III ao Imperador Carlos V, seu cunhado<sup>105</sup>.

Assim, o monarca português, antes de enviar ambos para Mazagão, obra de maior envergadura e responsabilidade, talvez com a intenção de primeiro testar a mestria de Benedetto<sup>106</sup> e a sua empatia com Miguel numa obra de menor importância, como a de Ceuta, ordenou a Arruda que levasse “*pedreiros*” de Évora, fosse a Cádiz e dali seguisse para Ceuta na ilustre companhia do mestre italiano<sup>107</sup>.

---

<sup>101</sup> Ibidem. p.346-347

<sup>102</sup> Ibidem. p.356

<sup>103</sup> Conforme carta de D. João III com as seguintes instruções: “*Miguel de Arruda [...] O que ey por bem e vos mamdo que façais he o seguinte. Vos vereis aquy os debuxos que convosco se pratycação e os levareis para com eles verdes o que será mais conforme para esta obra (Mazagão) que vos mando fazer [...] com seus baluartes, segundo ho levais debuxado e tendes praticado*”. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.98

<sup>104</sup> Engenheiro Militar italiano “*que pertenceu à geração pioneira responsável pelo desenvolvimento, em Itália, do novo baluarte poligonal que revolucionou a concepção das fortalezas durante o segundo quartel do século XVI. Entre estes destacaram-se Gabriele Tadini da Martinengo, o espanhol Pedro Luis Scrivá e Antonio da Sangallo il Giovane (1483-1546)*”. BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.133

<sup>105</sup> MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.11

<sup>106</sup> Homem de “*formação vitruviana-albertiana com pratica*” militar “*em Rodes*” (1522) e em “*Tunis e La Goleta (1535) [...] ao lado do Infante D.Luis e da fina flor da jovem nobreza portuguesa*”, onde constava D. João de Castro. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.52-53

<sup>107</sup> Conforme carta de D. João III, de Maio de 1541, com as seguintes instruções: “*Miguel de Arruda, partireys pela posta de Évora e daqy escolhereys os pedreiros que vos parecer que são necessários [...] pêra se poderem por em*

D. Afonso de Noronha, Governador local que os recebeu a 26 de Maio<sup>108</sup>, teceu rasgados elogios, afirmando ser “*omêm muy syngular e sabedor deste modo de fortificar cidades e asy de todo outro modo demgenho de guerra, e ouvilo falar niso he hua musica*”, acrescentando que Arruda “*se deu co ele (Benedetto) e o lijumjava de maneira que compryo be niso o que V.A. lhe mandava, pelo qual ho Benedito he tam grande seu amiguo que desejava de lhe mostrar imda mais do que sabia, [...] por que fica já Miguel Daruda, segundo o mesmo Benedito diz, hum grande ome do seu mister*”<sup>109</sup>.

Deste excerto depreende-se que, por esta altura, Arruda era já um dos mestres da confiança do soberano, reportando a este directamente conforme se testemunha em várias passagens, onde Noronha afirma “*que Miguel Daruda leva apontado pêra dizer a V.A.*”<sup>110</sup>, sendo o seu valor igualmente reconhecido pelo renomado Benedetto<sup>111</sup>, facto que lhe conferia um estatuto cada vez mais importante no seu mester.

Esta intervenção de Ceuta (fig.146-149: p.159-162) foi um pequeno ensaio para Mazagão (fig.123-131: p.136-144), da mesma forma que a sua proposta para San Sebastian (fig.150-152: p.163-165), em 1534<sup>112</sup> foi para a de Ceuta. A fortaleza do norte de Espanha foi registada em desenho (fig.154: p.167), meia dúzia de anos depois<sup>113</sup>, por Francisco de Holanda, aquando a sua didáctica viagem pelo sul da Europa<sup>114</sup>, onde se pode observar não só a evidente afinidade morfológica dos dois

---

*Cepta [...] e yres direyto ao porto de Samta Maria (Cadiz) e falareys com Francisco Botelho a que escrevo que fale com Benedito de Ravena e que o tenha prestes pêra em vos chegando partirdes pêra Cepta [...] e vos tereys com ele a boa maneira que convem por ser tal pessoa e estrangeira e em nenhuma cousa tereys com ele pratica rigurosa acerca das obras mas muy mansamente lhe direys o que entenderdes [...] e chegando a Cepta [...] fazey essa cidade muyto forte sem ter respeito ao modo de que estaa cerquada [...] e feytos estes debuxos (de Ceuta) e sendo vos de todo enformado de Benedito vos vires a mym [...] E sendo caso que Benedito não possa yr vos vos yres sem ele e debuxares a cidade (de Ceuta) [...] e todo o mais que vos parecer que importa pêra Benedito vos dizer seu parecer com o debuxo que lhes levars [...] e praticares com ele o que lhe parecer*”. Ibidem. p.102 -104

<sup>108</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p. 67-68; MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.106;

BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.133

<sup>109</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.67-68

<sup>110</sup> Ibidem. p.68

<sup>111</sup> Conforme carta de D. João III a Miguel de Arruda, em Junho de 1541, onde se lê: “*me pareceo meu serviço mandar-vos logo a Benedito pêra com ele yrdes a Mazagão, e também porque ele mo pediu assy em sua carta*”. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.108

<sup>112</sup> BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.131

<sup>113</sup> BURY, J. - The Italian Contribution to.... 2000. p.80

<sup>114</sup> Ibidem. p.80

lugares que condicionou a implantação de ambas as fortificações, como também a semelhança das soluções construtivas adoptadas, de que se destaca a introdução do baluarte poligonal, um só no meio da cortina muralhada, no caso de San Sebastian, e um em dois dos ângulos na de Ceuta.

Com o sucesso da operação em Ceuta, D. João III rendeu-se à mestria do perito italiano e à empatia que este estabeleceu com Arruda<sup>115</sup>, ordenando a sua ida a Mazagão, para se encontrarem com Diogo de Torralva<sup>116</sup>, cunhado de Miguel<sup>117</sup>. Ali, depois de consultarem os comandantes militares e navais, e terem tido em conta a intuição de Torralva<sup>118</sup>, definiram a melhor localização para a nova fortaleza<sup>119</sup>, que viria a envolver o “fortim costeiro manuelino”, erigido em 1514<sup>120</sup> pelo pai e tio de Arruda, cuja majestosa cisterna, ex-líbris da arquitectura da época, com as suas abobadas de cruzaria sobre colunas toscanas (fig.123-24: p.136-137), foi uma das fontes de inspiração para Miguel, já na década de cinquenta, numa das suas obras maiores, a Fortaleza de S. Julião da Barra (fig.132-135: p.145-148).

A chegada, “em fins de Julho” do “sexagenário João de Castilho”, acompanhado de “1500 mestres-pedreiros recrutados” nos estaleiros de “Évora e Tomar”<sup>121</sup>, completou o quarteto técnico eleito por D. João III e, após algum cepticismo conservador em relação às orientações progressistas<sup>122</sup> do congénere italiano, deu-se início aos

<sup>115</sup> Conforme carta de D. João III a Benedetto de Ravenna, em Junho de 1541, onde se lê: “Miguel de Arruda me deu vossa carta e me mostrou o debuxo da maneira em que vos parecia que a cidade de Cepta poderia ficar mais forte, com os apontamentos disso, e me disse a boa vontade que nisso e em todas as cousas mostrastes pêra me servir, de que receby muyto contentamento e vo-lo agradeço muyto. E porque vossa yda a Mazagão he cousa de muyto meu serviço e muy necessária antes que se faça alguma [...] quys logo despachar Miguel de Arruda pêra poder yr convosquo por vos ysso folguardes”. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.109

<sup>116</sup> MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.8-14

<sup>117</sup> “A equipa envolvia o arquitecto Diogo de Torralta, casado com uma filha de Francisco de Arruda”. CARITA, R. - Arquitectura abaluartada.... 2004. p.143

<sup>118</sup> Conforme carta de D. João III a Miguel de Arruda, em Junho de 1541, onde se lê: “Como chegardes a Mazagão vos informares de António Leyte capitão da dita vila e assy de Dom Fernando e Fernão Perez do lugar que assentaram com Diogo de Torralva que a fortaleza se devia de fazer, e parecendo a Benedito que aly será bem que se faça”. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.43, 48 e 110.

<sup>119</sup> MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.8-14

<sup>120</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.32-33

<sup>121</sup> Ibidem. p.43

<sup>122</sup> A resistência às inovações construtivas de Benedetto são evidentes, mas D. João III mostrou plena confiança no italiano, rejeitando qualquer alteração á traça delineada por ele, conforme se depreende da carta do monarca a Luís de Loureiro, em Outubro de 1541, onde se lê: “Sam enformado que em algumas cousas da traça dessa fortaleza



trabalhos segundo os «*apontamêtos de Benedito de Revena*»<sup>123</sup>, do que resultou um “*tão honrado edifício (a fortaleza) que he melhor que se fez no mundo, nem se achara em Italya*”<sup>124</sup>. Filtrando o entusiasmo nacionalista de Castilho a esta delirante descrição da obra prima, que ele próprio dirigiu em tempo recorde de um ano<sup>125</sup>, percebe-se a admiração deste diante a presença de um dos mais emblemáticos fortes “*roqueiros*” da época, fora da Europa.

Obra de carneira na arquitectura militar e civil portuguesa, foi o primeiro ensaio internacional, em grande escala, do arquétipo que a inspirou, o contributo arquitectónico, verdadeiramente original, do Renascimento<sup>126</sup>, a fortaleza poligonal abaluartada. É esta nova geometria de perímetro quase regular, com ângulos fortalecidos por quatro baluartes equidistantes<sup>127</sup>, um dos traços que diferencia Mazagão das demais construções castrenses portuguesas, até então construídas.

Embora em termos métricos, ainda não obedeça a cânones precisos<sup>128</sup>, a fortificação implanta-se sob a forma de um “*rectângulo (...) que o terreno obrigou a torcer em losango apontado ao Norte*”<sup>129</sup>, com um perímetro muralhado de paramentos oblíquos em ângulo reentrante<sup>130</sup> entre os baluartes, que confinam no seu interior uma *cidade* que se aproxima do conceito humanista da “*cidade ideal*”<sup>131</sup> civil do “*Quattrocento*”<sup>132</sup>, mas que com as vicissitudes da guerra se enquadra melhor numa “*cidade militar*”<sup>133</sup>.

---

*que fez Benedito a quereys la mudar [...] todavia ey por meu serviço que a não façais e que conforme a ela e a ordem que ele nisso deixou se fará toda a obra e assy vos encomendo e mando que o façais.”. Ibidem. p.117*

<sup>123</sup> Excerto da carta de João de Castilho a D.João III, escrita em Mazagão a 15 de Dezembro de 1541. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.194-195

<sup>124</sup> Excerto da carta de João de Castilho a D.João III, escrita em Mazagão a 2 de Setembro de 1542, já no final dos trabalhos da nova Fortaleza. MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.48 e 139

<sup>125</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.196-198

<sup>126</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.42

<sup>127</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.140

<sup>128</sup> DIAS, P. - A Arquitectura dos.... 2000. p.151

<sup>129</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.51

<sup>130</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.141

<sup>131</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.58

<sup>132</sup> Ibidem. p.53

<sup>133</sup> Walter Rossa sintetiza muito bem estes dois conceitos quando afirma: “*Apesar das variantes e divergências de interpretação, é ponto assente que no Renascimento lia essencialmente dois tipos/séries que também se contamam, e que, de uma forma assumidamente simples e redutora, passo a caracterizar: o da cidade mentalizada, clássica, recuperação mítica e romantizada da Roma antiga; o da cidade geometricamente racionalizada, onde da arquitectura dos objectos individualizados se espera pouco, petrificação e optimização do acampamento militar que, em última análise, é*”. ROSSA, W. - Cidades.... 1997. p.84

Apesar das imperfeições, o racionalismo renascentista do traçado urbano, delineado por Arruda<sup>134</sup>, é bem patente na regularidade “*das ruas e lotes e na ordem criada pelas duas artérias principais que a atravessam dum lado ao outro cruzando-se junto ao ponto de charneira ao qual tudo converge: a Cisterna*”<sup>135</sup> (fig.123-131: p.136-144), onde se criou uma praça enquadrada com a porta de armas, integrando assim o preexistente “*fortim manuelino*” como volume nuclear desta “*vila-fortaleza*”<sup>136</sup>, que viria a ser um dos paradigmas do “*modo de fortificar cidades*”<sup>137</sup>, exhaustivamente estudado pela “*tratadística militar italiana da 2ª metade do século XVI*”<sup>138</sup>.

Só nessa altura é que se começaram a estabilizar os cânones da arquitectura militar abaluartada, fruto de ensaios “*em laboratório*”<sup>139</sup> como o de Mazagão<sup>140</sup> onde, de forma sucinta, afluíram “*as mais diversas correntes de influencias*”, que encontraram ali um “*um terreno ideal para tais experiencias*” sendo “*o seu papel vital na transferência da tecnologia elaborada no Mediterrâneo para as praças*” norte africanas, e daí para a escala global<sup>141</sup>, como foram o exemplo de “*Ceuta (fig.125-128: p.154-157) e Tanger (fig.183: p.196) (1547), Diu (fig.122-124: p.151-153) (1547), Salvador da Bahia (fig.137-139: p.150-152) (1547-48), Castelo da Mina (fig.168-171: p.181-184) (1548), Ilha de Moçambique (fig.1-56: p.7-65) (1546-58) e São Julião da (fig.115-117: p.144-146) (1553-60), todas elas obras saídas do atelier régio de Miguel de Arruda*”<sup>142</sup>, precursor de um verdadeiro “*estilo internacional*”<sup>143</sup> alicerçado na teoria clássica do Renascimento

<sup>134</sup> Segundo MENDONÇA (1922: 12) João de Castilho devia “*executar as obras da fortaleza, delineadas por Benedito de Ravena, e talvez as da vila, feitas porventura sobre o plano de Miguel de Arruda.*” Confirmando Moreira (2002: 49) que “*o traçado viário foi feito por Miguel de Arruda, mas decorrendo da lógica impressa por Benedetto na frente abaluartada*”. MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.12; MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.48; CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.145.

<sup>135</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.58.

<sup>136</sup> Ibidem. p.54.

<sup>137</sup> Expressão usada abundantemente na correspondência dos intervenientes nas obras militares portuguesas norte africanas da quarta década de seiscentos, de que transcrevemos este exemplo do excerto da carta de D. Afonso de Noronha a D. João III, de Junho de 1541, onde escreve: “*Ho modo de fortificar a cidade pera que fique inspunhavel leva Miguel Daruda muy declaradamente*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p. 68.

<sup>138</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.141

<sup>139</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.53

<sup>140</sup> “*...caso experimental protótipo de que Benedetto soube com habilidade colher a ocasião oportuna*”. Ibidem.

<sup>141</sup> Ibidem. P.49

<sup>142</sup> Ibidem. P.65

<sup>143</sup> Ibidem. P.49 e 65

italiano, na prática desta nas praças portuguesas do Norte de África, em especial de Mazagão, e difundido pela ambição expansionista do Império Português pelo mundo.

A expedição de Ravenna e Arruda terminaria com a ida destes a Safim (fig.178-180: p.191-193) e Azamor<sup>144</sup> (fig.176-177: p.189-190), por ordem régia<sup>145</sup>, para avaliarem o estado e viabilidade dessas praças onde, depois de as inspeccionarem<sup>146</sup>, concluíram serem dispensáveis dado os avultados custos necessários para a sua modernização<sup>147</sup>, sugerindo que esse esforço fosse concentrado em Mazagão<sup>148</sup>.

Deste frutífero convívio com o mestre italiano e respectiva aprendizagem intensiva vivida na campanha africana de 1541, Miguel demonstrou uma enorme “*capacidade operativa*”<sup>149</sup>, adaptando as necessidades práticas aos condicionalismos locais, tendo como base a cultura clássica, predominantemente Albertiana<sup>150</sup>, aculturando-a, sempre que possível, às suas raízes portuguesas. Isto era algo que muito agradava a D. João III<sup>151</sup> que, reconhecendo estes mais que comprovados atributos de Arruda, lhe concedeu, no início de 1543<sup>152</sup>, o cargo de “*Mestre de Obras dos Paços Reais de Santarém, Almeirim e Muge*”<sup>153</sup>, em substituição do falecido irmão Pedro, citando-o como «*cavaleiro da casa real*» e «*mestre das obras reais*»<sup>154</sup>, o que reflecte o elevado estatuto social que tinha conquistado no seio da corte joanina.

<sup>144</sup> MENDONÇA, H. L. - Notas sobre alguns engenheiros.... 1922. p.8

<sup>145</sup> Conforme carta de D. João III a Miguel de Arruda, em Junho de 1541, onde se lê: “*Como Castilho chegar e tiver Benedito a enformação que parecer necessária, dizes a Benedito que folgarey [...] que ele queira yr a Çafy convosquo (Arruda) pêra ver todo e me dar enformaçam do que dele lhe parecer e for necessário pêra sua fortificação*”. Ibidem. p.110

<sup>146</sup> Conforme carta de D. João III a D. Francisco de Castro, Capitão de Safim, em Junho de 1541, onde se lê: “*Eu mando a essa cidade (Safim) Benedito de Ravenna engenheyro do Emperador meu irmão, pela experiencia que tem da fortificação desses lugares e pela enformação que tenho dessa cidade estar muy fraca. E mando com ele Miguel de Arruda que vos esta dará. E porque eu queria que ele visse essa cidade e me trouxesse toda a enformação dela, vos encomendo que lha amostres*”. Ibidem. p.113

<sup>147</sup> BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.133

<sup>148</sup> CONCEIÇÃO, M. T. - Da Cidade... 2008. p.139-140

<sup>149</sup> Ibidem. p.145

<sup>150</sup> MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e.... 2003. p.42

<sup>151</sup> MOREIRA, R. - Arquitectura: Renascimento e.... 1995. Vol. 2. p.356

<sup>152</sup> Conforme carta de D. João III, de 5 de Fevereiro de 1543, onde se lê: “*...faço saber que comfiando eu de miguell daruda, cavaleiro de minha casa, mestre de minhas obras, que nesto me servira bem e fiellmente [...] o dou ora daquy em diante por mestre das obras da pedraria e alvenaria dos meus paços da villa de Santarém [...] e [...] desta villa dallmeyrim e [...] Muja [...] avera de mantimento [...] de Janeiro que hora pasou de quynhentos e coremta e três em diante, dous moyos de trigo*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p.70

<sup>153</sup> Ibidem. p.70

<sup>154</sup> Ibidem. p.70

Em Agosto desse mesmo ano<sup>155</sup> regressa ao norte de África, na companhia de D. João de Castro<sup>156</sup>, para inspeccionar e reestruturar varias fortalezas<sup>157</sup>, entre as quais Ceuta<sup>158</sup> e Tanger (fig.183: p.196), numa parceria bem sucedida<sup>159</sup> que viria a cruzar-se novamente, dois anos depois, no projecto para a nova Fortaleza da Ilha de Moçambique, de onde o “*eminente capitão*”<sup>160</sup>, na altura Governador da Índia<sup>161</sup>, enviou ao monarca as directrizes<sup>162</sup> para a melhor implantação da mesma que, por sua vez reencaminhou ao “*distincto architecto*”<sup>163</sup> para este fazer o respectivo “*debuxo*”<sup>164</sup>.

Arruda esteve envolvido, mais uma vez, embora indirectamente, na internacionalização da arquitectura militar “*à italiana*”, algo que se iria propagar, em 1548<sup>165</sup>, por traço saído do seu “*estúdio no Paço da Ribeira de Lisboa*”<sup>166</sup>, a outro continente, depois de África (Mazagão, Ceuta, Tanger e São Jorge da Mina<sup>167</sup>) e Ásia (Diu), sendo a vez da América (São Salvador da Bahia no Brasil) receber esta inovação Renascentista.

O processo projectual de São Salvador da Bahia (fig.137-139: p.150-152), implementado pelo seu discípulo Luís Dias<sup>168</sup>, foi dos primeiros que o “*Mestre das*

<sup>155</sup> ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.364

<sup>156</sup> Ibidem. p.408

<sup>157</sup> “*Por hum dos artigos deste regimento lhe encomenda elRei o exame das fortificações de Ceuta, Alcácer, Tanger e Arzilla; dos reparos, ou obras, que nellas se devião fazer*”. Ibidem. p.364

<sup>158</sup> Conforme carta de D. João III a D. João de Castro em Agosto de 1543, onde se lê: “*Eu elrey faço saber a vós dom Joam de castro [...] que vaadés aa cidade de ceyta [...] tanto que chegardes há dita cidade [...] vereys com [...] miguel da arruda o que mando que se faça [...] pera se a dita cidade fortificar agora, como todo o mais que parecer que se deve de fazer sobre o que está traçado na obra noua, que mando, fazer; e nysto se dará toda diligencia [...] e depois pratiqueys sobre a traça que miguel da arruda leua da obra que ao diante se ha de fazer*”. Ibidem. p.408

<sup>159</sup> Conforme carta do humanista André de Resende a D. João de Castro onde se lê: “*Mighel da Arruda, stando V.S. em Cepta, me deu os primeiros motivos de desejar servir V.S.*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p. 72

<sup>160</sup> Ibidem. p. 72

<sup>161</sup> ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.367

<sup>162</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.71

<sup>163</sup> Ibidem. P.72

<sup>164</sup> Conforme carta de D. João III a D. João de Castro em Março de 1546, onde se lê: “*pela maneira do debuxo que vos aquy emvyo, que cá mandey fazer a Migel d’Arruda, por ser tão pratico nestas cousas como sabeis*”. Ibidem. p.71

<sup>165</sup> “*No preciso momento em que ultimava o projeto para Salvador – a 7 de Dezembro de 1548*”. Ibidem. p.46

<sup>166</sup> MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e.... 2003. p.46

<sup>167</sup> Onde foi o responsável pela traça dos baluartes em 1548 (Figura 11). Ibidem. P.41

<sup>168</sup> A ligação do “*Cavaleiro da Casa Real [...] Luys Dyas*”, nomeado em “*14 de Janeiro de 1549 [...] mestre das obras da fortaleza e cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, nas terras do Brasil*”, ao seu “*senhor Miguell Daruda*” é bem evidente na carta (em anexo) escrita a Arruda pelo primeiro “*a treze dias de Julho da hera de 1551*”, onde descreve o local de implantação da obra e os trabalhos que lá se vão fazer, através de “*cartas*” e “*amostras*” (desenhos) para o “*Mestre*” analisar e submeter á análise do Rei, esperando que “*vosa mercê (Arruda) madoar modelo do que se ouver de fazer*”. Corpo Cronológico, Parte 1, Maço 86, Doc.87. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre

*Obras dos Muros e Fortificações do Reino, Lugares d'Além e Índia*<sup>169</sup> fez sob esse estatuto, criado especificamente para si em 1548<sup>170</sup>, pelo monarca português, e que lhe dava poderes sem precedentes no seu “*mister*”<sup>171</sup> o que, de certa forma, foi um reconhecimento oficial do crédito que já detinha, justamente conquistado nas campanhas norte africanas, principalmente no seu desempenho em Mazagão, obra maior à qual o projecto de Salvador foi beber a sua urbanidade e conceitos renascentistas<sup>172</sup>, aumentado aí em escala e complexidade, “*numa versão regularizada*” da sua congénere “*luso-marroquina*”<sup>173</sup>.

Voltaria a África como “*peritissimo Maestro*”<sup>174</sup> para inspeccionar as praças de Tanger, Alcácer Ceguer<sup>175</sup> (fig.185: p.198) e Seinal<sup>176</sup>, levando ordens do monarca para erguer uma fortaleza nesta última<sup>177</sup> para a qual, em Abril de 1549<sup>178</sup>, começou a estudar a melhor implantação<sup>179</sup>, dando-se de seguida início aos trabalhos sob a sua direcção<sup>180</sup>.

---

do Tombo. Impresso em: Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Vol.57. 1935. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Ministério da Educação, 1939. p.20-28. Citado por MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e.... 2003. p.40

<sup>169</sup> Conforme “*regimento*” de D. João III onde se lê: “*vendo eu (o Rei) como he necessário os muros e fortalezas que ate agora são feitos nos luguares de meus reinos e señorios serem repairados [...] quer outros [...] que de novo cumprir que se fação he necessário haver mestre das ditas obras, por confiar de Miguel Darruda, cavaleiro fidalgo da minha casa, que polla abelidade e esperiencia que tem das ditas obras me servira no dito carrego de mestre dellas com todo o cuidado e deligencia que cumpre*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p. 72-73

<sup>170</sup> Ibidem. p.72-73

<sup>171</sup> “*...funções de traçar, superintender e controlar as obras e dirigir a execução e trabalhos dos diversos mestres régios locais – o que incluía certamente funções docentes [...] comandava a politica construtiva da Coroa, junto com o provedor das obras reais Pêro de Carvalho. Tudo tinha de passar pelas suas mãos [...] sujas de tinta e não de cal*”. MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e o.... 2003. p.46

<sup>172</sup> Ibidem. p.47

<sup>173</sup> Ibidem. p.47

<sup>174</sup> “*...estos a la orden de Miguel de Arruda peritissimo Maestro de las obras de todas las Fortalezas del Reyno*”.

SOUSA, M. F. - África Portuguesa.... 1681. p.191

<sup>175</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.72

<sup>176</sup> “*...(D. João III) ordenou q em companhia de ambos tornasse Miguel d'Arruda que fora o engenheyro de tudo q estaua feito no Seinal, & tinha particular conhecimento das cousas delle, & mandou que fosse tambem Diogo telez Português, q poucos dias antes mandara vir de Alemanha onde servira o Emperador [...] o encarregara de muytas cousas de importância*”. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e.... 1613. p.51

<sup>177</sup> “*...mandada a Alcacere, e que della podia fazer conta para se senhorear logo do Seinal, e fazer nelle hum forte [...] polla ordem que para isso levava Miguel de Arruda mestre das obras das fortalezas destes reynos [...] com parecer [...] de Miguel d'Arruda no que tocasse háas obras do forte*”. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e.... 1613. p.41

<sup>178</sup> “*chegou a Alcacere a coatro dias d'Abril (1549), onde pouco antes era chegado [...] Miguel d'Arruda mestre das obras*”. Ibidem. p.45

<sup>179</sup> “*...praticando logo [...] Miguel d'Arruda esta matéria do Seinal, como levava por seu regimento, por parecer de todos subirão acima ao monte, donde se decerão logo, deixando apontado o lugar que seria mais acomodado para se fazer o forte*”. Ibidem. p.45

<sup>180</sup> “*para effeito desta obra e doutras que era necessario fazeremse pareciaõ a Miguel d'Arruda, que deviãõ ficar duzentas e setenta pessoas de serviço entre officials e trabalhadores*”. Ibidem. p.54

Dois meses depois é solicitado a Tanger<sup>181</sup> para dar o parecer técnico sobre a fortaleza em construção<sup>182</sup> e as obras que seriam necessárias para a melhorar<sup>183</sup>. Regressa a Seinal passado um mês<sup>184</sup> e começa a questionar-se sobre a viabilidade desta praça<sup>185</sup>, que o Rei se mostrava renitente em abandonar<sup>186</sup>, devido ao investimento aí já feito. Acabaria mais tarde por aceitar o abandono de ambas as praças, apostando antes no reforço de Tanger<sup>187</sup>, como já sucedera também pela sugestão de Arruda, com Mazagão, em detrimento de Azamor e Safim<sup>188</sup>.

Este intenso convívio, de quase uma década<sup>189</sup>, com a arte castrense iria influenciar definitivamente a traça das suas obras civis e religiosas, resultando em espaços funcionais onde a *“simplificação e sobriedade”*<sup>190</sup> foram o denominador comum aliado à facilidade *“em lidar com as grandes massas de pedraria e criar espaços modernos despojados, a que estava habituado nas construções abaluartadas [...] numa arte nua e avessa a experiencias vanguardistas, em clara reacção contra as modas estrangeiras [...] embora não hesitasse em se apropriar quando queria as soluções clássicas [...] sempre com um descomplexado discurso de sintético nacionalismo [...] baptizado por*

<sup>181</sup> *“...chegou a Tangere a vinte e cinco de Junho deste anno de 549 [...] e logo no mesmo dia [...] foy reconhecer todos os muros [...] e a fortificação que nelles era feita [...] conforme ha traça que el Rey antes mandara; e do que achou feito mandou a Miguel d'Arruda fazer hum apontamento que mandou a el Rey”*. Ibidem. p.52

<sup>182</sup> Possivelmente *“conforme ha traça que el Rey antes mandara”* por ele, cinco anos antes, a quando da sua visita a esta praça na companhia de D. João de Castro conforme *“André Rodrigues, mestre de obras de Tanger, diz que fizera nesta cidade [...] da maneira e feição dos que Miguel de Arruda ordenara em Ceuta”*. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.70

<sup>183</sup> *“E despois de [...] praticarem muytas vezes todos os modos que podia aver para esta fortificação, Ce vierão todos a concertar em huma traça, que lhes pareceo a mais conveniente ha guarda e defensão do porto e da cidade”*. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e.... 1613. p.52

<sup>184</sup> *“...chegarão ambos ao Seinal a sete dias d'Agosto”*. Ibidem. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e.... 1786. Parte 4. p.180

<sup>185</sup> *“...outras duvidas do Seinal apontadas por Miguel d'Arruda...”*. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e.... 1613. p.46

<sup>186</sup> *“...que se não podião averiguar perfeitamente sem mais larga informação, lhe mandou (a Arruda) que fizesse hum modello do monte, e da obra que estava feita nelle, e da que se ordenava fazer, com todas as suas medidas, e duvidas muito bem declaradas, e se viesse com elle ao reino”*. Ibidem. p.46

<sup>187</sup> *“...Miguel d'Arruda e Diogo Telles, grandes engenheyros [...] aprovarão sustentar-se Tangere por muytas razões, e deixar Alcacere e o Seinal, inda que com grande despesa já feita”*. SOUSA, Frei L. Annaes de El-Rey.... p.430

<sup>188</sup> BURY, J. - Benedetto da Ravenna.... 1994. p.133

<sup>189</sup> Desde 1541, e contando com a sua fase aprendiz junto do pai e tio em Azamor. SANTOS, R. - A Torre de.... 1922. p.76

<sup>190</sup> RODRIGUES, L. A. - De Miranda a Bragança.... 2001. p.143

*Kubler por «estilo chão» (em vez de um suposto «maneirismo») [...] não no sentido de um estilo, mas precisamente de um não-estilo»<sup>191</sup>.*

Do seu atelier irradiou, através do seu traço ou dos seus discípulos, esta “*tipologia modernizada*”, com “*características renascentistas*”, na “*harmonia de proporções à escala humana*”, fundidas com “*elegância*” à “*severidade formal*”<sup>192</sup>, de que resultaram algumas das obras de arquitectura religiosa mais “*únicas no panorama da arquitectura europeia das décadas de 50 e 70*”<sup>193</sup> de quinhentos.

Dos inúmeros exemplos de obras civis e religiosas “*de iniciativa regia do período joanino*”<sup>194</sup> em que participou, directa ou indirectamente, destacam-se o já referido Convento da Graça (1537-1540)<sup>195</sup> e a Igreja de Santo Antão (1548)<sup>196</sup>, ambas em Évora, o Convento de Cristo em Tomar (1548)<sup>197</sup>, o Mosteiro de Alcobaça (1548)<sup>198</sup>, O Convento de Nossa Senhora da Piedade de Tavira (1550)<sup>199</sup>, as Sés renascentistas joaninas, inspiradas no Livro V do tratado de Sebastiano Sérlio, de Leiria (1551), Miranda do Douro (1552), e Portalegre (1556), Ribeira Grande de Cabo Verde (1560),

<sup>191</sup> MOREIRA, R. - *Arquitectura: Renascimento e...* 1995. Vol. 2. p.357-360. Citado por LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.79.

<sup>192</sup> LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.83

<sup>193</sup> *Ibidem*. p.83

<sup>194</sup> *Ibidem*. p.71

<sup>195</sup> LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.72

<sup>196</sup> Conforme a missiva de D. João III dirigida ao Frei Brás de Braga, datada de 7 de Fevereiro de 1548, onde se lê: “*Miguel de Arruda [...] há-de agora ir a Évora, porque mandou pedir ao Cardeal para a obra que manda fazer na igreja de Antão*”. SANTOS, R. - *Miguel de Arruda e...* 1949. p.5. Citado por LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.74.

<sup>197</sup> Cujas obras, ao encargo de João de Castilho, chegou de vistoriar, conforme carta deste ultimo ao monarca, em 1548, onde se subentende a eminência e poder de Arruda quando se lê: “*Miguel daruda me deu hua carta de V. A, em que me mandava que praticasse com elle as cousas destas obras e daquelas em que trussese alguma duvida lhe dese conta pera elle informar V. A inteiramente*”. VITERBO, S. - *Dicionário histórico...* 1988. Vol.1. p. 199; Citado por LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.71

<sup>198</sup> Onde participou, conforme testemunha a carta de Frei Brás de Braga, de 24 de Setembro de 1548, onde se lê: “*Ao que dizeis sobre as oficinas de Alcobaça, de que me Miguel de Arruda trouxe apontamentos, eu os vi, escrevi nisso e lhe tenho agora mandado fazer um debuxo [...] Miguel de Arruda me deu informação de algumas couzas da obra do convento, nas quais eu assentei o que nelas deve se fazer [...] Encomendo-vos que deis ordem que assim façam*”. SANTOS, R. - *Miguel de Arruda e...* 1949. p.4-5. Citado por LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.75.

<sup>199</sup> Conforme carta de D. João III, de 21 de Julho de 1550, onde afirma que “*Miguel de Arruda também me mostrou os debuxos de N. Sra da Piedade de Tavira, e lhe mandei traçar nelle assi as oficinas que me parecerão necessárias*” e a 4 de Setembro “*remete o debuxo deste risco das obras do Mostr° de N. Sr° da Piedade de Tavira emendado e acrescentadas alguas officinas e lhe manda se comecem logo as obras*”. MOREIRA, Rafael. A encomenda artística em Alcobaça no século XVI. Pág.63. Citado por LIMA, C. - *O Eupalinos Moderno...* 2006. p.77.

Goa (1562) e Salvador da Bahia<sup>200</sup>, o Palácio de Xabregas (1557)<sup>201</sup>, a “*igreja-salão*”<sup>202</sup> da Misericórdia de Santarém (1559)<sup>203</sup> e o Mosteiro de Santa Ana em Lisboa (1561)<sup>204</sup>.

Para culminar a fulgurante carreira deste exímio “*mestre de pedraria vestido de arquitecto*”<sup>205</sup>, já nos últimos anos da sua vida<sup>206</sup> foi-lhe delegada a construção de “*uma fortaleza na porta de São Gião*”<sup>207</sup>, mais tarde conhecida por Fortaleza de São Julião da Barra (fig.132-135: p.145-148), o “*Escudo do Reino*”<sup>208</sup>, ex-líbris da arquitectura militar portuguesa de quinhentos.

Apesar da obra ter sido delegada por D. João III, em 1553, os trabalhos só iniciariam em 1560, sob a regência de D. Catarina, vindo-se a revelar uma “*obra-prima da arquitectura militar e da arquitectura tout-court*” espelhando “*a passagem do Renascimento ao Maneirismo: isto é, de uma concepção orgânica da arquitectura [...] para uma concepção geométrica, que os vê como puros objectos mentais, de espaços contidos e interiorizados, em tensão com o exterior, como se resultantes da cristalização dos eixos espaciais. É um dos primeiros exemplos de aplicação da metodologia compositiva – colhida, sem duvida, num honesto estudo dos tratados – que irá caracterizar a arquitectura «chã» do último terço do século*”<sup>209</sup>.

<sup>200</sup> MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e... 2003. p.41

<sup>201</sup> Conforme carta de D. João III de 1557, onde se lê: “*obras dos paços que mamdo fazer em Emxobregas e trabalhe nelas no que lhe ordenar e mandar Miguel da Arruda*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p. 517

<sup>202</sup> Tipologia que Kubler definiu “*como templos de pilares com abóbadas à mesma altura, sobre um esquema modular limitado por luminosas paredes que requerem pequenos contrafortes interiores ou exteriores e que possuem janelas apenas nos muros exteriores*”. KUBLER, G. - A arquitectura portuguesa chã... 1988 p.29. Citado por RODRIGUES, L. A. - De Miranda a Bragança... 2001. p.200

<sup>203</sup> Por iniciativa da regente D. Catarina, em Agosto de 1559 era ordenada a construção de casa própria para a irmandade escalabitana tendo sido “*escolhidos os melhores oficiais e mandado a Pedro Carvalho contratasse com elles com parecer de Miguel d'Arruda*”, ao mesmo tempo em que é tido como “*mestre das obras*” em contrato de 12 de Dezembro de 1559. LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.79

<sup>204</sup> Conforme documento de 21 de Julho de 1561 onde se lê: “*E mais declaração as ditas partes que a obra do dito mosteiro se fará conforme a traça que Elrey nosso senhor mandou fazer por Miguel d'Arruda*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.74

<sup>205</sup> LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.82

<sup>206</sup> A 23 de Março de 1562 se mandava “*a Miguel darruda, cavaleiro fydalgo da minha casa mestre e veador das dytas mjnhas obras*” a comprar para dar início à obra do fortificado de São Gião, orçado em 16.000 réis.

MOREIRA, R. - A arquitectura militar do.... 1981. p.302. Citado por LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.70

<sup>207</sup> LIMA, C. - O Eupalinos Moderno.... 2006. p.70

<sup>208</sup> CARITA, R. - O escudo do reino.... 2007.

<sup>209</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura Militar do.... 1981. p.281-305



Com a sua morte, em 1563, o “*velho mestre*” deixou um sólido legado, com obras em quatro continentes, para “*a difusão do sistema abaluartado por todo o mundo português*” através de discípulos como “*André Rodrigues*<sup>210</sup> e *Jorge Gomes em Tânger, Francisco Pires*<sup>211</sup> em Moçambique e na Índia, *Inofre de Carvalho*<sup>212</sup> no Golfo Pérsico, *Luís Dias no Brasil*<sup>213</sup>, *Jerónimo de Ruão e Afonso Alvares em Portugal*”<sup>214</sup>, entre outros menos conhecidos, ou mesmo anónimos, como um misterioso “*architecto*”, a quem se refere SANTOS (1609: p.78-79), enviado por D. Catarina, em 1558, para construir a Fortaleza de Moçambique, que será objecto de estudo do capítulo seguinte.

---

<sup>210</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.70

<sup>211</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.2. p.299

<sup>212</sup> “*ehum inofre de Carvalho Portuguez, grande Architecto (que EIRey D. Sebastião tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz)*”. COUTO, Diogo do - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. p.142

<sup>213</sup> MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e... 2003. p.40

<sup>214</sup> MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.155

## 5 | O PROCESSO CONSTRUTIVO DA FORTALEZA DE S. SEBASTIÃO

Quando a armada de Vasco da Gama, em fins de Março de 1498<sup>215</sup>, chegou à Ilha de Moçambique, já os portugueses sabiam da existência deste e de outros portos comerciais na costa oriental africana<sup>216</sup>.

Devido à escassez de recursos humanos, os governantes da altura viram-se obrigados, à semelhança do que aconteceu nas Praças do Norte de África, à ocupação militar de portos na costa oriental de África, para, por um lado controlar as rotas do ouro de Monomotapa, através do forte de Sofala (fig.105-110: p.118-123), e por outro lado dar assistência à navegação de e para a Índia, na Ilha de Moçambique<sup>217</sup>.

Este tipo de ocupação tinha várias vantagens na gestão de poucos recursos em locais adversos, inóspitos e distantes de Portugal. A principal mais valia, era o domínio de vastos territórios, através de pequenos aglomerados amuralhados, estrategicamente implantados, preferencialmente em ilhas próximas da costa<sup>218</sup>.

*“Por se considerar que o seu porto (da Ilha de Moçambique) era o mais próprio para escala<sup>219</sup> segura das naus da Índia”<sup>220</sup> daquela zona do Indico<sup>221</sup>, situado*

<sup>215</sup> “...chegarão a Moçambique, que foy ao fim de Março de 498”. CORREIA, G. - Lendas da Índia. Tomo 1. Livro 1º... 1858. p.34-36; LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.3

<sup>216</sup> Em 1484 D. João II enviou por terra Pêro da Covilhã e João de Paiva para recolherem informação mais detalhada sobre as terras do Indico ocidental. CORREIA, G. - Lendas da Índia. Tomo 1. Livro 1º... 1858. p.5; LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.3; “Covilhã visitou Goa, Cananor e Calecute [...] até que voltou ao Cairo” de onde “escreveu ao Rei, pelo Judeu Joseph de Lamego, dizendo-lhe dos lugares onde estivera [...] acrescentando também que fora num navio de Árabes ate Sofala, onde averiguara que se as caravelas da Guiné continuassem a navegar ao longo da costa lá chegariam e que daí ate à Índia a navegação era bem conhecida e não oferecia dificuldades”. CORTESÃO, A. – Esparsos. Volume 3.... p.219; Ver também BARROS, J. - Da Ásia. Década I. Livro III.... 1628. p.44 e seguintes.

<sup>217</sup> “o caminho marítimo da índia, em cuja rota ficou incorporado o porto de Moçambique como escala necessária à navegação sujeita à contingência das monções”. LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.4

<sup>218</sup> BRANDÃO, A. P. - O Oriente.... 1989. p.171

<sup>219</sup> Albuquerque (1978) afirma que a Ilha de Moçambique estava habilitada com as três principais características das escalas da Carreira da Índia, sendo elas: “a) escala de abastecimento (agua, lenha e mantimentos frescos [...] b) escala para reparação das naus (onde era considerada a mais importante [...] c) escala para o reagrupamento das armadas”. ALBUQUERQUE, L. - Escalas Da Carreira....1978. p.9

<sup>220</sup> BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.67;

<sup>221</sup> Quando chegou à Ilha de Moçambique, pela primeira vez em 29 de Julho de 1538, D. João de Castro descreveu como sendo “hum dos milhores portos que tenho visto, pódense dentro agasalhar 30 naaos; [...] de nenhum vento pode dentro entrar mar, pella qual Reção não fumdeão as nãos nenhua cousa; aquy não ha nenhua corrente, somente o encher e vazar das marés; [...] esta Ilha he muito Raza e sem nenhua agoa; [...] terá de

aproximadamente a meio caminho entre o Cabo da Boa Esperança e a Índia, D. Manuel I incumbiu ao recém “nomeado capitão de Sofalla e Moçambique Vasco Gomes de Abreu [...] o regimento [...] de levantar uma [...] projectada fortaleza na Ilha de Moçambique”<sup>222</sup> em 1507<sup>223</sup>, tendo para tal designado para o efeito o “Capitão e Feitor Duarte de Mello”<sup>224</sup>, o qual aproveitando a “ociosa” mão-de-obra “das naus que ali invernavam”<sup>225</sup>, construiu, além de um hospital e de uma igreja<sup>226</sup>, a primeira fortificação erguida nesta Ilha a que chamaram Torre de S. Gabriel<sup>227</sup>, também conhecida por Torre Velha<sup>228</sup> (fig.1-4: p.7-10), concluída “em Março de 1508”<sup>229</sup>.

Passado uma dezena de anos, esta fortificação medieval era já insuficiente para a demanda que as rotas do Índico impunham. Conforme o domínio português se tornava mais abrangente a Oriente, mais a necessidade de reforçar esta praça aumentava, sendo a sua importância estratégica, tanto comercial como militar, cada vez maior e, conseqüentemente, mais cobiçada, especialmente pelos Árabes, sempre persistentes na intenção de reaverem as praças e rotas comerciais que lhes tinham sido retiradas pelos portugueses<sup>230</sup>.

---

*comprido pouco mãos de hum quarto de legoa e de largo hum tiro de espingarda, e em outros lugares menos [...] e he o porto limpo*”. CASTRO, D. J. – Roteiro de Lisboa a Goa.... 1882. p.306

<sup>222</sup> LIMA, J. J. L.; BORDALO, F. M. - Ensaio sobre a.... 1859. p. 7

<sup>223</sup> LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.4

<sup>224</sup> BARROS, J. - Da Ásia. Década II. Parte 1ª.... 1777. p.86-87

<sup>225</sup> Ibidem. p.86-87

<sup>226</sup> “...avião grande piedade dos muytos doentes que morrião, e todos com muyta vontade, com a gente que era sã se poserão no trabalho de fazer o espirital (hospital), pêra que fizerao huma casa grande varanda detrás, e casa apartada pêra o enfermeiro, e outra pêra botica, e aposento do mestre, em que deram tanto aviamento que em pouco tempo foy feita [...] Acabando assim o espirital se metterão n’acupação de fazer Sam Gabriel [...] e fizerao a Igreja grande, muyto bem concertada, com ornamentos”. CORREIA, G. - Lendas da... 1859. Tomo 1. Parte 2 . p. 785

<sup>227</sup> “em 1507 o feitor Duarte de Melo começou a levantar uma fortaleza ligeira à maneira dos pequenos castelos de Portugal, com sua torre de menagem - o Forte de S. Gabriel”. LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.4

<sup>228</sup> “...depois conhecida por Torre Velha”. Ibidem. p. 4; “E porque tudo assy estava bem encaminhado, e a gente já bem desposta, que todos trabalhãõ, os Capitães, por nom estarem ociosos e gastarem o tempo embalde, vendo a traça que ElRey (D. Manuel) mandara, e tanto emcomendava que se fizesse aly castello, se metterão no castello, e fizerao huma torre quadrada de dous sobrados, e em quadra della fizerao grande cerca de pedra, com ameas e bombardeiras, e nas quadras outras torres no andar das ameas, e dentro fizerao grandes casas pêra recolhimento das fazendas, e casas pêra almazem, e nos cubellos o feitor e officiaes aposentados, e tudo bem concertado”.

CORREIA, G. - Lendas da... 1858. Tomo 1. Parte 2. 1859. p.786

<sup>229</sup> LIMA, J. J. L.; BORDALO, F. M. - Ensaio sobre a.... 1859. p. 7

<sup>230</sup> LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.9

Atento a esta e outras correcções que iam sendo feitas na Carreira da Índia<sup>231</sup>, o monarca português enviou D. João de Castro, em 1538<sup>232</sup> à Índia com o “regimento” de analisar as rectificações necessárias à sua optimização<sup>233</sup>.

Da análise militar que este faz de Moçambique, neste seu “*Roteiro de Lisboa a Goa*”<sup>234</sup>, refere que o “*porto se podia fazer fortíssimo, se intupissem hum canal que vay antre a Ilha e a terra firme, de largura de hum tiro de besta, porque a entrada principal he hum canal muito estreito, e tão sojeito a hua ponta de Rochedo que lança a Ilha, que nenhua cousa poderá entrar por elle dentro, que desta ponta se não meta no fundo*”<sup>235</sup>.

Em 1542<sup>236</sup>, João de Sepúlveda, que tinha vindo na mesma Armada de D. Garcia de Noronha como Capitão do Forte de Sofala (ver cit.232), reitera o parecer de D. João de Castro, no que diz respeito ao local de implantação da nova fortaleza da Ilha de Moçambique, achando desapropriado a reestruturação da Torre de São Gabriel, não só pela sua localização desfavorável à defesa da ilha<sup>237</sup>, como também pela sua volumetria e geometria vulneráveis às novas tecnologias bélicas, de que os árabes eram já detentores, havendo rumores de eminentes ataques destes a esta praça<sup>238</sup>.

<sup>231</sup> SANTOS, M. E. M. H. - O carácter experimental da.... 1969. p.18

<sup>232</sup> “*Partio D. Garcia de Noronha deste Reyno no anno de 1538 com huma Armada de doze náos com tres mil homens darmas, em que entravam muitos Fidalgos, e moradores da casa d'ElRey, e outra gente limpa, e honrada. Os Capitães eram estes, D. João de Castro cunhado do mesmo Viso-Rey, filho de D. Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, que depois foi por Governador á Índia, e lá foi feito Viso-Rey delia [...] João de Sepúlveda, filho de Diogo de Sepúlveda*”. BARROS, J. - Da Ásia. Década IV. Parte 2ª.... 1777. p.721-722

<sup>233</sup> Conforme carta que “*D. João de Castro escreveu ao Infante D. Luiz. em 5 de agosto de 1538, a bordo da nau Grifo, ancorada no porto de Moçambique, dando-lhe conta dos estudos que fizera, e se propunha de fazer, sobre a variação das agulhas, diferenças dos instrumentos, monções, etc*”. CASTRO, D. J. – Roteiro de Lisboa a Goa.... 1882. p.306

<sup>234</sup> Ibidem.

<sup>235</sup> Ibidem. p.306

<sup>236</sup> Documentos Sobre os.... Volume VII (1540-1560).... 1971. p.140

<sup>237</sup> Conforme carta de João de Sepúlveda a D. João III, escrita na Ilha de Moçambique em 10 de Agosto de 1542, onde se lê: “*...nom podyrey fazer mais que fortificar se esta fortoleza (Torre São Gabriel) no lugar omdee estaa o mylhor que see poder fazer mas pêra ela ser fortee de syso e see poder defemder com pouqua gentee a muyta ymfimda ouvera de ser fecta em outro lugar desta ylha que ha nela muyto aparelhado pêra iso (referindo-se muito provavelmente ao mesmo local no extremo norte da ilha, já referido por D. João de Castro) [...] A mym pareceme que ha muyta nececidade desta fortaleza [...] pequena e aconchegada e muito forte (abaluartada)*”. Ibidem. 1971. p.140-141

<sup>238</sup> “*...mee parceo mays serviço [...] vyr a Moçambique [...] omdee hee forçado estar atee saber em certo se vyram rumes (árabes) a esta fortoleza como se dyzainda na costa*”. Ibidem. 1971. p.140

Tendo em conta estes alertas técnicos sobre a defesa desta ilha do Índico e o conselho de seu irmão<sup>239</sup> para a escolha do novo Governador da Índia, D. João III nomeia D. João de Castro para o referido cargo, em 1545<sup>240</sup>, sendo um dos “regimentos” prioritários deste último a análise das defesas da Ilha de Moçambique.

Aí chegado no verão do mesmo ano<sup>241</sup>, Castro faz muita “*diligencia*” em avaliar a fortificação existente, sendo coerente com o seu anterior parecer técnico<sup>242</sup>. Foi reincidente nos argumentos de “*entupir o canal*”<sup>243</sup>, a sul da ilha (fig.102: p.115), ao que o Rei se mostrou reservado, e fortificar a “*ponta de Rochedo*”<sup>244</sup> a norte da Ilha, onde anos mais tarde, se implantaria a Fortaleza de São Sebastião, em detrimento da obsoleta Torre de São Gabriel<sup>245</sup>.

<sup>239</sup> O Infante D. Luiz, era amigo pessoal de D. João de Castro. COUTO, D. - Da Ásia. Década VI. Parte 1ª. Livro I. Capitulo I.... 1781. p.2

<sup>240</sup> “*E como o infante D. Luis tinha já muito obrigado a ElRey pelo grande amor, e cortesia com que o tratava, nomeou a D. João de Castro por Governador da índia em janeiro de quarenta e cinco, e lhe assinou seis nãos com dous mil homens*”. Ibidem. p.2

<sup>241</sup> Onde esteve “*de 28 de Julho a 8 de Agosto*” de 1545. COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.9

<sup>242</sup> Aquando da sua primeira estadia, na Ilha de Moçambique, em 1538. CASTRO, D. João de – Roteiro de.... 1882. p.306

<sup>243</sup> Conforme carta de D. João de Castro a D. João III “*escrita em Moçambique, entre 1 e 8 de Agosto de 1545*” onde se lê: “*Quanto a um canal (talvez o a sul da ilha, entre a ilha de Moçambique e a Ilha de São Lourenço - fig.102: p.115), que me V.A. mandou que soubesse se podiam por ele entrar neste Porto me Moçambique [...] Parece-me [...] que não será muito entupi-lo, cega-lo, e fazendo-se ficara seguro o porto*”. O original desta carta encontra-se, ainda que incompleta, na Torre do Tombo – Noticia dos Ms. Da Costa de S. Lourenço, Vol. V. Fls. 103r. A 106v. Vem transcrita em os Ms. 1734, 2161 e 2943 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Foi publicada em: O Investigador Português em Inglaterra. Vol.16. Londres: 1816. P.397 a 406. Aqui transcrita por: COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.19

<sup>244</sup> “*Portanto, Senhor, o meu parecer é que, se V.A. quere fazer uma fortaleza em Moçambique, muito forte e que se possa defender dos turcos, se a vierem cercar, que a deve mandar fazer na ponta (norte) da ilha que esta na entrada do porto; a qual ponta é tão forte de natureza que, com mui pouca defesa, se fará nela uma força inexpugnável (o que veio a ser verdade, apesar das tentativas goradas de árabes, holandeses e franceses), porque toda ela quasi rodeada de mar e cingida de um rochedo fortíssimo e muito alto; [...] Este sitio, alem de ser tão forte como digo a V.A., tem outros proveitos consigo; o primeiro é que esta muito sobranceiro sobre a entrada do porto e sobre o mesmo porto, e nenhuma nau pode entrar, nem sair, nem estar no porto, que deste lugar se não meta no fundo*”. Ibidem. p.17-18

<sup>245</sup> “*...e dai (do hospital), com ele (Vedor da Fazenda da Ilha), com os fidalgos e capitães, e D. Jorge (Teles de Menezes), capitão da Fortaleza, fui ver o sitio da ilha e disposição do [seu] porto, e assim a fortaleza, que agora está (Torre São Gabriel). E, o que me a mim e a eles pareceu, é que desta fortaleza não deve V.A. fazer nenhum fundamento, que se pode guardar como agora está; nem a deve mandar fortificar, assim por ser muito pequena como por estar no mais ruim sitio de toda a ilha, e a despesa que nela se fizer, por estes dois respeitos, ser botada a longe, por que é em si tão pequena que, com mais verdade, se poderá chamar bastião ou baluarte, que castelo e fortaleza. E, como isto é assim, nenhuma cousa se lhe pode fazer com que fique forte, porque, no tempo da guerra, nenhum lugar pequeno se pode defender por respeito da grande força e fúria da artilharia; nem se pode chamar forte o lugar, o qual, se quem o defender perde um muro ou uma cava, se não pode retirar fazendo novos muros, novas cavas e novos reparos.*” Ibidem. p.17-18

A avaliação demolidora do Governador<sup>246</sup> e dos seus conselheiros da especialidade<sup>247</sup>, sobre o forte erguido por Duarte Mello em 1507-1508<sup>248</sup>, contraria a hipótese de que o projecto de Miguel de Arruda, na Ilha de Moçambique, foi para “a nova fortaleza de São Gabriel”<sup>249</sup>, ou seja que teria sido “debuxado” para reestruturar a antiga torre medieval<sup>250</sup>, e não para fazer de raiz a actual Fortaleza de São Sebastião.

As afirmações de Castro são bem explícitas acerca da inviabilidade desta desactualizada torre, e a impossibilidade de a readaptar às novas premissas defensivas da pirobalística (ver cit.243, 244 e 245). Sugere mesmo demoli-la para aproveitar pedra para a nova fortaleza<sup>251</sup>, pelo que seria pouco provável que o monarca não levasse em conta estes irrefutáveis argumentos técnicos de tão conceituado especialista nesta matéria.

Isto não significa que a velha torre não tenha sido melhorada enquanto a nova fortaleza não estava pronta, o que só veio a acontecer aproximadamente meio século depois.

Possivelmente, a prever esta demora, ou uma hipotética inviabilização das suas intenções por parte do monarca<sup>252</sup>, Castro deixou em aberto um plano alternativo<sup>253</sup>,

<sup>246</sup> “Os dias que o Governador esteve em Moçambique notou qua e fortaleza (Torre São Gabriel) que alli te o Estado, era obra mal entendida, por estar em distancia da praia, difficil aos provimetos, & soccorros de nossas armadas, situada em lugar baixo, aonde podia ser batida de muitas eminecias que a senhoreavão, impedindolhe juntamente a pureza dos ares em dano da saúde”. ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.25-26

<sup>247</sup> “Communicou este negocio com as pessoas que d’esta arte tinhao alguma luz por uso (por experiencia militar), ou disciplina (por terem estudado para tal) & a todos parecerão os erros da fortificação notados com juízo”. Ibidem. p.26

<sup>248</sup> Esta Torre foi construída para ter fundamentalmente as funções assistencial e comercial (Feitoria), dai as evidentes fraquezas castrenses que lhe são apontadas por Castro e Sepúlveda. FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de.... 1972. p.57

<sup>249</sup> Ibidem. p.61; Corroborado por DIAS, P. – Algumas questões sobre.... 1992. p.124; Esta hipótese carece da leitura da carta que D. João de Castro enviou a D. João III, em 1545, a partir da Ilha de Moçambique, já que o Arquitecto Pedro Quirino da Fonseca apenas cita um trecho escrito por Jacinto Freire de Andrade, atrás transcrito que, per si, é insuficiente sem a referida carta.

<sup>250</sup> Hipótese também contrariada pelas afirmações de António Durão, quando descreve: “se avia ya edificado otra (Torre de São Gabriel) mucho antes por Duarte de Mello, primero capitán que fué de aquella placa si bien no la prefeciono, como a sus sucessores no los obligassen ningunas necessidades, no continuaron con las obras, lo que pudiera ser causa de averse perdido”. SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.485; Citado por LOPES, C. S. - Miguel de Arruda e.... 1938. p.10

<sup>251</sup> “...e assim porque me (D. João de Castro) pareceu grande atrevimento desfazer uma fortaleza, que há tantos anos que esta feita (Torre São Gabriel), e i-la fazer noutra parte (onde actualmente se situa a fortaleza de São Sebastião) sem especial mandado de V.A., determinei de não bolir em cousa alguma ate me vir seu recado, e em tanto se irão juntando as achegas”. COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.20

<sup>252</sup> “E, se por ventura parecer a V.A. escusada esta obra (Fortaleza de São Sebastião)...”. Ibidem. p.21

apesar de não concordar com ele<sup>254</sup>, de “remediar” a Torre de São Gabriel com “dois baluartes”, que ele próprio mandaria erguer, o que poderá ter acontecido a julgar pela ilustração (fig.3-4: p.9-10), “mandada fazer por Lizuarte de Abreu”<sup>255</sup> em 1558, da Ilha de Moçambique, onde se vê a Torre Velha bastante mais robusta<sup>256</sup> em relação à que Castro desenhara (fig.1-2: p.7-8) anos antes.

Assim, obstando mais uma vez a teoria supra referida<sup>257</sup>, que em muito se sustenta nesta ilustração de Lizuarte de Abreu<sup>258</sup>, como nos levantamentos e descobertas arqueológicas que o Arq. Quirino da Fonseca fez (fig.91-98: p.103-108) sobre a Torre Velha<sup>259</sup>, tudo leva a querer, pelas afirmações de D. João de Castro<sup>260</sup>, que a ter havido melhoramentos na dita torre, foram segundo as suas directrizes e não de Arruda, tanto que, à altura, este último tinha já no seu currículo obras militares consolidadas como Mazagão<sup>261</sup>, de valor conceptual mais próximo do traçado da Fortaleza de São Sebastião, do que da mera execução de apêndices a uma velha torre medieval.

Para esse tipo de intervenção Castro era suficientemente habilitado, sendo o seu conhecimento técnico sobre os mais recentes sistemas abaluartados bem patente na forma como explana as suas intenções projectuais para a futura fortaleza, conforme se pode ler no excerto da sua carta ao Rei, em que afirma: “*Quanto ao modo que se deve ter, na fortificação desta ponta (norte), parece muito fácil de entender, como quer que se não deve fazer conta de mais que do lanço do muro, que se opõe à terra da ilha, o qual [...] tem de comprido trinta e uma braças. O pano deste muro faria eu um pouco encurvado (à italiana), para que a chegada a ele fosse mais dificultosa aos*

<sup>253</sup> “...e quiser que se remedeie a fortaleza que agora há (Torre São Gabriel), mandar-lhe-ei erguer os muros e ameallos, e assim fazer-lhe dois baluartes”. Ibidem. p.21

<sup>254</sup> “...o que, a meu juízo, se não deveria de fazer nem gastar nem tempo e dinheiro nisso”. Ibidem. p.21

<sup>255</sup> ABREU, L. - Livro de Lisuarte.... 1992.

<sup>256</sup> Que DIAS (2009) descreve desta forma: “O que nos interessa é que nesse ano de 1558, a fortaleza mais importante que havia na Ilha de Moçambique era a de São Gabriel, aí desenhada com grande volumetria, e ao que parece em bom estado de conservação. Possuía duas linhas defensivas, uma cerca mais alta e outra mais baixa, do tipo das barbacãs, ou então uma cortina já da piroballística, com bastiões (bastiões) ou baluartes dotados de praça-alta e de troneiras baixas, seguramente acasamentadas”. DIAS, Pedro – Algumas questões.... 1992. p.122

<sup>257</sup> Ibidem. p.124

<sup>258</sup> Ibidem. p.122

<sup>259</sup> Ibidem. p.124; Citando FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de.... 1972.

<sup>260</sup> COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.21

<sup>261</sup> MOREIRA, R. - A Construção de.... 2001. p.98

*inimigos [...] também para que a artilharia o não batesse por linha direita [...] E em cada extremidade ou ponta, onde o muro fosse encontrar a rocha de sobre o mar, faria baluartes [...] cheios e terraplanados e em cima estará a artilharia que vareje toda a terra da ilha e o porto”*<sup>262</sup>.

Este saber seria praticado ainda durante essa curta estadia na referida ilha<sup>263</sup>, quando abaluartou o rochedo<sup>264</sup> em redor da actual Capela da Nossa Senhora do Baluarte<sup>265</sup> (fig.68-75, 89: p.78-85, 100), assegurando uma primeira linha de defesa no local que Castro julgava crucial para a defesa da vulnerável torre medieval<sup>266</sup>.

Deste modo, verifica-se que o conteúdo essencial, para a temática aqui tratada, da carta devidamente ilustrada<sup>267</sup> que D. João de Castro enviou a D. João III<sup>268</sup>, que serviu de base<sup>269</sup> ao projecto solicitado a Miguel de Arruda da futura Fortaleza de São

<sup>262</sup> COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.19-20

<sup>263</sup> “Suceddeo logo a execução ao coselho & escolhido sitio conveniente, determinou materiaes & mestres para a nova defesa & como isto se obrava aos olhos do Governador, os fidalgos à volta dos piões acarretavao as pedras: huas que serviao a lisonja, outras ao edificio”. ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.26

<sup>264</sup> Conforme nos testemunha Frei João dos Santos, na década oitenta de seiscentos, quando afirma: “Fora da Fortaleza de Moçambique (actual São Sebastião) na ponta da Ilha, está uma ermida (actual capela) da invocação da Nossa Senhora do Baluarte, o qual lhe puzeram por respeito de ser a mesma igreja antigamente um baluarte, onde estava a artilharia, para defender a barra, antes que se fizesse a fortaleza (de São Sebastião)”. SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.79; Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para o.... 1966, p.9-10

<sup>265</sup> Este monumento foi mandado erguer, em 1522, por D. João III “IN-MEMORIAN” de seu Pai, D. Manuel I, a D. Pedro de Castro, conforme documenta CASTANHEDA quando escreve: “E deixando a terra pacifica se foy pêra Moçambique, ôde achou dom Pedro & os outros (Diogo de Mello) que ali invernavão fazendo hua casa de nossa senhora que se chama baluarte”. CASTANHEDA, F. L. - Historia do Descobrimento.... 1833. Livro 6. p.97; O ano em que D. Pedro de Castro “invernou” na Ilha é corroborado por BARROS quando escreve: “...Capitão de huma nao, de três que este anno de vinte e dous (1522) partiram deste Reyno pêra a Índia, e os Capitães das outras duas eram Diogo de Mello [...] e [...] D. Pedro de Castro [...] os quaes, por não poderem passar á Índia, invernaram em Moçambique”. BARROS, J. - Da Ásia. Década III. Parte 2ª. Livro VIII. Cap.VII.... 1777. p.180; Citado por FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de.... 1972. p.59

<sup>266</sup> “Posta já em defesa a Fortaleza” referindo-se á Torre existente, que assim ficaria mais protegida de eventuais armadas inimigas que tentassem entrar naquele Porto pela ponta norte da Ilha. ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.26

<sup>267</sup> “E para que isto melhor se possa entender, mando (D. João de Castro) aqui a V.A. a pintura em que se contem todas estas cousas”. Ibidem. P. 19; Responde D. João III dizendo: “Folguei muito de ver o debuxo que me enviastes da (nova) fortaleza de Moçambique”. Ibidem. p.25

<sup>268</sup> Conforme carta de D. João III a D. João de Castro “escrita em Almeirim a 8 de Março de 1546” onde se lê: “D. João de Castro amigo. [...] Por Bernardo Nasci [...] que chegou aqui no mês de Fevereiro passado, recebi a carta que me escreveste de Moçambique”. COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.25

<sup>269</sup> “...vinha mui bem declarado como era necessário para se entender, e do sitio ter boa disposição para se fortificar, recebo contentamento”. Ibidem. P.25-26; “...D. João de Castro mandou ao monarca, alem da descrição da ponta noroeste da ilha, um debuxo [...] da futura construção, isto é, um projecto preliminar da obra, base do plano traçado por Arruda”. LOPES, C. S. - Miguel de Arruda e....1938. p.7



Sebastião<sup>270</sup>, e a respectiva resposta, “*escrita em Almeirim a 8 de Março de 1546*”<sup>271</sup>, pelo monarca ao dito Governador, muito contribui para a clarificação da autoria projectual da referida fortificação.

As “*linhas mestras*” do projecto, detalhadamente descritas por Castro, foram suficientes para Arruda o elaborar, mesmo nunca tendo ido ao local, tal como aconteceu mais tarde, com o processo construtivo de São Salvador da Bahia<sup>272</sup>, de onde Luís Dias ia dando as directrizes para o seu “*Mestre*” as passar ao papel, a partir de Lisboa, num dialogo mestre arquitecto (Arruda) – colaborador discípulo (Luís Dias) que, no caso de Moçambique, foi mais mestre arquitecto - perito militar (D. João de Castro), sendo preponderante a empatia técnica destes dois últimos<sup>273</sup>, amadurecida na campanha de inspecção de algumas praças norte africanas, em 1543<sup>274</sup>.

Executado o “*debuxo*” para a futura fortaleza, este foi levado em mão<sup>275</sup>, no ano seguinte<sup>276</sup>, por um discípulo de Miguel de Arruda “*de grande engenho e habilidade naquella arte*”<sup>277</sup>, chamado Francisco Pires<sup>278</sup> que, por casualidade, não “*invernou*” em Moçambique<sup>279</sup> conforme previsto, seguindo para Diu<sup>280</sup> onde foi preponderante na

<sup>270</sup> “...que cá mandei fazer a Miguel de Arruda, por ser tão pratico nestas coisas como sabeis”. COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.26

<sup>271</sup> Ibidem. p.25

<sup>272</sup> MOREIRA, R. - O Arquitecto Miguel de Arruda e... 2003. p.40 e seguintes.

<sup>273</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.72

<sup>274</sup> Onde Miguel de Arruda e D. João de Castro fizeram parte da mesma equipa de inspectores. ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de... 1835. p.408

<sup>275</sup> Conforme ordem de D. João III a D. João de Castro: “*E porque é coisa tão importante, deveis logo de ordenar como se faça, pela maneira do debuxo que vos aqui envio*”. COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. P. 26

<sup>276</sup> 1546. Ibidem. P.71

<sup>277</sup> “*que Lourenço pirez de tauora aly leuara comsigo, e por mandado del Rey o leuara deste reyno para que se acaso lhe fosse necessário inuernar em Moçambique fizesle ahy huma fortaleza*”. ANDRADA, F. - Cronica do Muyto Alto e... 1786. Parte 4. p.76

<sup>278</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p. 299

<sup>279</sup> “*Francisco Pires, grande mestre d'obras, que fora lá com Lourenço Pires de Tavora, que ElRey o mandara com elle para que se caso fosse que envernasse em Moçambique com sua gente ahy fizesse huma fortaleza, que trazia já pintada, e ordenada por ElRey, em que avia de deixar gente e artelharia quanta comprisse, em que avia de estar sempre o capitão de Çofala, pera que estivesse o porto seguro de n'elle entrarem rumes (árabes ou turcos), que ahy podião vir ter quando ahy estiuessem as nãos do Reyno; e que nom enuernando todauia ahy deixasse o mestre e todo o necessário, o que o capitão de Çofala viesse ahy fazer a fortaleza. E quis Deos que tudo isto se nom fez, porque Lourenço Pires, nom achando tempo, correo por fora da ilha de São Lourenço (Madagáscar)*”. CORREIA, G. - Lendas da Índia. Tomo, parte 2. 1859. p.581

<sup>280</sup> Conforme afirma D. João de Castro: “*O que me dera muito trabalho, se não acertara de vir do Reino Francisco Pires; porque não ha cá (Diu) official que saiba nada. E por esta razão me cumpre tê-lo cá este verão, e não o mandar a Moçambique*”. PINTO, M. S. - Dom João de... 1912. p.100

(re)construção da primeira fortaleza abaluartada do Índico<sup>281</sup> (fig.143-145: p.156-158), inspirada na traça da sua congénere de Ceuta<sup>282</sup> (fig.146-149: p.159-162).

Esta contingência é um dos factores que mais contribui para o sinuoso processo construtivo da Fortaleza de São Sebastião pois, o facto do supra referido mestre de obras, a quem Arruda explicou e delegou a execução do projecto, não ter dado início à empreitada pelas razões já mencionadas, gerou um encadeamento de contratempos logísticos, técnicos e financeiros que atrasaram o início dos trabalhos em 12 anos<sup>283</sup>, arrastando-se depois durante mais de meio século<sup>284</sup>.

Testemunho destas contrariedades técnico-logísticas é a “*carta de Fernão de Sousa, escrita de Baçaim, ao Rei, a 24 de Novembro de 1547*”<sup>285</sup> onde, perante o “*regimento*” que lhe foi solicitado pelo monarca para “*acabar com brevidade a fortaleza [...] em Momsãmbique*”<sup>286</sup>, lamenta-se de D. João de Castro lhe ter rejeitado o pedido de levar Francisco Pires<sup>287</sup> para a executar, já que lá não havia na Ilha “*nenhum destes hofícios*”<sup>288</sup>.

A julgar por esta carta<sup>289</sup>, poderá ter sido Fernão de Sousa de Távora quem levou o “*debuxo*” de Arruda da Índia para a Ilha de Moçambique, mas não terá adiantado mais do que “*fazer pedra e call*” (fig.60: p.70) com os “*desaseis cavouqueyros*”<sup>290</sup> (fig.59: p.69) que lhe foram disponibilizados pelo, à data, quarto Vice Rei da Índia, enquanto esperou, em vão, pelo dito Mestre de Obras.

<sup>281</sup> Conforme afirma D. João de Castro: “*Parece-me que espantará muito a gente desta terra*”. Ibidem. p.100

<sup>282</sup> Ainda o mesmo, afirma: “*A maneira que faço a fortaleza (de Diu) é pelo debuxo da de Ceuta*”. Ibidem. p.100

<sup>283</sup> “*Podemos afiançar que a actual praça de São Sebastião de Moçambique foi principiada a construir em 1558, governando a capitania Sebastião de Sá*”. MORENO, L. – Quem mandou construir a... 1935. p.157

<sup>284</sup> “*...e que foram concluídas as obras exteriores no período de 1607 a 1614*”. Ibidem. P.157

<sup>285</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.2, p.302; Citado por LOPES, C. S. - Miguel de Arruda e... 1938.

p.7

<sup>286</sup> Ibidem. Vol.2, p.302

<sup>287</sup> “*Quando foy tempo, eu (Fernão de Sousa) requeri ao Governador (D. João de Castro) que mandasse Francisco Pirez, ho pedreyro, comigo pêra loguo compesarmola obra, elle me respomdeo que ho não podia madar este ano (1547) porque ho mandava a orumuz*”. Ibidem. Vol.2, p.302

<sup>288</sup> Ibidem. Vol.2, p.302

<sup>289</sup> Senhor (D. João III) – ho ano pasado (1546) [...] receby hua carta de V.A. em que me manda tenha muito cuidado e ponha muita delygencia em se acabar com brevidade a fortaleza (futura S. Sebastião) que V.A. mãda fazer em Momsãmbique, Ibidem. Vol.2, p.302

<sup>290</sup> Ibidem. Vol.2, p.302

A morte de D. João de Castro em 1548<sup>291</sup>, adia novamente o início da obra, que ficaria estagnada durante uma década, sendo inclusivamente questionada a sua viabilidade pelo futuro Embaixador Português em França<sup>292</sup>, João Pereira Dantas.

Numa tentativa de otimizar a Carreira da Índia, no sentido desta ser menos propensa a naufrágios e mais expedita no tempo que as naus demoravam do Reino à Índia e voltar<sup>293</sup>, D. João III solicita a Dantas um estudo sobre esta rota, e envia-o, por via da mesma, em 1556<sup>294</sup>.

Do essencial desse relatório<sup>295</sup> destaca-se a proposta de construção de uma fortaleza entre o Cabo da Boa Esperança e actual baía de Maputo, como ponto médio de apoio da rota, onde o clima é mais ameno, prescindindo da viagem por dentro do Canal de Moçambique, onde as naus estavam sempre mais sujeitas aos caprichos das monções, obrigando-as a “invernarem” na Ilha de Moçambique, e optando por uma rota por fora do referido canal, contornando a nascente a ilha de S. Lourenço (actual Madagáscar), onde se poderia implantar um ponto de apoio secundário (uma praça fortificada)<sup>296</sup>.

Sem dúvida um plano arrojado e visionário<sup>297</sup>, que possivelmente tinha sido mais proveitoso para Portugal, mas que não se viria a concretizar naquela época. Em parte

---

<sup>291</sup> “Logo que o Viso-Rey (D. João de Castro) entendeu” que ia morrer “se recolheu com o Padre S. Francisco Xavier [...] E [...] rendeu a Deus o espírito em seis de Junho de mil quinhentos quarenta e oito, aos quarenta e oito de idade, e quase três de governo d’aquelle Estado (da Índia)”. ANDRADE, J. F. - Vida de D. João de.... 1835. p.309

<sup>292</sup> SANTOS, M. E. M. H. - O carácter experimental da.... 1969. p.5

<sup>293</sup> Ibidem. p.6

<sup>294</sup> Ibidem. p.6

<sup>295</sup> Onde Dantas afirma que “os inconvenientes desta rota não se faziam sentir apenas na duração da viagem e nos perigos de naufrágios no Cabo (da Boa Esperança), mas estendiam-se à saúde da gente armada” sendo uma das principais causas da “grande mortalidade nesta carreira [...] o facto de os homens terem que suportar grandes diferenças de temperatura, num período de tempo relativamente pequeno” pois “partiam de Lisboa em Março com um clima frio, entrando pouco depois na Costa da Guiné, quentíssima. Dai passavam ao Cabo onde encontravam temperaturas baixas, entrando depois de novo no calor do parcel de Sofala” “invernando” muitas vezes, depois deste exaustivo percurso, na Ilha de Moçambique, conhecida pelos seu “ar doentio”. Ibidem. p.7

<sup>296</sup> Francisco Barreto ainda ordena a Baltazar Lobo de Sousa, em 1556, “para ir descobrir a Ilha de Lourenço pelo lado de fora e procurar nela a melhor baía e porto que houvesse, para se fazer uma fortaleza em que as naus, que fossem do Reino para a Índia” e vice versa “pudesse invernar”. Ibidem. p.18

<sup>297</sup> Este plano viria a ser adoptado mais tarde, quando o Governo de Moçambique passou da Ilha para Lourenço Marques, actual Maputo, na “Delagoa Bay”, conforme João Pereira Dantas sugeriu que seria mais conveniente. Esta mudança veio marcar o declínio da Ilha, tal como tinha acontecido à Ilha do Ibo.

devido à morte de D. João III, “em Julho de 1557”<sup>298</sup>, com a conseqüente “quebra no intento de renovação desta viagem”<sup>299</sup>, mas também devido ao forte centro de influencia instituído na Praça Moçambicana<sup>300</sup>, que por essa altura aumentava novamente de importância, em termos mercantis, devido à perspectiva do comércio de metais preciosos com o Reino de Monomotapa<sup>301</sup> (actual Zimbabué).

Esta importância acrescida veio revalidar a necessidade construtiva da nova fortaleza, projectada anos antes por Miguel de Arruda, obra que finalmente começou por ordem da rainha D. Catarina<sup>302</sup> ao recém nomeado Vice-Rei D. Constantino de Bragança, que, ao chegar à Ilha de Moçambique, no verão de 1558<sup>303</sup>, em conjunto com o Capitão daquela Praça, Sebastião de Sá<sup>304</sup>, inaugurou oficialmente a empreitada<sup>305</sup>, trazendo para o efeito “um architecto”<sup>306</sup> ou “engenheiro”<sup>307</sup> para dirigir a obra.

Este início formal das obras devia estar a ser preparado com antecedência, já que existem autores que referem o ano de 1557, quando era Capitão da Praça Diogo de Sousa, como o princípio oficial dos trabalhos, algo que deve ter de haver com uma

<sup>298</sup> SANTOS, M. E. M. H. - O carácter experimental da.... 1969. p.20

<sup>299</sup> Ibidem. p.20

<sup>300</sup> “Por isso, neste lugar tão favorável de Moçambique, el-rei [...] tem um hospital e um armazém para provimento das coisas necessárias às armadas; e é só com estas consideração que ele faz fortificar tão bem e guardar este lugar pelo proveito que dele tira nestas coisas. E sem isto seria mui dificultoso fazer a viagem da Índia à ida...”.

PYRARD, F. - Viagem de Francisco Pyrard.... 1944. vol.2, p.169.

<sup>301</sup> FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de.... 1972. p.62.

<sup>302</sup> Viúva de D. João III e mãe de D. Sebastião.

<sup>303</sup> SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.78-79.

<sup>304</sup> “...com a ajuda de Bastião de Sá que então era capitão de Çofala & estava em Mossambique”. COUTO, D. - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. Livro VIII. Capitulo XII.... 1783. p.258.

; BORDALO (1859) também afirma que “Sebastião de Sá – Entrou a governar a capitania em 1558. No mesmo anno chegou a Moçambique um engenheiro para dirigir a obra da excellente fortaleza de S. Sebastião, que ainda hoje ali temos”. BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaios sobre.... 1859. p.106

<sup>305</sup> “Desembarcou o Vice-Rei [...] e no seu alicerce (da dita Fortaleza) deitou a primeira pedra com as cerimoniaes costumadas”. QUINTELLA, I. C. - Annaes da.... Vol.1. 1840. p.474-475

<sup>306</sup> “Esta fortaleza (São Sebastião) [...] foi traçada [...] por um architecto”. SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.78

<sup>307</sup> “...no anno de 1558 mandou D. Constantino de Bragança levantar huma Fortaleza nesta Ilha, e outra em Damão por hum Engenheiro, que levara de Portugal, segundo dizem as Memorias d'ElRei D. Sebastião, Tomo 1. pag. 151 e pag. 241”. QUINTELLA, I. C. - Annaes da.... Vol.1. 1840. P.436; “Desembarcou o Viso-Rei e ordenou logo a hum Engenheiro, que para isso levava de Portugal, desse principio a huma nova Fortaleza, que se mandava construir na ponta (norte) da Ilha, que domina a entrada do Porto”. Ibidem. P.474-475; BRANCO (1935) contraria que o dito “engenheiro” tenha vindo do Reino ao afirmar: “Em 1558, governando a Capitania Sebastião de Sá, e vindo de Goa expressamente para esse fim, um engenheiro, se deu principio á obra (da Fortaleza)”. BRANCO, T. F. M. – A Fortaleza de.... 1935. p.7

ordem régia<sup>308</sup> que só seria concretizada no ano seguinte, com a chegada do referido técnico.

O facto de “o Viso-Rei” ter colocado “a primeira pedra” na obra denota que esta já estava com alguns trabalhos preliminares em andamento, como a preparação de “pedra e call” (fig.60: p.70) pelos “cavouqueyros”, (fig.59: p.69) alguns levados por Fernão de Sousa de Távora dez anos antes<sup>309</sup>, e a abertura de “alicerces”<sup>310</sup>, talvez por ordem de Diogo de Sousa, em 1557<sup>311</sup>, sendo assim pouco provável que o “engenheiro” que “deu principio à obra”, em 1558<sup>312</sup>, tenha feito um projecto novo para uma obra que, de certa forma, já tinha sido iniciada.

Este misterioso personagem, referenciado por várias fontes coevas, tem a sua descrição mais pormenorizada por Frei João dos Santos, escrita aquando da sua passagem pela Ilha, em 1586, onde afirma que a “fortaleza (de São Sebastião) é uma das mais fortes que ha na Índia; foi traçada assim ella como a de Damão, por um architecto que foi sobrinho do arcebispo santo de Braga D. Frei Bartholomeu dos Martyres, da ordem dos pregadores; o qual architecto sendo mancebo se foi a Flandres, d’onde tornou grande official de architectura, e depois d’isso foi mandado à Índia pela rainha D. Catarina, quando governava este reino, para fazer estas fortalezas (Moçambique e Damão); o que foi no anno do Senhor de 1558 quando D. Constantino foi vice-rei da Índia. E tornando este architecto da Índia, foi-se a Castella, onde tomou o habito da ordem de S. Jeronymo, e foi mui acceito a El-Rei Philippe II e por sua traça se fizeram muitas obras no Escuria”<sup>313</sup>.

---

<sup>308</sup> “No anno de 1557 por mandado del Rey dom João o 3º édificou nella dom Diogo de-sousa huma fortaleza mui importante”. SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.485

<sup>309</sup> VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.2, p.302

<sup>310</sup> QUINTELLA, I. C. - Annaes da.... Vol.1. 1840. p.474-475

<sup>311</sup> SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.485

<sup>312</sup> BRANCO, T. F. M. – A Fortaleza de.... 1935. p.7

<sup>313</sup> SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.78-79

Há quem se baseie neste trecho de SANTOS (1609) para afirmar que o projecto foi da autoria deste “*grande official de architectura*” e não de Arruda<sup>314</sup>, algo pouco provável já que no ano de 1558, este último tinha já dez anos como “*Mestre das Obras dos Muros e Fortificações do Reino, Lugares d’Além e Índia*”<sup>315</sup>, cargo que assumiu até a sua morte em 1563.

Conforme já se expôs nos capítulos anteriores, os créditos conferidos a este cargo eram bem claros quanto à execução “*das Obras dos Muros e Fortificações do Reino, Lugares d’Além e Índia*”<sup>316</sup>, conferindo ao seu detentor (Arruda) plenos poderes para dele depender a última palavra nos “*debuxos das ditas obras*”.

Não quer isto dizer que a traça original, executada por Arruda e levada, anos antes, por Francisco Pires, não pudesse ter sido corrigida ou alterada<sup>317</sup> e, possivelmente, até tenha sido o dito “*sobrinho do arcebispo*” a executá-la, mas com o aval do referido “*Mestre*”, de quem poderia até ser discípulo ou colaborador.

<sup>314</sup> Como é o caso do Arq. Quirino da Fonseca que ao citar um trecho de Fernão Ferreira Pais, no seu *Armas formosas Armas Portuguesas* (1630), onde se lê: “*O ditto Pedro d’Anhaia fez este ano a fortaleza de Çofala e por mão de hum famoso architecto sobrinho do Arcebispo Dom Frei Bartolomeu dos Mártires se acabou no ano de 1558 que foi para la por mandado da Rainha D. Catarina sendo vizo-rei D. Constantino*”, afirma (Arq. Quirino da Fonseca) que “*por este documento, julgamos não restar duvidas de que foi o tal sobrinho do Arcebispo de Braga o autor da traça da Fortaleza de S. Sebastião e não Miguel de Arruda*”. Ora, numa análise imediata do, acima transcrito, trecho de PAIS (1630), é bem evidente que este fundiu de forma errónea a passagem, também já aqui transcrita, de SANTOS (1609), com outra de BARROS (Da Ásia. Década I. Parte 2. Livro IX. Cap.VI. ....1777. p.360 e seguintes). Os erros são demasiados em tão poucas palavras para se aceitar como referencia credível. “*O ditto Pedro d’Anhaia fez este ano a fortaleza de Çofala*” a mando de D. Manuel I em 1505-6 (BARROS, J. - Da Ásia. Década I.... 1777. P.360 e seguintes) e o “*famoso architecto*” começou, e não “*acabou no ano de 1558*” a Fortaleza da Ilha de Moçambique e não “*a fortaleza de Çofala*”.

<sup>315</sup> Conforme “*regimento*” de D. João III onde se lê: “*vendo eu (o Rei) como he necessário os muros e fortalezas que ate agora são feitos nos lugares de meus reinos e señorios serem reparados [...] quer outros [...] que de novo cumprir que se fação he necessário haver mestre das ditas obras, por confiar de Miguel Darruda, cavaleiro fidalgo da minha casa, que polla abelidade e esperiência que tem das ditas obras me servira no dito carregado de mestre dellas com todo o cuidado e deligencia que cumpre*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.72-73

<sup>316</sup> “*...pelas funções que exercia desde 1548, era Miguel de Arruda quem superintendia em todos os trabalhos, e os diversos architectos empregados nas obras militares do Reino, de Marrocos e do Oriente – e, naturalmente, nas de todos os outros domínios – eram meros executores dos seus planos. Poderiam, certamente, sugerir alterações nas obras das praças e elaborar projectos provisórios de obras das praças e elaborar projectos provisórios de obras novas, porem, quem decidia todos os assuntos e traçava os planos definitivos era Miguel de Arruda. A ele competiria introduzir qualquer modificação no plano da fortaleza de Moçambique, que anteriormente traçara. Admitindo mesmo que, na sua qualidade de director geral das fortificações – como hoje diríamos – encarregasse, por vezes, outros architectos da elaboração de quaisquer projectos, não é de presumir que entregasse a outrem, para efeito de remodelação, um plano que ele próprio fizera*”. LOPES, C. S. - Miguel de Arruda e....1938. p.9

<sup>317</sup> “*...o projecto para a nova fortificação de Moçambique, desenhada por Miguel de Arruda [...] Mas apenas seria iniciada em 1558, sofrendo modificações e acrescentos*”. MOREIRA, R. - Fortalezas do Renascimento....1994. p.138

Das pesquisas que foram feitas para este trabalho, para tentar identificar este misterioso “engenheiro” ou “arquitecto”, surgiram dois nomes que se encaixam em diferentes descrições de SANTOS (1609: P.78-79), sendo um deles Inofre de Carvalho e o outro Pêro Fernandes, mas em ambos há enormes hiatos biográficos preponderantes para a fundamentação, que impedem uma confirmação segura de que foi realmente a um deles que D. Constantino de Bragança confiou o arranque da supramencionada empreitada.

O primeiro foi considerado “*grande Arquitecto*”<sup>318</sup> e possivelmente terá sido discípulo de Miguel de Arruda<sup>319</sup>, e é o mais conhecido e documentado dos dois, apesar de ainda haver muito para conhecer sobre ele. Este obidense, “*aparece referenciado como profissional liberal, proprietário da sua própria oficina, em documento datado de 1538, trabalhando para o estaleiro do Hospital das Caldas [...] havendo registos da sua actividade até 1547*”<sup>320</sup>.

A família Noronha deu-lhe “*protecção e formação*”<sup>321</sup> e, “*provavelmente por influencia do tio*”<sup>322</sup>, financiaram-lhe os estudos na Flandres<sup>323</sup>, “*d’onde tornou grande official de architectura, e depois d’isso foi mandado à Índia*”<sup>324</sup>, em 1551, “*por mestre das obras que lá mandar fazer o Viso-rei*”<sup>325</sup>, para substituir o “*Mestre das Obras da Índia*”<sup>326</sup> Francisco Pires<sup>327</sup>.

<sup>318</sup> D. Antão de Noronha sobre a ilha de Barém, comenta que: “...é um Inofre de Carvalho Portuguez, grande Arquitecto (que ElRey D. Sebastião tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz) ordenou uma máquina de madeira sobre rodas altas, pêra de cima pelejarem alguns homens e lhe poz algumas peças de artilheria”. COUTO, D. - Da Ásia. Década VII, Anno 1559, Livro Sétimo, Dom Constantino. Lisboa: Pedro Craesbeeck. 1616. p.135

<sup>319</sup> MOREIRA, R. - A arte da guerra.... 1989. p.155

<sup>320</sup> CAMPOS, J. S. S. - Arquitectura Militar Portuguesa no.... 2008. p.294

<sup>321</sup> “...Inofre de Carvalho encontrou apoio para a sua formação por parte de D. João de Noronha, então alcaide do burgo, e cuja família lhe proporcionará protecção ao longo da sua vida. [...] o Vice-rei no Oriente era D. Afonso de Noronha, sobrinho do referido alcaide de Óbidos (D. João de Noronha ) [...] Inofre de Carvalho acompanha o sobrinho do referido Vicerei, D. Antão de Noronha”. Ibidem. p.294

<sup>322</sup> CARITA (2001: P. 399) refere-se ao “*poderoso D. Frei Bartolomeu dos Mártires*” baseando-se em SANTOS (1609: P.78-79) que, por sua vez, não fundamenta esta informação em nenhuma fonte, o que torna esta afirmação de que Inofre de Carvalho é o “*sobrinho do arcebispo santo de Braga*” um pouco vaga. CARITA, R. - Os engenheiros-mores na.... 2001. p.399

<sup>323</sup> Ibidem. p.399

<sup>324</sup> SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.78-79

<sup>325</sup> Em 1551 D. João III manda-o para a Índia com esse cargo, conforme carta do monarca onde se lê: “*Barão amigo, eu emuyo ora a lndia Inofre Carvalho por mestre das obras que lhe laa manda fazer o Viso rey (D. Afonso de Noronha) e governador*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p. 530

<sup>326</sup> “até que pontuou como Mestre das Obras da Índia o celebrado Francisco Pires. Este foi substituído por Inofre de

Há registos da sua participação nas obras das fortalezas de Ormuz<sup>328</sup> (no actual Irão) e do Barém (Bahrain)<sup>329</sup> onde “*revela um conhecimento perfeito das concepções de Pietro Cataneo (fig.156-158: p.169-171) [...] colocando assim este fortificador a par dos princípios mais avançados da fortificação da sua época*”<sup>330</sup>, afirmando-se como um “*construtor de vanguarda, possuindo informação técnica ou contactando com realizações de grande qualidade*” o que o habilitou “*a empreender, com segurança e elegância, a realização de complexas edificações abaluartadas com casamatas, todas com um inconfundível traço pessoal*”<sup>331</sup>.

Em Abril de 1558, o Capitão de Ormuz D. Antão de Noronha, protector de Inofre, nomeou-o Capitão do Mar daquela praça, encarregando-o da direcção das obras de reabilitação da fortaleza local<sup>332</sup> (fig.113-122: p.126-135).

Passado cinco meses chega a Moçambique D. Constantino de Bragança que, quando “*deitou a primeira pedra*” no inicio das obras da Fortaleza de São Sebastião, tinha a seu lado um mestre de obras que poderia ter sido Inofre de Carvalho, dado que tanto a distancia física (Ormuz – Moçambique), como a cronológica (Abril a Setembro de 1558) eram próximas, alem da coincidência de ter supostamente estudado arquitectura na Flandres, tal como o “*sobrinho do arcebispo santo de Braga*”, e depois ter sido enviado para a Índia (só que, no seu caso foi enviado por D. João III, em 1551, enquanto que o outro foi “*pela rainha D. Catarina*”, em 1558).

Outra das incongruências entre Inofre de Carvalho e a descrição de SANTOS (1609: p.78-79) e QUINTELLA (1840: p.435), é o facto de não haver fontes que façam referencia a Inofre nas obras da fortaleza de Damão (fig.140-42: p.153-155).

---

*Carvalho, enviado em 1551 para a Índia* [...] “*É sobremaneira importante a intervenção levada a cabo pelo Arquitecto Inofre de Carvalho. Depois de Francisco Pires, o novo Mestre das Obras da Índia, imbuído de um autêntico vanguardismo experimentalista*”. CAMPOS, J. S. S. – Arquitectura Militar Portuguesa no.... 2008. p.165

<sup>327</sup> CARITA, R. - Os engenheiros-mores na.... 2001. p.399

<sup>328</sup> Onde também contribuiu, dez anos antes, Francisco Pires, conforme carta de Fernão de Sousa escrita em finais de 1547, onde se lê: “*...elle (D. João de Castro) me respomdeo que ho não podia madar este ano (1547) porque ho mandava a orumuz*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico.... 1988. Vol.2, P. 302.

<sup>329</sup> MOREIRA, R. - Inofre de Carvalho.... 1988.

<sup>330</sup> CARITA, R. - Os engenheiros-mores na.... 2001. p.399

<sup>331</sup> CAMPOS, J. S. S. – Arquitectura Militar Portuguesa no.... 2008. p.295

<sup>332</sup> Ibidem. p.295



O mais aproximado em data (1559) e local (Damão) é a referencia a um “*Capitão Pêro Fernandes, Cavalleiro da Ordem de Sant-Iago*”<sup>333</sup>, *Mestre das Ferrarias de Goa, grande Engenheiro*” que foi na viagem da Armada de D. Constantino de Bragança a Damão<sup>334</sup>, mas a informação é demasiado vaga para se poder tirar ilações mais consistentes.

Há a referir ainda que, Pêro Fernandes, partilha um dos apelidos do Arcebispo de Braga, o qual, antes de ingressar na Ordem Dominicana dos Pregadores, se chamava Bartolomeu Fernandes do Vale<sup>335</sup>, podendo assim haver alguma relação de parentesco entre o “*architecto*”, a que se refere SANTOS (1609: p.78-79), e o “*Frei Bartholomeu dos Martyres*”.

É interessante também uma inscrição que, apesar de incipiente, poderá ser útil para estabelecer algum tipo de relação. É um texto transcrito de uma lapide (fig.90: p.102), que existia na fachada do Palácio de S. Paulo<sup>336</sup>, na Ilha de Moçambique, onde se lê: “*Antiga casa de Bartholomeu dos Martyres, Português que militou na Índia e na África Oriental, e que dela fez doação aos padres da Companhia de Jesus, que nela estabeleceram um colégio denominado S. Paulo, cuja invocação é ainda hoje a ermida que dela faz parte...*”<sup>337</sup>.

Quem possivelmente poderá ter conhecido esse “*architecto*”, mas não o mencionou nos seus apontamentos, foi Lizuarte de Abreu que veio na mesma armada de D. Constantino e, aproveitando a sua estadia na Ilha de 22 de Julho a 7 de Agosto de 1558<sup>338</sup>, mandou ilustrar<sup>339</sup> a Ilha de Moçambique da época (fig.3-4: p.9-10), onde se

<sup>333</sup> O actual baluarte de São João foi originalmente chamado de Santiago, o que poderá ter alguma relação com a Ordem a que pertencia Pêro Fernandes. (fig.10: p.16).

<sup>334</sup> COUTO, D. - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. Livro VI. Capitulo IV.... 1783. p.24

<sup>335</sup> SOUSA, Frei Luís de - Vida do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires....1946.

<sup>336</sup> Também conhecido PalConstruído a partir dos paramentos da Torre de São Gabriel. FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de.... 1972.

<sup>337</sup> BOTELHO, S. X. - Memoria estatística.... 1835; Citado por LOBATO, A. - Ilha de Moçambique.... 1945. p.32

<sup>338</sup> ABREU, Lizuarte de - Livro de.... 1992. p.43

<sup>339</sup> “*Este livro hé de Lisuarte d’Abreu que ho mandou fazer*”. ABREU, Lizuarte de - Livro de.... 1992

consegue observar o início dos trabalhos da nova Fortaleza<sup>340</sup> (fig.4: p.10), à qual se deu o nome de São Sebastião<sup>341</sup>.

Apesar do impetuoso arranque da tão ansiada empreitada, os trabalhos foram-se arrastando lentamente durante anos, sendo uma preocupação recorrente do Rei e respectivos Vice-Reis da época, como testemunha uma carta de D. Francisco Coutinho, escrita em 1561<sup>342</sup>, ano em que foi nomeado e fez escala em Moçambique<sup>343</sup>, a caminho da Índia.

Pelo conteúdo da mesma, nota-se nas instruções dadas pelo Vice-Rei ao Capitão da Praça, Pantaleão de Sá<sup>344</sup>, que o andamento da obra não era o melhor, tanto em termos de prazos como de custos, conforme se lê no seguinte trecho: *“Quando chegou de Sofala Pantaleão de Sá, disse-lhe algumas cousas que havia de fazer e outras que não havia de fazer; nestas entrou a fortaleza, porque não houve por serviço de Vossa Alteza fazer-se daquela maneira. Não digo acrescentando nem diminuindo na traça, senão no modo. Mandeí somente que ajuntasse muita pedra e cal, e até se não acabar a fortaleza ninguém fizesse casa de perda e cal, porque com este achaque havia alguma falta nas obras de Vossa Alteza, e como tivesse as achegas juntas, que mo fizesse saber, pera então mandar entender na obra com mais brevidade e menos custo: porque é graça dizer-se a fortaleza que fez D. Diogo de Sousa (1553-1557), e depois dele gastou três anos de Bastião (Sebastião) de Sá (1557-1560), e três de Pantaleão de Sá (1560-1564), e daqui a seis não pode ser acabada na ordem que leva;*

<sup>340</sup> “...perto da capela do Baluarte, mas não colada a ela, vê-se um recinto fortificado, baixo, que parece ser poligonal [...] que se trata dos alicerces e arranques das cortinas e baluartes da fortaleza de São Sebastião, portanto, em início de construção”. DIAS, Pedro – Algumas questões.... 1992. P.122

<sup>341</sup> Talvez “em memoria d’ElRey D. Sebastião, que reinava, como de Bastião (Sebastião) de Sá, que era naquelle tempo Capitão de Moçambique”. COUTO, D. – Vida de D. Paulo.... 1765. p.406; Mas o mais provável é ter sido em nome do monarca, conforme afirma LOBATO (1967) que afirma: “O nome da praça homenageia o Rei D. Sebastião”.

<sup>342</sup> Carta do Vice-Rei D. Francisco Coutinho ao Rei, escrita em Goa a 20 de Dezembro de 1561. Documentos Sobre os.... Vol. VIII. 1971. p.60 e 66; WICKI, J. - Duas cartas oficiais de.... 1959, p.36-89

<sup>343</sup> “Toda esta Armada teve bons tempos, que tomou Moçambique a quinze de Julho (1561), e o Viso-Rey (D. Francisco Coutinho) desembarcou em terra, e se aposentou na fortaleza, que pêra isso lha tinha despejada Dona Luiza de Vasconcellos, mulher de Pantaleão de Sá, que era Capitão, por elle ter ido a Çofala”. COUTO, Diogo do. Da Ásia. Década VII. Parte 1ª. Livro VIII. Capitulo VIII. Lisboa. Regia Officina Typografica. 1783. P.440-441

<sup>344</sup> “No mesmo tempo (1560) despachou (Vice-Rei D. Constantino de Bragança) também a Pantaleão de Sá pera ir entrar nas Capitánias de Çofala e Moçambique, por acabar seu tempo Bastião de Sá seu irmão que lá estava, porque ambos foram despachados um apos o outro”. COUTO, D. - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. Livro VIII. Capitulo VIII.... 1783. p.224

*porque são perto de vinte braças, que se punham em catorze, não são feitas mais de seis. Cada braça destas custa a Vossa Alteza dous mil e quatrocentos réis. Lá lhe mando a traça do feito e por fazer”*<sup>345</sup>.

Três anos depois, o seu sucessor, D. Antão de Noronha<sup>346</sup>, implementa uma nova estratégia para acelerar o ritmo dos trabalhos, delegando a *“empreitada a dous homens, os mais abastados da terra, por preço a braça de seis cruzados e um quarto; tenho custado a que até agora é feita, pera conta da Fortaleza e oficiais de Vossa Alteza, a mais de dez, e pola ordem e vagar que levava não se acabara em vinte anos; pola que eu lhe deixei espero que se acabe em quatro, porque lhe mando agora de cá roupas e dar lá tudo o mais necessário pera a obra ir sempre correndo e se não deixar nunca de trabalhar nela”*<sup>347</sup>.

Apesar de ainda atrasada, o impulso dado por estes dois Vice-Reis rendeu algum alento à obra que, em 1573, era já considerada *“muito boa”* e *“fortíssima”*<sup>348</sup>, apesar de, em 1582, a *“Fortaleza nova de Moçambique”* estar *“ainda imperfeita”*<sup>349</sup>, algo que não admira dado a envergadura da empreitada<sup>350</sup>, executada em local inóspito e com enorme escassez de mão de obra especializada.

---

<sup>345</sup> Ainda a carta do mesmo Vice-Rei. Documentos Sobre os...Vol.VIII. 1971. p. 60 e 66; WICKI, J. - Duas cartas oficiais de... 1959, p.36-89

<sup>346</sup> Protector de Inofre de Carvalho, que considerava *“grande Arquitecto (que ElRey D. Sebastião tinha mandado a reformar a fortaleza de Ormuz)”* onde, em Abril de 1558, o nomeia Capitão do Mar. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1, p. 530; Poderá estar aqui mais um indício de que este *“architecto”* tivesse tido alguma relação com a Fortaleza de São Sebastião já que, como homem de confiança dos Noronha neste *“mister”*, deve ter sido solicitado o seu parecer, ou mesmo intervenção, como mestre da referida obra.

<sup>347</sup> WICKI, J. - Duas cartas oficiais de... 1959, p.36-89

<sup>348</sup> Segundo testemunha a descrição do Padre Jesuíta Francisco Monclaro, que acompanhou o Capitão Francisco Barreto na expedição ao Reino de Monomotapa, aquando da sua estadia na Ilha de Moçambique, em 1573, onde se lê: *“Tem uma fortaleza antigua (Torre São Gabriel), agora se vai acabando huma nova muito boa. Tem muy grossa artelharia que nos levamos do Reyno”* acrescentando em nota lateral que *“A fortaleza he fortíssima e segundo o que dizem os que de lá vem he a melhor que tem Sua Alteza naquellas partes das terras e mares de Oriente. Tem ainda agora a mesma artelharia que levo(u) Francisco Barreto, que he muito gros(sa) e de ferro coado”*. Documentos Sobre os...Vol.VIII. 1971. p.338

<sup>349</sup> COUTO, D. - Da Ásia. Década X. Parte 1ª. Capitulo V.... 1783. p.182-183

<sup>350</sup> *“A fortaleza que se ergue em Moçambique é uma obra grandiosa, com muralhas que chegam a ter quatro metros de espessura, e com um volume de alvenaria imenso. Para se realizar uma obra desta natureza, não é só levantar as muralhas, é preciso aparelhar milhares de metros cúbicos de alvenaria, fabricar centenas de metros cúbicos de cal, e tanta coisa mais, em números verdadeiramente astronómicos”*. FONSECA, P. Q. - Algumas descobertas de... 1972. p.61

No ano seguinte, o novo Capitão General da Praça ultima as obras essenciais e dá entrada à primeira guarnição<sup>351</sup>, conforme manda gravar numa lápide (fig.77: p.87) o próprio “*Nuno Velho Pereira que foi o primeiro capitão que povoou*” aquela “*fortaleza*” e aí “*mandou fazer*” os “*armazéns e aposentos no primeiro ano que tomou posse dela em 1583. Foi empreiteiro*” dessa “*obra Álvaro Fernandes*” aí “*morador*”<sup>352</sup>.

Nesse mesmo ano, houve dois testemunhos importantes desta inauguração provisória, sendo ambos estrangeiros e com diferentes funções profissionais.

O primeiro foi o “*guarda livros*” do “*recém nomeado Arcebispo de Goa, D. Vicente da Fonseca*”, chamado Jan Huygen van Linschoten (1563-1611)<sup>353</sup>, que descreveu e ilustrou (fig.5-6: p.11-12) a Ilha de Moçambique e seus edifícios, durante a quinzena<sup>354</sup> que lá permaneceu em trânsito para Goa.

“*João Hugues Linschot*”<sup>355</sup>, como era conhecido dos portugueses da época, escreveu que estes: “*têm lá uma fortaleza muito bela e possante, que só acabou de (talvez quizesse dizer: começou a) ser construída há cerca de dez ou doze anos, e confronta directamente com as pequenas ilhas mais adiantadas e a entrada dos navios. É na construção uma das melhores e mais poderosas de toda a Índia, mas tem lá pouca artilharia (trazida por Francisco Barreto) e munições ou outros equipamentos, e igualmente nenhuns soldados para além do capitão (Nuno Pereira Velho) e dos seus servidores [...] pois a ilha não tem outra defesa a não ser essa fortaleza; tudo o resto é areal plano e descampado (não faz referência à Torre de São Gabriel). Dentro do castelo (nova fortaleza), espalhadas em volta, foram construídas algumas cisternas, ou seja, reservatórios de água, que estão sempre cheias, de modo que quando houver necessidade, há sempre nelas água para um ano ou mais*”<sup>356</sup>.

---

<sup>351</sup> “*A superestrutura da fortaleza e, sem duvida, alguns quartéis, provavelmente também a cisterna, achavam-se levantadas em 1583*”. MONTEZ, C. C. - Praça de São Sebastião.... 1967. p.6

<sup>352</sup> Ibidem. p.6

<sup>353</sup> LINSCHOTEN, J. H. – Itinerário.... 1997.

<sup>354</sup> Linschoten esteve na Ilha de Moçambique de 5 a 20 de Agosto de 1583, a caminho de Goa de onde voltou para Portugal em 1589. Ibidem.

<sup>355</sup> QUINTELLA, I. C. - Annaes da.... Tomo 1. 1840. P. 368

<sup>356</sup> LINSCHOTEN, J. H. – Itinerário.... 1997. p.80-81

A sua descrição complementa as palavras de Nuno Velho Pereira, atrás transcritas, sendo ambas corroboradas pelo desenho da outra testemunha daquele importante momento do processo construtivo da Fortaleza de São Sebastião.

Referimo-nos a João Baptista Cairato<sup>357</sup>, “*Arquitecto Mor*”<sup>358</sup> e “*superintendente das fortificações da Índia*”<sup>359</sup>, que possivelmente embarcou na mesma armada em que foi o “*escritor hollandez*”<sup>360</sup>, sendo uma das suas missões o levantamento das “*traças e relações das fortalezas*”<sup>361</sup> daquele Estado.

Desses levantamentos há a destacar uma planta da Fortaleza de São Sebastião, provavelmente desenhada aquando da sua escala em Moçambique a caminho da Índia, que serviu de base ao “*debuxo*” do luso-malaiio Éredia<sup>362</sup>, feito em 1610<sup>363</sup>.

Esta planta (fig.10: p.16) é a mais antiga, em termos de fidelidade ao projecto actual, de que há conhecimento, na qual se pode observar o reduzido tamanho do baluarte de São Gabriel em relação ao que viria a ser (fig.189: p.203), e no recinto interior a existência dos armazéns junto às muralhas sul e nascente conforme afirmou Nuno Velho Pereira<sup>364</sup> (fig.77: p.87), assim como duas grandes cisternas (fig.81-82: p.92-93), mencionadas por Linschoten<sup>365</sup>, que ainda hoje existem.

<sup>357</sup> Também conhecido por Giovan Battista Cairati (15... Cairate – 1596 Goa), foi um arquitecto/engenheiro italiano, de Cairate, Milão, contratado por D. Filipe II (de Espanha) em 1577, enviando-o para a Índia em 1583, sendo uma das suas obras maiores a Fortaleza de Mombaça (1583). AZEVEDO, C. - A Fortaleza de Jesus.... 1960. p.79-105

<sup>358</sup> Conforme carta escrita em Goa, a 29 de Novembro de 1595, pelo Guarda Mor da Torre do Tombo do Estado da Índia, Diogo do Couto, onde se lê: “...*João Bautista Cairato, Arquitecto Mor que Vossa Magestade (Filipe II) mandou á Índia*”. CAMINHA, A. L. - Obras Ineditas.... 1808. p.88-89

<sup>359</sup> CARITA, R. – Estudo.... 1999. p.22

<sup>360</sup> Referindo-se a Jan Huygen van Linschoten. QUINTELLA, I. C. - Annaes da.... Tomo 1....1840. p.368-369

<sup>361</sup> “*as traças e relação [...] que me enviou o engenheiro mor com as vias do anno passado (1587)*”. RIVARA, J.H. da Cunha - Archivo Portuguez.... 1861. p.117

<sup>362</sup> “...*Manuel Godinho de Herédia teria utilizado os trabalhos de João Baptista Cairato...*”. CARITA, Rui – Estudo.... 1999. P. 29; Existiam copias dos desenhos de Cairato em Goa, duplicadas dos originais que tinham ido para o Reino, conforme testemunha Diogo do Couto: “*A Relação, Regimentos, Praças das fortificações da Índia, que fez João Bautista Cairato [...] se torne a mandar para se depositarem na Torre de Goa*”. CAMINHA, A. L. - Obras Ineditas.... 1808. p.88

<sup>363</sup> “*Plantas de Praças das Conquistas de Portugal, Feytas por ordem de Ruy Lourenço de Távora Vizorey da Índia. Por Manoel Godinho de Eredia Cosmographo em 610*”. Este álbum “*pertenceu à biblioteca dos Condes de Redondo e encontra-se hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*”. CARITA, R. – Estudo.... 1999. p.18

<sup>364</sup> MONTEZ, C. C. - Praça de São Sebastião.... 1967. p.6

<sup>365</sup> LINSCHOTEN, J. H. – Itinerário.... 1997. p.80-81

Estas descrições foram reforçadas por SANTOS (1609), na sua passagem pela Ilha em 1586<sup>366</sup>, quando afirma: *“Na ponta desta ilha (de Moçambique), à entrada da barra está a fortaleza, na qual sempre reside o capitão, com soldados portugueses de guarnição, que toda a noite e dia vigiam aos quartos; de dia postos à porta da fortaleza com suas armas, e de noite por cima dos panos do muro e dos baluartes; dos quais tem quatro fortíssimos, dois para a banda do mar e dois para a ilha, donde também se descobre o mar, de uma parte e da outra e neles estão muitas de artilharia grossa e formosa, em que entram esperas, camelos e colubrinas. Dentro da fortaleza está uma cisterna, que leva duas mil pipas de água, que se toma da que chove nos telhados e muros, por canos que a ela vão ter. Aqui dentro estão armazéns assim da pólvora e coisas necessárias para defensão da fortaleza, como de mantimentos de arroz e milho, de que sempre está bem provida. No meio do terreiro desta fortaleza está uma igreja nova, ainda por acabar, que há de servir de Sé (de invocação a São Sebastião), e junto dela outra da Misericórdia. Esta fortaleza é uma das mais fortes que há na Índia”*<sup>367</sup>.

Apesar do entusiasmo do início de funções da nova fortificação, os trabalhos que ainda faltavam fazer continuaram numa cadencia lenta havendo registo, em 1589, que ainda se estava a acabar *“o baluarte novo”*<sup>368</sup>, sendo D. Nuno da Cunha Athayde, já em 1595, o responsável pelo grande incremento *“à obra, que estava parada, da nova fortaleza de Moçambique, por ordem do vice-rei da Índia (Matias de Albuquerque)”*<sup>369</sup>, ultimando os trabalhos das muralhas<sup>370</sup>.

Por esta altura os holandeses começam a cobiçar o Indico<sup>371</sup> de forma ameaçadora, movidos pela ambição comercial, a guerra com Espanha em que Portugal se viu

---

<sup>366</sup> MONTEZ, C. C. - Praça de São Sebastião.... 1967. p.6

<sup>367</sup> SANTOS, F. J. - Ethiopia Oriental.... 1609. p.78

<sup>368</sup> Conforme carta Régia (Filipe II de Espanha) ao Vice Rei da Índia (D. Manuel de Sousa Coutinho), escrita em 6 de Fevereiro de 1589, onde se lê: *“E quanto ao que me dizeis que o alferes mor (Jorge Telo de Menezes) vos escreveu que ia acabando o baluarte novo que fés na Ylha de Moçãobiqe com que afirma que ficara de todo defemsavel”*. Documentos Sobre os....Vol. IX. 1989. p.4

<sup>369</sup> BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaios sobre.... 1859. p.109

<sup>370</sup> BARAHONA, H. C. S. - Algumas palavras sobre.... 1910. p.13

<sup>371</sup> *“Por este tempo (1595) começaram a apparecer os hollandezes n’aquella costa (do Indico)”*. BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaios sobre.... 1859. p.109

envolvido com a perda de soberania, e as descrições desta zona, que Linschoten fez no seu *Itinerário*<sup>372</sup>.

No início de seiscentos, o monarca espanhol, prevendo iminentes ataques<sup>373</sup>, pressiona as autoridades locais para que se conclua os trabalhos pendentes, principalmente a cisterna, que por falta de “*oficiaes e materiaes*”, ainda não estava totalmente acabada<sup>374</sup>, mas que posteriormente Sebastião Macedo, durante o seu mandato como Capitão General daquela praça terminou<sup>375</sup>, antes da chegada dos holandeses em 29 de Março de 1607 (fig.8-9: p.14-15).

Testemunha local desse acontecimento, António Durão descreve a Fortaleza que os “*rebeldes*” encontraram quando a tentaram conquistar pela primeira vez, afirmando que: “*He verdade que o que nella estava feyto, era tudo muito bom, mas era pouco, porque não avia mais que os panos do muro com quatro baluartes bem principiados, nos quatro cantos em que os muros se fechavão situado isto numa rocha viva como lingoa que aylha lança sobre a boca da barra, cuja entrada defendem muito bem não só os dous baluartes, que ficao da parte do rio, mas o outro que fica mais ao mar. Tudo isto ficava descuberto sem parapeito nem defenção alguma [...] A parede do muro sobre que joga a artilharia não estava lageada Senão chea de covas que impediao grandemente o puxar avante as peças*”<sup>376</sup>.

<sup>372</sup> LINSCHOTEN, J. H. – *Itinerário*.... 1997.

<sup>373</sup> “*Ora tendo os holandeses percebido quanto este lugar de Moçambique era proveitoso aos portugueses e quanta moléstia receberiam se o perdessem...*”. PYRARD, F. - *Viagem de Francisco Pyrad*.... 1944. vol.2, p.169

<sup>374</sup> Conforme carta Régia (Filipe II de Espanha) ao Vice Rei da Índia (Aires de Saldanha), escrita em Valhadolid a 23 de Março de 1604, onde se lê: “*Espero conforme a ordem que me avizais que avieis de dar por regimento a Sebastião Macedo [...] sobre hás obras da fortaleza (de São Sebastião) a sisterna della que he tão necesario que se acabem como deveis ter entendido mandando-lhe que em tudo isto siga mui pontualmente as ordens que lhe derdes as quaes serão nesta conformidade emviando lhe os officiaes e materiaes que para este efeito forem necesarios porque tenho entendido que por falta delles se não tem acabado a muito tempo as ditas obras*”. Documentos Sobre os....Vol. IX. 1989. p.80

<sup>375</sup> António Durão descreve que: “*Neste estado acharão os rebeldes (holandeses) a fortaleza de Moçambique, é certo que a inda que elles em sua terra tinham imformado della conforme o que acharão o anno de 604, que naquella barra estiverão, não a podião pintar mais miserável do que então estava. Verdade hé que acharão acabada a cisterna, e cheia de agoa por deligencia de Sebastião de Macedo, que antes que acabasse os seus três annos (1604 a 1607) fez com João Serrão da Cunha feytor que então era, que a puzesse perfeição. O que ele fez, não lhe custando pouco trabalho o levarem lhe os officiaes da fazenda de Goa em conta o dinheiro que gastou em obra tão importante*”. SOUTO, A. M. – *Hystoria dos Cercos*....1963. p.488.

<sup>376</sup> *Ibidem*. p.487-488.

Pela descrição de Durão, deduz-se que, apesar de ainda haver pormenores por concluir, o essencial da fortaleza estava pronto aquando a primeira prova de fogo, levada a cabo pelo Almirante Paulus Veneerden<sup>377</sup>, em 1607 e 1608. Apesar da violência dos ataques holandeses e escassez de efectivos portugueses para defender a praça<sup>378</sup>, foram incapazes de conquista-la, sofrendo pesadas baixas e sendo forçados a levantar os cercos, depois de terem arrasado e queimado a cidade extra muralhas<sup>379</sup>.

A Fortaleza de São Sebastião cumpriu a sua função, apesar de ter demonstrado vulnerabilidades na cortina de S. Gabriel a Santa Barbara<sup>380</sup>, e ter fracassado a protecção da entrada do canal<sup>381</sup>, o que não se deve à implantação delineada por D. João de Castro, mas sim à carência de artilharia anti-navio (“*esperas de alcance*” ou colubrinas), que D. Filipe I já tinha mandado “*regimento*” para corrigir<sup>382</sup>, assim como para se abrir “*huma cava*” do lado da ilha<sup>383</sup>. Só que a ordem não chegou a tempo do primeiro ataque holandês<sup>384</sup>.

<sup>377</sup> Ibidem. p.482.

<sup>378</sup> “A fortaleza em sy era muito grande, a gente muito pouca, porque escolhendo a que podia tomar armas não se acharão mais que sessenta soldados”. Ibidem. p.488.

<sup>379</sup> “Com esta resposta se deliberou o general dos inimigos em abraçar e destruir tudo o que na povoação e fora della ouvesse, o que executou comtanto impetu e furor que em breve espaço começou a arder toda a povoação”. Ibidem. p.518.

<sup>380</sup> “Nesse tempo (antes dos cercos) a fortaleza (de São Sebastião) era fácil de tomar, mas depois (depois dos cercos) têm-na grandemente fortificado, como têm feito a outras fortalezas da Índia, desde que viram que os holandeses e outros estrangeiros os vinham desinquietar”. PYRARD, F. - Viagem de Francisco Pyrard.... 1944. vol.2, p.170.

<sup>381</sup> “A fortaleza fahou na sua missão. Não conseguiu evitar que as naus holandesas entrassem no canal do norte”.

MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.10

<sup>382</sup> Conforme carta Régia (Filipe II de Espanha) ao Vice Rei da Índia (D. Martim Afonso de Castro), escrita em Lisboa a 18 de Janeiro de 1607, onde se lê: “...que se ponhao nella (fortaleza) quatro *esperas de alcance* (artilharia anti-navio) que possam defender a entrada do porto e varejar até as de S. Jorge”. Documentos Sobre os....Vol. IX. 1989. p.104; Ao que D. Jerónimo Coutinho, que levava este “regimento” e chegou á ilha depois do 1º cerco, juntamente com o Capitão da Praça, D. Estevao de Ataíde, executaram da forma que já D. João de Castro tinha idealizado em 1545, ordenando “*por hum prezidio (guarnição) de cinquenta mosqueteiros no adro de huma ermida chamada nossa sôra do baluarte que esta pegada a fortaleza da banda do mar, E que fica acavaleyro sobre a barra, no qual poz cinco peças de artelharia grossa com dous condestables para impedirem a entrada aos inimigos*”. SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.531; Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.10

<sup>383</sup> “...que se faça á fortaleza huma huma cava por derrador della de altura de huma lança, e outra de largo para que se não possa subir com escadas, e que pella banda da terra e toda em roda se cerque de pão a pique”. Ibidem. p.104

<sup>384</sup> Os holandeses chegaram à ilha a “*huma terça feyra a vinte nove de Março de 607*” e zarparam “*aos dezasseis de Mayo*”, tendo a armada portuguesa, que trazia o “*regimento*”, chegado a “*22 de Junho*” do mesmo ano. SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.484, 519 e 529, respectivamente.



Consequência directa destes ataques, foi a necessidade de uma cisterna grande, pelo que D. Rui de Mello Sampaio deu início à sua construção, em 1614<sup>385</sup>, tendo os trabalhos sido concluídos por Diogo de Sousa Menezes, em 1626<sup>386</sup>.

A partir do século XVIII, começam a surgir descrições mais rigorosas, que nos dão uma descrição mais pormenorizada da Fortaleza de São Sebastião, afirmando que a mesma está “*edificada em penha viva*”<sup>387</sup>, “*de natureza coralífera*”<sup>388</sup>, “*com a regularidade que permitiu o sitio*”<sup>389</sup> sendo “*o seu traçado amplo, bem composto e adaptado ao terreno*”, “*em quatro cortinas flanqueadas*”<sup>390</sup> “*num quadrilátero irregular, protegido por um baluarte em cada canto*”<sup>391</sup> e “*abrangendo um perímetro de setecentos e oitenta metros*”<sup>392</sup>.

Esta adaptação ao lugar, implícita na descrição de fontes coevas, é uma das características da génese “*arrudiana*” da obra, pela “*concepção orgânica [...] em que os edifícios eram concebidos como organismos animados por uma força de crescimento de dentro para fora*”<sup>393</sup>.

Sendo uma fortificação de grandes dimensões, a sua manutenção foi exigindo trabalhos quase constantes<sup>394</sup>, sofrendo algumas alterações ao longo dos anos,

<sup>385</sup> “*Ruy de Mello Sampaio—Partiu de Lisboa em 1614 com dois galeões, e nelles embarcados duzentos soldados e muitas munições para a fortaleza de Moçambique, contra a qual se esperava novo ataque de uma poderosa esquadra neerlandeza. Este governador adiantou muito as obras de fortificação, e deu principio a grande cisterna*”.

BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.111

<sup>386</sup> “*Diogo de Sousa de Menezes—Foi de Goa em 1624 com ordens apertadas para concluir a fortaleza de Moçambique; cavou o fosso, desentulhou o campo de S. Gabriel, e acabou a obra da cisterna grande em 1626. Reconstruiu o hospital que estava muito arruinado*”.

BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.112

<sup>387</sup> BOTELHO, S. X. - Memoria estatística....1835. p.323-327

<sup>388</sup> NORONHA, E. - Baltazar Pereira do.... 1939. p.5

<sup>389</sup> ANDRADE, J. J. N. - Descrição do estado em.... 1971; Citada por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.7

<sup>390</sup> NORONHA, E. - Baltazar Pereira do.... 1939. p.5

<sup>391</sup> “*Extracto do relatório sobre a Fortaleza de São Sebastião, do architecto Joaquim Santiago Areal da Silva, realizado em 1945, aquando da visita a Moçambique da Direcção Geral dos Edifícios Nacionais, para estudo do património local*”. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.7

<sup>392</sup> NORONHA, E. - Baltazar Pereira do.... 1939. p.6

<sup>393</sup> MOREIRA, R. - A Arquitectura Militar do.... 1981. p.284

<sup>394</sup> “*D. Nuno Alvares Pereira [...] em 1618 [...] uma pensão de 40:000 pardaús para as obras da mesma fortaleza*”; “*o mesmo [...] em 1631 [...] cuidou muito nas obras de fortificação*”; “*D. Filipe Mascarenhas—Veu de Goa em 1633, acompanhado de pedreiros e munições para as fortificações de Moçambique [...] Nesse mesmo anno foram tambem de Lisboa petrechos, artifices e um engenheiro para as ditas obras, por constar que os inglezes mandavam explorar aquella costa*”; “*Francisco da Silveira [...] em 1642. Durante o seu curto governo esteve a capitania em paz,*

principalmente no baluarte de São Gabriel<sup>395</sup>, mas a sua forma actual não difere muito do traçado original<sup>396</sup> (fig.188-190: p.202-204).

O desenho do referido baluarte (fig.10: p.16), foi feito segundo as directrizes de D. João de Castro, “*num extremo muito afastado da obra principal, colocação decerto imposta pela necessidade de cobrir o maior espaço possível de terreno em face da cortina nascente e de defender convenientemente o acesso à praia*” ficando a porta desse lado “*bem defendida*” sendo “*fácil anular qualquer tentativa de ataque vindo do mar*”<sup>397</sup>.

Com os cercos holandeses, no início de seiscentos, este baluarte revelou a sua vulnerabilidade<sup>398</sup>, devido ao “*excessivo afastamento*” em relação ao baluarte de Santa Bárbara, “*cobrimdo pouco campo*” com as insuficientes “*duas bocas de fogo na espalda*” e “*uma gola de pequeníssima largura*”, cuja fragilidade foi facilmente detectada e atacada pela artilharia dos invasores<sup>399</sup> (fig.11: p.17).

Esta fragilidade foi mais tarde abordada por SARDI (1618) no seu tratado de arquitectura militar<sup>400</sup>, onde ilustra com um desenho (fig.166D: p.179), curiosamente muito próximo do traçado original da Fortaleza de São Sebastião (fig.189: p.203), “*per dimostrare la loro imperfettione*”<sup>401</sup>.

Para corrigir as debilidades que punham em risco a “*cortina nascente*”, logo “*procederam ao seu alargamento, desenvolvendo-lhe a superfície e aumentando a*

---

e adiantaram-se as obras da fortaleza”; “*Baltazar Manuel Pereira do Lago [...] em [...] 1765 [...] ordenou outras obras importantes em Moçambique*”. BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.111-122

<sup>395</sup> “...o baluarte de S. Gabriel (e, possivelmente, o de Santa Bárbara) sofreu uma primeira modificação [...] entre 1608 e 1635 (pela vulnerabilidade demonstrada nos cercos holandeses)” e “em 1744-1745”. MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.7

<sup>396</sup> “A linha fundamental da construção manteve-se através dos tempos...”. MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.6

<sup>397</sup> Extracto do relatório do Arquitecto J. S. Areal da Silva, em 1945. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.8

<sup>398</sup> “E como tal lhe encomendou o capitão Dom Estevão (de Ataíde) neste segundo obaluarde S. Gabriel por ser o demais importância que na fortaleza avia, e ficava mais fronteyro aos combates inimigos”. SOUTO, A. M. - Hystoria dos Cercos....1963. p.546

<sup>399</sup> Extracto do relatório do Arquitecto J. S. Areal da Silva, em 1945. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.8

<sup>400</sup> “*Corona imperiale dell'architettura militare di Pietro Sardi Romano*”. SARDI, P. - Corona imperiale dell'....1618.

<sup>401</sup> Ibidem. Tratatto Secondo. p.46. Figura Vigésima Terza - D.

*espessura da gola*<sup>402</sup> (fig.25: p.33), o que viria a revelar-se insuficiente<sup>403</sup> nos ataques árabes do final de seiscentos e início de setecentos<sup>404</sup>.

Assim, em meados do século XVIII<sup>405</sup>, sob o rumor de ataques franceses<sup>406</sup>, delineou-se o terceiro e actual traçado (fig.186-190: p.200-204) deste baluarte, “*aproximando-se cerca de 40 metros*” do de Santa Bárbara e aumentando “*três vezes a superfície*” do traçado original, sendo “*curioso o facto de as duas primeiras estruturas se terem mantido intactas, soterradas no maciço*” do baluarte<sup>407</sup>, sendo actualmente visíveis na face superior do mesmo (fig.56, 187: p.65, 201).

O Baluarte de Santa Bárbara<sup>408</sup>, no “*flanco que cobre a antiga porta de entrada da Fortaleza, dispõe de um orelhão de faces rectas, com uma canhoeira. A espalda tinha duas canhoeiros, uma das quais se acha entaipada. É a mesma forma do segundo traçado do baluarte de S. Gabriel, o que leva a crer que se trata de obras contemporâneas. Sendo assim, este baluarte devia ter inicialmente a mesma forma do primitivo baluarte de S. Gabriel, com espalda e orelhão semi-circular* (fig.188-190: p.202-204), pois não pode crer-se que, tendo sido os dois baluartes construídos simultaneamente e para a mesma função, tivessem traçados diferentes”<sup>409</sup>.

<sup>402</sup> MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.8; Esta correção vem representada graficamente na Planta desta praça (Figura...) que consta no “*Atlas del Marqués de Heliche*”, onde o se observa o traçado original do Baluarte de São Gabriel com um tracejado amarelo, sobreposto pelo novo acrescento que se fez depois dos cercos holandeses, já que o desenho data de 1545, aproximadamente dez anos depois das referidas obras.

<sup>403</sup> “*...reconheceu-se mais uma vez que o seu traçado não correspondia capazmente às exigências de defesa da fortificação*”. Ibidem. p.8

<sup>404</sup> “*De 1667 a 1670, governou Inácio Sarmento de Carvalho, sendo durante o seu governo (em 1669) que a fortaleza foi atacada pela esquadra de Imano de Mascate*”; “*De 1703 a 1706, governou D. João Fernandes de Almeida, durante cujo governo foi a fortaleza atacada pelos árabes*”. BRANCO, Ten. F. M. – A Fortaleza....1935. p.9; BORDALO, F. M. - Ensaio sobre....1859. p.116-119.

<sup>405</sup> Em 1744 o Vice Rei da Índia, D. Pedro Miguel de Almeida Portugal e Vasconcelos, Conde de Assumar e Marquês de Castelo Novo e de Alorna, deu ordem “*a Pedro do Rego Barreto, Governador e Capitão de Moçambique*” para que na obra de ampliação do baluarte de S. Gabriel “*se empregara toda a pedra que está arrancada junto ao fosso da Fortaleza e faltando alguma se tirará do mesmo fosso, advertindo porem que quando se arrancar se siga a emenda da planta da Praça, cujo desenho foi assinado*” pelo dito Vice Rei. MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.9

<sup>406</sup> “*Pedro do Rego Barreto da Gama e Castro – 1743 a 1746. Começam os francezes a commerciar nas ilhas de Querimba e portos da costa do norte. O governador de Moçambique é accusado de os ter admittido, mas justifica-se*”. BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.121

<sup>407</sup> Extracto do relatório do Arquitecto J. S. Areal da Silva, em 1945. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.8

<sup>408</sup> Originalmente chamado de Santo António (fig.10: p.16). MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.10.

<sup>409</sup> Ibidem. p.9

O Baluarte de Nossa Senhora teve de ser reconstruído, quando no início do século XX<sup>410</sup>, “*em consequência de uma grande explosão de pólvora que se produziu no paiol*” (fig.58: p.68) ficou destruído, assim como “*parte da cortina contígua*”, tendo a Capela de Nossa Senhora do Baluarte escapado ilesa ao sinistro<sup>411</sup>.

O Baluarte de São João<sup>412</sup> “*está perfeito no seu traçado, dispondo de uma rampa para o acesso dos canhões (fig.186-187: p.200-201). A face poente deste baluarte apenas dispõe de um parapeito de baixa altura, que deve ser modificado para forma semelhante à outra face, isto é: maior altura e colocação de canhoes correspondentes às bocas de fogo que existem no baluarte*”<sup>413</sup>.

Exceptuando a reconstrução de “*parte da cortina contígua*” ao Baluarte de Nossa Senhora, pelas razões atrás citadas, a cortina entre o baluarte de Santa Bárbara e o de São Gabriel, foi a que sofreu mais alterações, devido à sua maior exposição à artilharia holandesa, durante os ataques do início de seiscentos<sup>414</sup>.

Por este facto, “*nota-se, no paramento exterior desta muralha, duas épocas de construção, nitidamente definidas pela colocação das pedras*”<sup>415</sup>, sendo a reconstrução após o ataque de 1608 “*obra sensivelmente grosseira, em relação à demais*”<sup>416</sup>.

Em termos construtivos, este imponente monumento tem como matéria prima dominante a pedra calcária de coral<sup>417</sup> (fig.86-88: p.97-99), retirada das imediações

---

<sup>410</sup> Ibidem. p.9

<sup>411</sup> BARAHONA, H. C. S. – Algumas palavras sobre.... 1910. p.18-19

<sup>412</sup> Originalmente chamado de Santiago (fig.10: p.16).

<sup>413</sup> Extracto do relatório do Arquitecto J. S. Areal da Silva, em 1945. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.10

<sup>414</sup> “...ouve pessoas que naquele primeiro dia que forão 8 d’agosto (1608) contarão mais de trezentas bombardas, com as quais arruinarão grande parte do pano do muro, que esta entre o baluarte S. Gabriel e S. António (actual Santa Barbara) que ficava fronteyro a sua artilheria. Bem virão os rebeldes que tinham larga entrada para a fortaleza mas como elles não pelejao Senão com a artilheria, não ouzarão sobir pella quebrada do muro”. SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963. p.540-541

<sup>415</sup> Extracto do relatório do Arquitecto J. S. Areal da Silva, em 1945. Citado por MONTEZ, C. C. - Apontamentos para....1966, p.10

<sup>416</sup> Ibidem. p.10

<sup>417</sup> O método usado não deve ter sido muito diferente do usado por Duarte de Mello para a construção da Torre de São Gabriel, em 1507, conforme nos descreve CORREIA: “E logo ordenou manter-se no trabalho do fazimento da fortaleza e repartiu os bateis, que cada dia foram cinco carregar de pedra e descarrega-la na praia, e gente da terra,

(fig.59: p.69) nas águas muito baixas das marés-vivas (fig.102-103: p.115-116), sendo utilizada cal como ligante, fabricada a partir da cozedura do mesmo tipo de pedra em fornos improvisados para o efeito<sup>418</sup> (fig.60: p.70).

A utilização deste material, além de uma clara e engenhosa adaptação ao local, vai de encontro aos novos tratados de arquitectura militar da segunda metade do século XVI, que propõem materiais menos rígidos, mas não menos consistentes que, de alguma forma, amortecem o impacto dos pesados projecteis de metal, sendo o tijolo utilizado com frequência para este efeito (fig.153: p.166), em detrimento da pedra rígida, comumente utilizada nas fortificações pré abaluartadas<sup>419</sup>.

O resultado de todo este processo, desde a intenção inicial de D. João de Castro ao escolher o lugar, e a forma como o projecto utilizado se apropriou do mesmo, a escolha e execução de um sistema construtivo adequado, tanto ao lugar como às especificidades do edifício, não esquecendo o isolamento do local, fazem desta fortaleza uma verdadeira Jóia da Coroa da arquitectura militar Portuguesa.

---

*que era bem paga pelo feitor, que arrancava a pedra [...] E ordenou dois navios que andassem a acarreto da pedra de gesso que coziam em fornos como cal, e era pisado e feito em pó, e assentada a pedra na parede em seco, e o pó em bacias feito polme, que deitavam por entre as pedras que logo em continente secava, tão forte que se cortava com picões".* CORREIA, G. – Lendas... Tomo 1, parte 2. 1858. p.785

<sup>418</sup> Conforme carta de D. João de Castro a D. João III, escrita na Ilha de Moçambique entre 1 e 8 de Agosto de 1545, onde se lê: *"E, porque do presente se não podia por mãos a esta obra, por caso que a pedra de que se há-de fazer a cal se tira toda de restingas e do rochedo, que descobre na maré de baixa-mar de aguas vivas [...] Eu já tenho deixado recado a D. Jorge para que, com grande deligencia, ajunte a mais pedra de cal que for possível, e a ponha no lugar onde se hão-de fazer os fornos, que bem haverá mister de quatro ou cinco meses para isto, pois se tira com tanto vagar e somente na baixa-mar de aguas vivas".* COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.20

<sup>419</sup> BURY, J. - The Italian.... 2000.

## 6 | CONCLUSÃO

Sabe-se que Miguel de Arruda fez efectivamente um desenho para uma fortaleza na Ilha de Moçambique<sup>420</sup>.

A pesquisa e recolha bibliográfica realizadas ao longo deste trabalho, tentaram reforçar os pressupostos de que o “*debuxo*” utilizado no arranque das obras da fortaleza de São Sebastião, em 1558, foi o executado por Miguel de Arruda em 1546.

Além dos diversos argumentos já enunciados nos capítulos anteriores, há a acrescentar a semelhança desta fortificação com a sua congénere norte africana, Mazagão onde Arruda participou activamente<sup>421</sup>.

A afinidade entre ambas é evidente, tanto no número de baluartes como na semelhança da forma e dimensão dos seus traçados, apesar do da fortaleza de Moçambique ser mais irregular que o de Mazagão (fig.191: p.205). De realçar também nas duas fortificações o gesto experimental das emergentes técnicas castrenses, servindo de modo coerente as premissas exigidas localmente.

Outro ponto de proximidade entre o traçado das duas obras é a elevada distância entre baluartes, que em Mazagão se verifica nas quatro cortinas, pois o perímetro requerido assim o exigiu, apesar de não se terem dimensionado os baluartes de forma proporcional a essa distancia. No caso de Moçambique, a maior cortina muralhada é entre os baluartes de São Gabriel e Santa Bárbara, com as consequências desastrosas verificadas nos cercos holandeses, já descritas no capítulo anterior, que tiveram de ser corrigidas com o aumento do baluarte de São Gabriel e (fig.190: p.204).

---

<sup>420</sup> Conforme carta de D. João III a D. João de Castro em Março de 1546, onde se lê: “*pela maneira do debuxo que vos aqy emvyo, que cá mandey fazer a Migel d’Arruda, por ser tão pratico nestas cousas como sabeis*”. VITERBO, S. - Dicionário histórico... 1988. Vol.1. p.71

<sup>421</sup> “*O mesmo mestre-pedreiro, Francisco Pires, que construiu Diu levava em 1546 o projecto para a nova fortificação de Moçambique, desenhada por Miguel de Arruda em forma quase igual a Mazagão*”. MOREIRA, R. - Fortalezas do Renascimento....1994. p.138

Esta relação de “parentesco” formal entre as duas fortificações reforça a ideia de que o “*debuxo*” para a Fortaleza de São Sebastião, executado em 1546, terá sido provavelmente executado por alguém que conviveu de perto com a traça de Mazagão, podendo então ter sido implementado em 1558, por algum técnico próximo de Arruda, provavelmente um colaborador ou discípulo seu, sendo Inofre de Carvalho uma das hipóteses, segundo o perfil traçado por SANTOS (1609), conforme já mencionamos no capítulo anterior.

De qualquer forma, tudo aponta para que o mestre de obras que iniciou a construção da nova fortaleza de Moçambique, se terá cingido ao desenho original “*pintado*”<sup>422</sup> em 1546, podendo eventualmente ter feito algumas “*modificações e acrescentos*”<sup>423</sup> menores em obra, mas não traçando um projecto novo para a fortificação.

Da análise das plantas das fortalezas de Moçambique e Ormuz (fig.10, 113: p.16, 126), levantadas no local por João Baptista Cairato, em 1583, e copiadas por Eredia no seu álbum “*Plantas de Praças das Conquistas de Portugal*”<sup>424</sup>, em 1610, percebe-se que, apesar de claras semelhanças formais, existem algumas discrepâncias.

Nomeadamente o facto dos baluartes que Inofre de Carvalho implementou em Ormuz terem orelhões arredondados, sendo o de sudeste bastante acentuado, enquanto que em Moçambique, o baluarte de Santa Bárbara, localizado no mesmo quadrante, é o único a ter um orelhão arredondado no seu traçado original (fig.190: p.204), sendo posteriormente ampliado com ângulos rectos.

Outra das divergências é que em Ormuz a porta de armas é encostada ao referido orelhão ficando assim mais protegida, ao contrário de Moçambique, onde no desenho original, a porta (fig.10, 85: p.16, 96) era no meio da cortina entre o baluarte de Santa

---

<sup>422</sup> “Francisco Pires, grande mestre d'obras [...] fizesse huma fortaleza, que trazia já pintada (por Miguel de Arruda), e ordenada por ElRey”. CORREIA, G. - Lendas da Índia. Tomo, parte 2. 1859. p.581

<sup>423</sup> “...o projecto para a nova fortificação de Moçambique, desenhada por Miguel de Arruda [...] seria iniciada em 1558, sofrendo modificações e acrescentos”. MOREIRA, R. - A Arquitectura Militar na.... 1994. p.138

<sup>424</sup> CARITA, R. – Estudo.... 1999. p.18

Bárbara e o de São Gabriel<sup>425</sup>, a zona mais vulnerável e exposta dos quatro e que poderia ter sido reforçada com um baluarte intermédio, como aconteceu em Ormuz na muralha oeste.

De referir, também, a semelhança da cisterna de Ormuz (fig.122: p.135) com as congéneres de Mazagão e São Julião da Barra (fig.123-124: p.136-137), algo que aproxima a obra de Inofre de Carvalho da traça dos Arruda, nas duas últimas fortificações, mas que o afasta como possível autor da Fortaleza de São Sebastião, já que as cisternas desta última (fig.82: p.93) não têm o mesmo requinte construtivo da de Ormuz.

Assim, parece pouco provável que Inofre de Carvalho tenha tomado opções projectuais coerentes e sólidas em Ormuz, em Abril de 1558<sup>426</sup> e que, em Julho desse mesmo ano<sup>427</sup>, inicie uma obra em Moçambique deixando em aberto vulnerabilidades que tinha acautelado meses antes, o que sugere que na Fortaleza de São Sebastião, caso tenha sido ele a iniciar a obra, terá tido que respeitar um projecto de outrem.

Apesar de todos os argumentos fundamentados neste trabalho, não é ainda possível afirmar com certeza que o projecto utilizado em 1558 na Fortaleza de São Sebastião, na Ilha de Moçambique, foi o original desenhado por Miguel de Arruda em 1546, e continua em aberto o nome que o implementou.

Independentemente disso, a presente dissertação tentou contribuir para a recolha e união de peças soltas deste complexo tema, introduzindo importantes elementos escritos e gráficos, até agora ignorados, como a carta de D. João de Castro a D. João

---

<sup>425</sup> “A porta principal da fortaleza abria para o terreiro de S. Gabriel, a meio da cortina S. Gabriel – Santa Barbara. Em data que não pode precisar-se, entre 1608 e 1635 (depois dos cercos holandeses), foi tapada com alvenaria, assim se mantendo até 1945 [...] (quando) o arquitecto Areal da Silva fez desenterrar a porta (descobrimo que) era encimada pelas armas reais e dois motivos decorativos”. MONTEZ, C. C. - Apontamentos para o.... 1966, p.10-11

<sup>426</sup> “Em Abril de 1558, o seu protector nomeia-o Capitão do Mar de Ormuz. A grande reforma da Fortaleza de Ormuz”. CAMPOS, J. S. S. – Arquitectura Militar Portuguesa no.... 2008, p.295

<sup>427</sup> “Foi esta Armada [...] chegou a Moçambique à entrada de Julho [...] E tomando provia mentos, e agua, partiram todos juntos a cinco de Agosto, e assim juntos chegaram á barra de Goa a tres de Setembro”. COUTO, D. - Da Ásia. Década VII. Parte 2ª. Livro VIII. Capitulo XII.... 1783. p.6.



III, escrita em 1545<sup>428</sup>, o relatório do Arquitecto Joaquim Santiago Areal e Silva<sup>429</sup> sobre a referida fortificação, a planta da mesma desenhada por Cairato em 1583 e reproduzida por Eredia em 1610 (fig.10: p.16), a planta copiada por Ferrari para o “Atlas do Marques de Heliche” (fig.25: p.33), os desenhos e imagens do Gabinete de José Forjaz Arquitectos (fig.53-54, 79-88, 186-187: p.62-63, 90-99, 200-201), e toda uma recolha sistematizada de iconografia e cartografia (fig.1-56: p.7-65) sobre o monumento em estudo, o que permite uma análise formal e temporal de vários momentos, revelando também novos dados para futuras investigações.

Actualmente, a Fortaleza de São Sebastião permanece literalmente de pedra e cal, tendo assistido ao desgaste dos séculos de forma imponente, resistindo ao poder destruidor da artilharia holandesa (1607 e 1608)<sup>430</sup>, árabe (1669<sup>431</sup> e 1704<sup>432</sup>) e francesa (1794<sup>433</sup>), às forças da natureza que violentamente se abatem sobre si, e ao esquecimento<sup>434</sup> a que foi votada no ultimo meio século da sua existência.

O seu valor, foi recentemente enaltecido com a profunda reabilitação de que foi alvo em 2008 pela UNESCO, estando prevista a conclusão dessa empreitada para 2011<sup>435</sup>.

Poderá este novo alento devolver-lhe alguma da importância de outrora, contribuindo para o desenvolvimento económico de Moçambique em geral, e da Ilha em particular, já não com uma matriz belicosa e subjugante para a qual foi idealizada no século XVI, mas sim de forma pacífica e sinérgica, como pólo dinamizador de rendimento local, através da cultura e do turismo<sup>436</sup>, fortalecendo mais uma vez a Ilha que a viu nascer,

---

<sup>428</sup> COSTA, A. F. – Para a Historia da... .1940. p.13-21.

<sup>429</sup> MONTEZ, C. C. - Apontamentos para o.... 1966.

<sup>430</sup> SOUTO, A. M. – Hystoria dos Cercos....1963.

<sup>431</sup> BORDALO, F. M.; LIMA, J. J. L. - Ensaio sobre.... 1859. p.116

<sup>432</sup> Ibidem. p.119

<sup>433</sup> BRANCO, Ten. F. M. – A Fortaleza de.... 1935. P.10

<sup>434</sup> "Em pleno dia claro vejo-te adormecer na distância, Ilha de Moçambique ...e faço-te estes versos de sal e esquecimento.". Umbral, poema "ilha dourada". KNOPFLI, Rui - A ilha de Próspero. Lisboa: Edições 70, 1989. p.18

<sup>435</sup> Esta reabilitação foi levada a cabo pela UNESCO em parceria com a Cooperação Portuguesa e IPAD, UCCLA, Japan Funds-in-Trust, Koninkrijk der Nederlanden e a Flandres Fits You. O Projecto foi executado pelo Gabinete Moçambicano de José Forjaz Arquitectos. Reabilitação da Fortaleza de São Sebastião. Paris: UNESCO, 2009.

<sup>436</sup> Prefácio de Sua Excelência, Ministro da Educação e Cultura da Republica de Moçambique, Dr. Aires Bonifácio Ali. In Reabilitação da Fortaleza de São Sebastião. Paris: UNESCO, 2009. p.2

pequena na sua dimensão, mas grande na sua importância, de tal modo que foi classificada como Património Mundial da Humanidade<sup>437</sup>.

---

<sup>437</sup> Reabilitação da Fortaleza de São Sebastião. Paris: UNESCO, 2009. p.27

## 7 | CRONOLOGIA

- 1485 – Publicação de “De re aedificatoria” de Leon Battista Alberti em Florença;
- 1486 – Publicação de “De Architectura” de Vitruvius em Roma;
- 1487 – Publicação de “De re militari” de Vegetius em Roma;
- 1494 – Tratado de Tordesilhas;
- 1495 – Início do Reinado de D. Manuel I;
- 1498 – Chegada de Vasco da Gama à Ilha de Moçambique;
- 1500 – Ano do nascimento de Miguel de Arruda;
- 1513 – Conquista de Azamor por D. Jaime, Duque de Bragança.
- 1514 – Construção da Fortaleza de Azamor pela família Arruda (Francisco, Diogo e Miguel); Fundação de Mazagão
- 1515 – Início da construção da Torre de Belém, por Francisco de Arruda;
- 1521 – Fim do Reinado de D. Manuel I; Início do Reinado de D. João III;
- 1525 – Construção do Castelo Artilheiro de Vila Viçosa (*fig. 149-149a: p. 178-179*) pelo Engenheiro Benedetto de Ravenna;
- 1527 - Primeiro “*numeramento*” da população de Portugal: A totalidade da população arrolada desde 1527 até 1532 não passava de (...) 1 326 540 habitantes.
- 1533 - Miguel Arruda é nomeado “Mestre de obras do Mosteiro da Batalha”;
- 1534 - Construção da Fortaleza de Basso, em Florença, segundo o projecto de Antonio da Sangallo il Giovane;
- 1534 – Modernização do traçado da Fortaleza de San Sebastian, segundo o projecto de Benedetto de Ravenna;
- 1535 – Conquista de Tunes por Carlos V, onde participaram o Infante D. Luis, D. João de Castro e Benedetto de Ravenna;
- 1538 – Viagem de Francisco de Holanda pelo mediterrâneo europeu; Viagem de D. João de Castro à Índia, de que resultou o seu “*Roteiro Lisboa a Goa*”;
- 1541 – Chegada da sua viagem Francisco de Holanda; Construção da Fortaleza de Mazagão com a participação quadripartida de Miguel de Arruda, Benedetto de Ravenna, Diogo de Torralva e João de Castilho; Abandono das Praças de Safim e Azamor;

1543 - Miguel Arruda e D. João de Castro inspeccionam as Praças de Ceuta e Tanger; Miguel Arruda é nomeado “Mestre de obras dos Paços Reais de Santarém, Almeirim e Muge”;

1545 - D. João de Castro é nomeado Governador da Índia e, aquando da sua estadia na Ilha de Moçambique, recomenda a D. João III a construção de uma nova Fortaleza;

1546 - D. João III envia a D. João de Castro, por Francisco Pires, o “*debuxo*” de Miguel de Arruda para a nova Fortaleza da Ilha de Moçambique;

1547 - D. João de Castro é nomeado por D. João III, quarto Vice-Rei da Índia.

1548 - Miguel Arruda é nomeado “Mestre dos Muros e das Fortalezas do seu Reino”;

1549 - Construção da Fortaleza de Salvador da Baía por Luís Dias e segundo o “*debuxo*” de Miguel de Arruda; Projecto de Miguel de Arruda para Fortaleza de Seinal;

1557 – Fim do Reinado de D. João III; Início do Reinado de D. Sebastião I sob a regência de D. Catarina.

1558 – O Vice-Rei D. Constantino de Bragança, nomeado nesse ano, dà início aos trabalhos de construção da nova Fortaleza da Ilha de Moçambique, nomeando como mestre de obras um Engenheiro que trouxe do Reino para o efeito; Obras de Inofre de Carvalho na Fortaleza de Ormuz;

1560 – Início da obra da Fortaleza de São Gião (S. Julião da Barra), segundo o “*debuxo*” de Miguel de Arruda;

1561 - Dado o atraso que se registava nas obras, o Vice-Rei D. Constantino de Bragança mandava que não se edificasse casa alguma na ilha de Moçambique antes dos muros da fortificação estarem concluídos; “Lendas da Índia” de Gaspar Correia.

1563 – Ano da morte de Miguel de Arruda;

1569 – Diogo do Couto, na sua passagem pela Ilha de Moçambique, onde encontrou e levou para o Reino o seu amigo Luís de Camões, afirma que a Fortaleza ainda esta em construção.

1578 – Fim do Reinado de D. Sebastião I; Início do Reinado de D. Henrique I;

1581 – Início do Reinado de D. Filipe I de Portugal (2º de Espanha)

1583 – O aventureiro holandês Linschotten, no relato da sua viagem, regista que a praça estava por concluir e que tinha pouca artilharia e reduzida guarnição; fortaleza foi guarnecida por Nuno Velho Pereira que mandou fazer armazens e quartéis; João

Batista Cairato é nomeado Engenheiro-mor da Índia e faz o levantamento da Fortaleza de São Sebastião.

1585 - proibição do comércio com a Holanda.

1593 - Construção da Fortaleza de Jesus, em Mombaça, por João Batista Cairato.

1595 - durante o governo de Nuno da Cunha ter-se-ia registado um avanço nas obras, principalmente das muralhas;

1598 – Fim do Reinado de D. Filipe I de Portugal (2º de Espanha); Início do Reinado de D. Filipe II de Portugal (3º de Espanha)

1607 e 1608 - cerco á Fortaleza de São Sebastião pelos holandeses;

1609 - “*Ethiopia Oriental*” de Frei João dos Santos.

1613 - obras estariam perto de estar concluídas; fortaleza anterior seria destruída, ainda que tenha sido dada Companhia de Jesus para ai se estabelecer;

1614-1618 - Rui de Melo Sampaio deu início às obras de construção da cisterna;

1621 – Fim do Reinado de D. Filipe II de Portugal (3º de Espanha); Início do Reinado de D. Filipe III de Portugal (4º de Espanha)

1626 - cisterna estava concluída;

1635 - obras de alteração nos baluartes de São Gabriel e no de Santa Bárbara;

1640 – Fim do Reinado de D. Filipe III de Portugal (4º de Espanha); Início do Reinado de D. João IV; Fim do Reinado de D. João IV

1672 – são enviados pedreiros e carpinteiros para socorrer a fortaleza;

1669 – a Fortaleza de São Sebastião foi atacada pela esquadra de Iman de Mascate;

1712 - foi erigido o actual portal da Porta de Armas;

1744-1745 - obras de alteração no baluarte de São Gabriel;

1752-1758 - o primeiro capitão-general mandou construir as baterias rasantes de Nossa Senhora do Baluarte e de São João e a couraça da Porta de armas;

1793-1797 - ultimo ataque sofrido pela Fortaleza de São Sebastião perpetrado pelo franceses;

## 8 | BIBLIOGRAFIA

ABREU, Lizuarte de - *Livro de Lisuarte de Abreu*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1992.

AFONSO, José - *Arquitectura militar portuguesa: aproximação ao estudo da forma e geometria*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, 1989.

ALBUQUERQUE, Luís - *Escalas Da Carreira Da Índia*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, Lda, 1978.

ANDRADA, Francisco de - *Chronica do Muyto Alto e Muyto Poderoso Rey destes Reynos de Portugal dom Joam o III, deste nome*. Coimbra: Real Officina da Universidade, 1786.

ANDRADA, Francisco de - *Cronica do Muyto Alto e Muyto Poderoso Rey destes Reynos de Portugal dom Joam o III, deste nome*. Lisboa: Jorge Rodriguez, 1613.

ANDRADE, Jacinto Freire de - *Vida de D. João de Castro: quarto viso-rey da Índia*. Lisboa: Academia Real das Sciencias. 1835.

ANDRADE, Jerónimo José Nogueira de - *Descrição do estado em que ficavam os negócios da Capitania de Moçambique nos fins de seiscentos*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos – Agência Geral do Ultramar, Tipografia Silvas, 1971.

BARAHONA, Henrique C. S. - *Algumas Palavras Sobre as Fortalezas da Guiné e da África Oriental*. Lisboa : Typographia do Commercio, 1910.

BARBOSA, Duarte - *Livro do que viu e ouviu no Oriente*. Lisboa : Agência Geral das Colónias, 1946.

BARROS, João de; COUTO, Diogo do - *Da Ásia: dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento dos mares e terras do Oriente*. Lisboa: Régia Officina Typografica, 1777-1788.

BERTI, Maurizio Bertj; ARIF, Mohamad - *Conservação dos antigos edifícios de pedra coral: dois casos ao longo da costa moçambicana*. Maputo: FAPF, 2009.

BORDALO, Francisco Maria; LIMA, José Joaquim Lopes de - *Ensaio sobre a statistica das possessões portuguezas na Africa Occidental e Oriental na Ásia Occidental na China e na Oceânia*. Lisboa: Imprensa Nacional. 1859.

- BOTELHO, José Justino Teixeira - *História militar e política dos portugueses em Moçambique: da descoberta a 1833*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1934.
- BOTELHO, Sebastião Xavier - *Memoria estatística sobre os domínios portugueses na Africa Oriental*. Lisboa: Typ. de José Baptista Morando, 1835.
- BOXER, Charles R.; AZEVEDO, Carlos de - *A Fortaleza de Jesus e os Portugueses em Mombaça*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1960.
- BRANCO, Tenente Francisco Maria - *A Fortaleza de S. Sebastião: Sentinela Vigilante da Soberania Portuguesa*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1935.
- BRANDÃO, Augusto Pereira - *O Oriente*. In MOREIRA, Rafael, dir.. *Historia das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: ALFA, 1989. p.159-187.
- BURY, John B. - *Benedetto da Ravenna (c.1485-1556)*. In PAULINO, Francisco Faria, coord.; MOREIRA, Rafael, com. cient.. *A arquitectura militar na Expansão Portuguesa*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p.130-146.
- BURY, John B. - *Francisco de Holanda: a little known source for the history of fortification in the sixteenth century*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- BURY, John B. - *The Italian Contribution to Sixteenth Century Portuguese Architecture*. In LOWE, K. J. P. ed.. *Cultural Links Between Portugal and Italy in the Renaissance*. New York: Oxford University Press, 2000. p.77-108.
- CAMINHA, António Lourenço - *Obras Inéditas de Diogo do Couto*. Lisboa: Imprensa Imperial e Real, 1808.
- CAMPOS, João dos Santos de Sousa – *Arquitectura militar Portuguesa no Golfo Pérsico, Ormuz, Keshm e Larak*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008. Dissertação de Doutoramento.
- CARITA, Rui - *A arquitectura abaluartada de origem portuguesa*. Lisboa: Camões – Revista de Letras e Culturas Lusófonas, 17/18 (2004). 135-148.
- CARITA, Rui – *Estudo*. In Vasco Graça Moura, ed. *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia: da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional e Edições INAPA, 1999. p.9-29.
- CARITA, Rui - *O escudo do reino: a Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional, 2007.

- CARITA, Rui - *Os engenheiros-mores na gestão do Império: a provedoria das obras dos meados do século XVI*. In *Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português 1415-1822*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 393-405.
- CARNEIRO, António de Mariz - *Descrição da Fortaleza de Sofala e das mais da Índia*. Lisboa: Fundação Oriente, 1990.
- CASTANHEDA, Fernão Lopez - *Historia do Descobrimento e Conquista da Índia Pelos Portugueses*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1833.
- CASTILHO, Augusto de - *Fortaleza S. Sebastião*. Lisboa: O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. 4: 73 (1881) 5-6.
- CASTRO, D. João de - *Roteiro de Lisboa a Goa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1882.
- CID, Isabel Maria Botelho de Gusmão Dias Sarreira da Silva - *O Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental de António Bocarro: estudo histórico, codicológico e paleográfico*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1992.
- CONCEIÇÃO, Maria Margarida Simão Tavares da - *Da Cidade e Fortificação: em Textos Portugueses (1540 a 1640)*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2008. Dissertação de Doutoramento.
- CORREIA, Gaspar - *Lendas da Índia*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, 1858-1866.
- CORTESÃO, Armando; ALBUQUERQUE, Luís - *Obras completas de D. João de Castro*. Coimbra: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968-1982.
- CORTESÃO, Armando - *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI: contribuição para um estudo completo*. Lisboa: Seara Nova, 1935.
- CORTESÃO, Armando - *Esparsos*. In *Acta Universitatis Conimbrigensis*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1975.
- CORTESÃO, Armando - *Portugaliae monumenta cartographica*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987.
- COSTA, Abel Fontoura da - *Para a Historia da Fortaleza da Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Moçambique: Documentário Trimestral, 22 (1940). 9-48



COUTO, Diogo do – *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*. Lisboa: Oficina de Joze Filippe, 1765.

CUNHA, Santana Sebastião da - *Antiguidades Históricas da Ilha de Moçambique e do Litoral Fronteiro desde os tempos da Ocupação*. Lisboa: União Gráfica. 1939.

DIAS, Pedro - *A Arquitectura dos Portugueses em Marrocos: 1415-1769*. Lisboa: Minerva Editora. 2000.

DIAS, Pedro – *Algumas questões sobre a cronologia e a autoria das primeiras fortificações da ilha de Moçambique*. In *Actas do Seminário 2009*. Almeida: CMA. 1992. p.119-128.

DIAS, Pedro - *As primeiras construções portuguesas na costa oriental de África e no Golfo pérsico (1503-1515)*. In *Actas do IV Simposio Luso-Espanhol de Historia da Arte*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1992.

*Documentos Sobre os Portugueses em Moçambique e na África Central: 1497-1840*. Lisboa: National Archives of Rhodesia and Nyasaland / Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. 1962-1989.

ERÉDIA, Manuel Godinho de - *Lyvro de Plantaforma das Fortalezas da Índia: da Biblioteca da Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional e Edições INAPA, 1999.

EXNER, Johannes - *Ilha de Moçambique, Relatório-Report 1982-1985*. Maputo: Secretaria de Estado da Cultura (Moçambique) / Arktektskolen i Aarhus (Dinamarca), 1985.

FONSECA, Pedro Quirino da - *A fortaleza construída por D. João de Castro na Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Monumenta – Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique. 9: 9 (1973) 65-67.

FONSECA, Pedro Quirino da - *Algumas descobertas de interesse histórico-arqueológico na Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Monumenta – Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique. 8: 8 (1972) 55-71.

GIOVANNONI, Gustavo - *António da Sangallo il Giovane*. Roma: Centro Studi di Storia dell'Architettura di Facoltà di Architettura dell'Università di Roma / Tipografia Regionale, 1959.

GÓIS, Damião - *Crónica de D. João III*. Real Oficina da Universidade. Coimbra, 1789.

- GRANCHO, Nuno - *Diu: a ilha, a muralha, a fortaleza e as cidades*. Coimbra: [s.n.], 2001. Prova Final de Licenciatura em Arquitectura.
- HENRIQUES, Isabel Castro - *Espaços e Cidades em Moçambique*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2009.
- HOLANDA, Francisco de - *Álbum dos Desenhos das Antiquilhas*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.
- HOLANDA, Francisco de - *Da Fábrica que Falece à Cidade de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte. 1984.
- Ilha de Todos, Ilha de Moçambique*. Lisboa: Revista Oceanos, 25 (1996).
- KUBLER, George - *A Arquitectura Portuguesa Chã. Entre as Especiarias e os Diamantes: 1521-1706*. Lisboa: Editorial Vega, 1988.
- PYRARD, Francisco – *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*. Porto: Livraria Civilização, 1944.
- LIMA, Carlos Manuel Ruão da Costa - *O Eupalinos Moderno: teoria e prática da arquitectura religiosa em Portugal: 1550-1640*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006. Dissertação de Doutoramento.
- LIMA, Viana de - *Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento*. Porto: Artes Gráficas, 1983.
- LINSCHOTEN, Jan Huyghen van – *Itinerário: viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas (1596)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.
- LOBATO, Alexandre - *A expansão portuguesa em Moçambique de 1498 a 1530*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1954.
- LOBATO, Alexandre - *Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1945.
- LOPES, Carlos da Silva - *Miguel de Arruda e a Fortaleza de S. Sebastião de Moçambique*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1938.
- LIZARDO, João - *The Evolution of the Fortress of Hormuz up to its Renovation by Inofre de Carvalho*. In *Revisiting Hormuz - Portuguese Interactions in the Persian Gulf Region in the Early Modern Period*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008. p.135-148.

- LUZ, Francisco Paulo Mendes da - *Livro das cidades, e fortalezas que a coroa de Portugal tem nas partes da Índia, e das capitánias, e mais cargos, que nelas há, e da importância delles*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1952.
- MARQUES, Oliveira - *Historia de Portugal*. Lisboa: Palas Editores, 1978.
- MELLO, Joaquim L. Carreira de - *Compendio da Historia de Portugal*. Lisboa: Typografia Castro e Irmão. 1853.
- MONTEZ, Caetano Carvalho - *Apontamentos para o roteiro dos monumentos militares portugueses: Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Monumenta – Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique. 2: 2 (1966) 9-13.
- MONTEZ, Caetano Carvalho - Praça de S. Sebastião. Lourenço Marques: Monumenta – Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais de Moçambique. 3: 3 (1967) 5-20
- MOREIRA, Rafael - *A Construção de Mazagão - cartas inéditas 1541-1542*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 2001.
- MOREIRA, Rafael - *A Arquitectura Militar do Renascimento em Portugal*. In *Actas do Simpósio sobre a introdução da Arte da Renascença na Península Ibérica*. Coimbra: EPARTUR, 1981. p.281-305.
- MOREIRA, Rafael - *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: A Encomenda Régia entre o Moderno e o Romano*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991. Dissertação de Doutoramento.
- MOREIRA, Rafael - *A Arte da Guerra no Renascimento*. In MOREIRA, Rafael, dir.. *Historia das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: ALFA, 1989. p.143-158
- MOREIRA, Rafael - *Arquitectura: Renascimento e Classicismo*. In MOREIRA, Rafael, coord.. *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. p.346-357.
- MOREIRA, Rafael - Caravelas e Baluartes. In PAULINO, Francisco Faria, coord.;
- MOREIRA, Rafael, com. cient.. *A arquitectura militar na Expansão Portuguesa*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p.83-95
- MOREIRA, Rafael - *Fortalezas do Renascimento*. In PAULINO, Francisco Faria, coord.;
- MOREIRA, Rafael, com. cient.. *A arquitectura militar na Expansão Portuguesa*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p.127-129

MOREIRA, Rafael - *Inofre de Carvalho, a Renaissance Architect in the Gulf*. In Monik Kervran, ed.. *Bahrain in the 16th Century - An Impregnable Island*. State of Bahrain: French Archaeological Mission at Bahrain, Ministry of Information, 1988.

MOREIRA, Rafael - *O Arquiteto Miguel de Arruda e o Primeiro Projeto para Salvador*. São Paulo: Caderno de Pesquisas do LAP. 37 (2003).

MOREIRA, Rafael - *O Engenheiro-mor e a circulação das formas no Império Português*. In *Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1992.

MOREIRA, Rafael - *Os primeiros Engenheiros-mores do Império Filipino*. In Pedro Dias, coord.. *Portugal e Espanha entre a Europa e Além-Mar*. Coimbra: Instituto de História da Arte – Universidade de Coimbra, 1988. p.97-107.

MORENO, Lourenço – *Quem mandou construir a Fortaleza de S. Sebastião na Ilha de Moçambique*. Lisboa: Boletim Geral das Colónias. 117 (1935) 153-157.

NORONHA, Eduardo de - *Baltazar Pereira do Lago: O Marquês de Pombal de Moçambique*. Lisboa: Cadernos Coloniais. 23 (1939).

NUNES, António Lopes Pires - *Dicionário temático de arquitectura militar e arte de fortificar*. Lisboa: Estado Maior do Exército / Direcção do Serviço Histórico Militar, 1991.

PEDRO, Manuel - *Gutenberg e a arte na imprensa*. Porto: Moderna, 1945.

PEREIRA, Alberto Filiciano Marques – *A Fortaleza de S. Sebastião da Ilha de Moçambique*. In *A Arte e a Natureza em Moçambique*, parte 1. Lisboa: [s.n.], 1965. p. 169-180.

PEREIRA, Mário - *Da Torre ao Baluarte*. In PAULINO, Francisco Faria, coord.;

MOREIRA, Rafael, com. cient.. *A arquitectura militar na Expansão Portuguesa*. Porto: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. p.35-42

PINTO, Manuel de Sousa - *Dom João de Castro (1500-1548)*. Lisboa: Livraria Ferin. Ed. Baptista, Torres & C<sup>a</sup>., 1912.

QUINTELLA, Ignacio da Costa - *Annaes da Marinha Portuguesa*. Tomo 1 e 2. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1840.

*Reabilitação da Fortaleza de São Sebastião*. Paris: UNESCO, 2009.

RIVARA, Joaquim Heliodoro da Cunha - *Arquivo Portuguez Oriental*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1857-1876.

RODRIGUES, Luís Alexandre - *De Miranda a Bragança: arquitectura religiosa de função paroquial na época moderna*. Bragança: Universidade do Porto, 2001. Dissertação de Doutoramento.

ROSSA, Walter - *Cidades Indo-Portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

RUBIO, Carlos Sánchez; RUBIO, Rocío Sánchez; NÚÑEZ, Isabel Testón - *Imágenes de un Imperio Perdido. El atlas del Marqués de Heliche*. Badajoz: Presidência de la Junta de Extremadura. 2004.

SANTOS, Frei João dos - *Ethiopia Oriental*. Évora: Convento de S. Domingos de Évora, 1609.

SANTOS, Manuel dos - *Historia Sebastica*. Lisboa: Officina de António Pedrozo Galram. 1735.

SANTOS, Maria Emília Madeira H. - *O carácter experimental da carreira da Índia: um plano de João Pereira Dantas, com fortificação da África do Sul: 1556*. In Separata da Universidade de Coimbra, #24. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969.

SANTOS, Reynaldo dos - *A Torre de Belém*. Coimbra: Imprensa da Universidade. 1922.

SANTOS, Reynaldo dos - *Miguel de Arruda e a Igreja de Santo Antão de Évora*. Évora: *A Cidade de Évora: Boletim da Câmara Municipal*. 19-20: 7 (1949) 3-5.

SARDI, Pietro - *Corona imperiale dell'architettura militare di Pietro Sardi Romano*. Veneza: Pietro Sardi, 1618.

SILVA, Luiz Augusto Rebello da - *Memoria sobre a população e a agricultura de Portugal, desde a fundação da monarchia até 1865*. Vol.1, (de 1097-1640). Lisboa: Imprensa Nacional. 1868.

SILVEIRA, Luís da - *Ensaio de iconografia das cidades portuguesas do ultramar*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1948.

SILVEIRA, Luís da - *Livro das plantas das fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental com as descrições do marítimo dos reinos e províncias onde estão situadas e outros portos principais daquelas partes: contribuição para a história das*

*fortalezas dos portugueses no Ultramar*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1991.

SOUSA, Frei Luís de - *Annaes de El-Rey D. João III*. Lisboa: Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis. 1844.

SOUSA, Frei Luís de - *Vida do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Braga: Empresa do Diário do Minho, L.da, 1946.

SOUSA, Manuel de Faria e - *África Portuguesa*. Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1681.

SOUSA, Manuel de Faria e - *Ásia Portuguesa*. Lisboa: António Craesbeeck de Mello, 1666 (Tomo 1); 1674 (Tomo 2).

SOUTO, António de Azevedo Meireles do - *Hystorya dos cercos que os olandezes puzerão à fortaleza de Mozambique o anno de 607 e 608*. Lisboa: Studia, Revista Semestral do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos – Agência Geral do Ultramar. 12 (1963) 453-560.

VIGANÓ, Marino - *El fratín mi ynginiero: i Paleari Fratino da Morcote ingegneri militari ticinesi in Spagna (XVI-XVII secolo)*. Bellinzona: Edizioni Casagrande. 2004.

VITERBO, Sousa - *Dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores Portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1988.

VITERBO, Sousa; MENDONÇA, Henrique Lopes de - *Notas sobre alguns engenheiros nas praças de África: para servir de aditamento ao dicionário histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portugueses ou ao serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1922.

WICKI, José - *Duas cartas oficiais de vice-reis da Índia, escritas em 1561 e 1564*. Lisboa: Studia, Revista Semestral do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos – Agência Geral do Ultramar. 3 (1959).